

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**Consumo, logo existo:
a narrativa audiovisual sobre o cidadão**

Dissertação para defesa de mestrado em Ciência Política

Profa. Orientadora Céli Regina Jardim Pinto

HUM 06

Mestrando Saulo de la Rue

Porto Alegre, junho de 1998

T

333.6

L336C

Ciudadanía e mídia

Política: Democracia

globalização

Normalização dos discursos democráticos e do discurso
jornalístico

Identidade do cidadão na mídia

Meios de comunicação: Televisão: Telejornalismo

Mídia: Influência na
Tese

*"La noción de simulacro es útil
sociedade
para entender nuestra época,*

pero a condición de que se

la libere del presupuesto

de la existencia de la no simulación,

que siempre viene de la mano

del ejercicio del poder por parte

del que cree poseer la verdad."¹

GG1 Curso Política

¹LANDI, Oscar. *Devórame otra vez: qué hizo la televisión con la gente, que hace la gente con la televisión*. Buenos Aires: Planeta, 1992, p. 121.

*Para o vovô Gustavo, pela curiosidade e inteligência,
Para a vovó Leopoldina (in memoriam), pela bondade,
Para o vovô Waldemar (in memoriam), pela imaginação,
Para a vovó Helena (in memoriam), pelos princípios,
Para meu pai, pela generosidade,
Para minha mãe, pela vivacidade,
E para meu irmão, minha cunhada
e meus queridos amigos.*

Sumário

Resumo.....	5
Abstract.....	6
Prefácio.....	7
Introdução.....	9
Capítulo I - Cidadania e Democracia em tempos de Globalização:	
a lógica do mercado.....	12
Capítulo II - Análise do Discurso.....	37
Capítulo III - A televisão constrói os sentidos.....	46
Capítulo IV - Um dia do cidadão na tela da televisão:	
a análise do material empírico	72
Conclusão.....	105
Bibliografia.....	110
Anexo - Transcrição.....	112

Resumo

A construção da narrativa sobre o cidadão é hoje um fator fundamental nas sociedades e dela depende em parte o funcionamento das democracias. Esta construção ocorre de forma mediada, através dos meios de comunicação de massa. Na televisão, três discursos dão forma à narrativa sobre o cidadão: o discurso democrático, o discurso jornalístico e a lógica do mercado. Esses discursos vão moldar o cidadão na mídia e na sociedade, tornando-o um consumidor e um produto a ser consumido.

Abstract

The narrative construction of the citizen is today a fundamental factor in society and upon which depends a greater part of the democratic practice. This construction happens in a mediatic way, through the media. In television, three discourses give form to the narrative about the citizen: the democratic discourse, the journalistic discourse and the market logic. These discourses will shape the citizen in the media and society, making him a consumer and a product to be consumed.

Prefácio

Paixão e ódio. Dois sentimentos que sempre me acompanharam na relação com a televisão. Quando pequeno, o fascínio provocou estragos irreversíveis num aparelho antigo lá em casa em Santo Ângelo, por tê-lo deixado ligado tempo demais. Depois, a formação intelectual num colégio, o Sinodal de São Leopoldo, que não permitia aos alunos internos o acesso à televisão. Somente no terceiro ano do segundo grau nos era permitido assistir ao Jornal Nacional, fora isso, a televisão existia para nós somente nas férias e nos feriados. O estudo naquele colégio formou uma idéia de que a televisão era o populacho, o senso comum, a classe média, a mediocridade. Até chegar à faculdade, a idéia se manteve e foi reforçada num curso que sempre privilegiou o jornalismo gráfico em detrimento do televisual.

Mas, mesmo convicto de que o meu futuro seria no jornalismo impresso, a televisão representava uma abertura de mercado de trabalho -mais liberdade de escolha profissional- e, à época, salário maior. A relação começou difícil. Colegas mais rabujentos que os do jornal, exigência e controle maiores, técnicas novas. Tudo indicava que eu não fosse agüentar muito, depois do começo em janeiro de 1992. Só que a televisão se revelou mais uma vez fascinante, e se bem-feita, mais completa que qualquer meio de comunicação. Capaz de me fazer abandonar um emprego na redação da Folha de S.Paulo para poder fazer televisão em Porto Alegre e refletir sobre ela no Mestrado em Ciência Política.

Esta dissertação surgiu desta necessidade: pensar o trabalho como jornalista na RBS TV. Ainda quando ingressei no Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul disse à banca que me selecionou para o curso que gostaria de entender melhor a relação que a televisão estabelece com as pessoas. À época, a minha maior preocupação se referia aos cidadãos que, na tentativa de buscar os seus direitos, recorriam à televisão. Atendi muitos telefonemas

de pessoas que faziam os mais diversos pedidos. Que a televisão era uma forma de conseguir o que se pretendia para estas pessoas, estava claro..., mas o que a televisão fazia com elas e com um sistema incapaz de atendê-las, era como um nebuloso conjunto de impressões. Os estudos vieram a responder muitas das questões. Outras são respondidas neste trabalho, que pretende principalmente mostrar de que forma a narrativa da televisão constrói a identidade dos cidadãos na atualidade.

Ao programa de Mestrado em Ciência Política devo o meu agradecimento por apostar em um profissional de jornalismo sem experiência acadêmica alguma. À direção de telejornalismo da RBS TV devo também o meu agradecimento por ter-me apoiado desde o princípio, concedendo licença remunerada para que durante duas semanas eu pudesse estudar para a prova de seleção do Mestrado e, posteriormente, licença não-remunerada para que eu pudesse dar início aos estudos.

Introdução

Este trabalho pretende estudar a construção da narrativa sobre o cidadão na mídia. O estudo torna-se relevante pelo fato de que na atualidade o peso associado aos atores políticos depende dos significados atribuídos a esses atores num processo de mediação que tem a televisão como peça fundamental. O tema "cidadania na mídia" é, além de atual, importante no momento em que a televisão brasileira atravessa uma série de mudanças em função da concorrência desenfreada entre as grandes redes nacionais. A busca da audiência pelos canais abertos comerciais atinge não somente a ficção, mas os programas de caráter jornalístico e os torna cada vez mais presos a uma narrativa específica que é construída com a intenção de conquistar o telespectador. Esta narrativa acaba, de alguma forma, por construir e definir a cidadania existente hoje no país. Este trabalho de dissertação vai buscar justamente mostrar a forma como emerge o cidadão no noticiário das grandes redes de televisão brasileiras e internacionais.

O trabalho será sustentado pela noção de que três discursos principais constituem as condições de existência e construção dos significados ligados ao cidadão. Um deles é o discurso democrático, que busca a ampliação da liberdade e da igualdade a esferas que vão além da institucionalidade política atual. O outro é o discurso do mercado, que busca a regulação dos mais variados âmbitos das relações sociais a partir das noções da livre iniciativa e da concorrência. O terceiro é o discurso jornalístico que aliado aos anteriores molda a forma como o cidadão é apresentado na televisão. São esses os fundamentos para o trabalho de campo no qual vou analisar de que forma emerge o cidadão em meio a estas narrativas. Para chegar até este ponto vou discutir a superficialidade da televisão, o domínio do senso comum na narrativa televisiva e a ditadura dos índices de audiência.

Pretendo articular estas dimensões a partir da noção de cidadania ligada ao consumo, e, portanto, ao mercado. A hipótese do trabalho é que o cidadão construído pela mídia terá características específicas em função de ser um produto do entrecruzamento dos discursos citados. Assim sendo, o cidadão aparecerá em grande parte do material analisado como um consumidor ou então como um produto a ser consumido. A narrativa constituirá também a posição e atuação do cidadão na sociedade.

Para verificar empiricamente o que está sendo proposto, foi escolhido aleatoriamente um dia, quando foi feita a gravação dos principais telejornais brasileiros e dos principais telejornais das emissoras internacionais de televisão. Considerando que a proposta é buscar a forma e o contexto em que emerge o cidadão no noticiário de uma forma geral, não foi necessária a observação de um período de tempo mais prolongado. O noticiário de um dia inteiro foi considerado suficiente, dado que a narrativa jornalística permanece inalterada no tempo e a abrangência do tema principal e absolutamente pontual -o cidadão- possibilita a verificação num curto período de tempo.

O primeiro capítulo trata da globalização, situando o momento atual e o ambiente em que se insere a análise. Procuro mostrar que as transformações sociais dos últimos anos no cenário mundial atingem a formação das identidades que tendem a se aproximar nos mais diferentes países. Com isso, pretendo que o trabalho não se apresente como a análise de uma situação brasileira, mas de uma situação localizada aqui com possíveis paralelos em outros países. O capítulo vai tratar também do discurso que está a reger parte significativa das relações sociais na atualidade. O princípio do mercado é o regulador que, de certa forma, está determinando as decisões e definindo os valores sociais. Neste capítulo teórico, busco demonstrar a relevância que a predominância do discurso do mercado têm para a análise, já que este será dominante na mídia e moldará a sua narrativa. O capítulo discute ainda a

questão da cidadania. A preocupação é definir a democracia e a cidadania para que isto seja confrontado na análise do material empírico. A intenção é mostrar que a sociedade democrática hoje é aquela que aceita a pluralidade de interesses e reconhece os conflitos.

O segundo capítulo vai demonstrar como, a partir dos autores estudados, vejo a formação de identidades na atualidade e de que forma isso é relevante para o estudo das lutas políticas. Este capítulo serve para esclarecer a análise e para justificar as escolhas feitas. É necessário este aporte teórico para que o restante da análise tenha sentido. Dado que vou tratar da identidade que é construída em torno da cidadania, é importante localizar no trabalho como é o funcionamento desta construção de significados. Estarão incluídos aí, portanto, os principais conceitos de análise do discurso que vão dar sustentação teórica ao restante do trabalho.

O terceiro capítulo é o estudo da mídia especificamente. Nesta parte do trabalho, vou concluir a discussão teórica que envolve a mídia e a cidadania. Farei um relato das dificuldades que os autores enfrentam quando tratam do tema "televisão" e como a televisão chegou a se tornar um fator preponderante nas sociedades. O capítulo pretende mostrar como o discurso da Revolução Democrática, o princípio do mercado e a técnica jornalística moldam e dão forma à representação dos cidadãos e se transformam nos principais reguladores das identidades que são construídas pela mídia.

A partir de análise do material empírico, a dissertação irá relatar o que está acontecendo com a representação da cidadania no espaço televisual. O trabalho reafirma a importância da reflexão sobre as lutas políticas que são a construção de valores agregados aos atores políticos. Neste sentido, este estudo da mídia sob as luzes da ciência política espera conseguir detectar as identidades associadas ao cidadão e de que forma isso pode ser compreendido na atualidade.

Capítulo 1

Cidadania e Democracia em tempos de Globalização: a lógica do mercado

Nos últimos anos, a tecnologia da informação vem provocando grandes transformações e destruindo barreiras comunicacionais. Embora a visão de mundo predominante ainda ocorra a partir do espaço político das nações, essa é uma noção em crise, principalmente em função do dinamismo do mercado global. Com a derrocada do Bloco Socialista, o mundo perdeu vários dos sentidos que antes o constituíam. Sem o antagonismo que dava sentido e construía Leste e Oeste, os Estados-nações ficaram sem a força que tinham como órgão de proteção dos interesses internos. Tudo isso, aliado às facilidades de comunicação e troca, liberou o surgimento dos novos atores, principalmente as empresas transnacionais e as organizações não-governamentais. Em princípio, tem-se a impressão de que se trata de uma nova comunidade universal, baseada nos preceitos liberais. Com essa primeira impressão, houve uma sensação de otimismo logo após o fim da Guerra Fria, mas percebeu-se em seguida que este conceito também não se adaptava. A globalização ainda suscita a visão de uma comunidade universal ocidentalizada, mas esbarra em questões locais, quase tribais. Os Estados que antes conseguiam abafar reivindicações locais em prol de um bem-comum e em oposição a um inimigo externo, agora enfraquecido, não conseguem conter as exigências e o sistema se torna instável. O ideal cristão de comunidade universal, hoje com uma nova pedra fundamental, o neoliberalismo, esbarra no passado de cada nação. O que ocorre é que o neoliberalismo, sem antagonistas, tende a diminuir a sua capacidade de definição dos novos atores e eles acabam se constituindo a partir de outras diferenças (sociais, étnicas, culturais).

O fim da Guerra Fria seria recebido com satisfação, pois seria uma nova era de harmonia. Mas o desafio que se coloca parece crescer: surgem em todos os cantos do mundo novos conflitos étnicos e comunais. Irrompem antigos nacionalismos, sem chances de paz a curto prazo. Nestes conflitos, estão sempre presentes as desigualdades sociais, que parecem surgir hoje como a nova fonte definidora de atores políticos. Sem Leste e Oeste, o mundo passa a se dividir entre Norte e Sul, mesmo que o norte e o sul estejam lado a lado na mesma cidade. Alguns autores já vêem o que chamam de terceiro-mundização do Primeiro Mundo e vice-versa. Se por um lado, o socialismo fracassou frente ao capitalismo, este último fracassa em conseguir o bem-estar de toda a população e se caracteriza cada vez mais pela exclusão.

Como diz Laclau¹ na introdução de *The Making of Political Identities*, o fim da Guerra Fria foi também o fim de ideologias globalizantes, que dominaram a arena política a partir de 1945. Para ele, essas ideologias não foram substituídas por outras e o seu colapso foi acompanhado de um declínio geral da política ideológica. Laclau define o período histórico que vivemos como segue:

"A History without ultimate meanings, without Absolut Spirit, shows itself in *a first way* as a consciousness of the contingent, precarious, limited character of what remains. And this leads to a new awareness of the complex mechanisms through which all identity -and all social reality- is constructed; indeed, it leads to an awareness of its deeply ambiguous conditions of existence."

Como outros autores da atualidade, Laclau não faz premonições. Adiante na mesma introdução², o autor vê duas possibilidades de evolução do quadro atual sem se definir por nenhuma delas. De um lado, a proliferação de identidades políticas poderia levar a um aprofundamento do processo democrático e, de outro, poderia

¹LACLAU, Ernesto. *The Making of Political Identities*. Londres: Verso, 1994, p. 1.

²Ibid., p. 5.

acabar numa implosão do social, e conseqüentemente numa sociedade radicalmente desregulada, o que abriria espaço para soluções autoritárias.

Para Santos³, que também descarta qualquer tentativa de determinar categoricamente o que está a ocorrer no sistema mundial, o período é de "experimentação social, de formulação de alternativas mais ou menos radicais ao modelo de desenvolvimento econômico e social do capitalismo e de afirmação política de novos sujeitos sociais, bem simbolizada nos novos movimentos sociais, sobretudo nos países centrais, e nos movimentos populares em toda a América Latina".

No trabalho de Santos, as novas identidades e movimentos sociais que surgiram nos últimos anos trazem consigo a grande novidade das lutas políticas atuais, por serem ao mesmo tempo críticos da "regulação social capitalista" e da "emancipação social socialista", como ele as define.

Para Santos:

"Ao identificar novas formas de opressão que extravasam das relações de produção e nem sequer são específicas delas, como sejam a guerra, a poluição, o machismo, o racismo ou o produtivismo, e ao advogar um novo paradigma social menos assente na riqueza e no bem-estar material do que na cultura e na qualidade de vida, os NMS (*Novos Movimentos Sociais*) denunciam, com uma racionalidade sem precedentes, os excessos de regulação da modernidade."⁴

No próprio texto de Santos, nota-se claramente a falta de uma redefinição de conceitos para a atualidade. Ligado à definição marxista de classe, o autor explica que, o que ele chama de "novas formas de opressão" não atingem apenas uma classe social, mas grupos "transclassistas" ou mesmo a sociedade como um todo. É bom ressaltar, assim como faz o autor, que as tais "novas" formas de opressão sempre existiram e, como ele próprio explica mais adiante, só agora ganham visibilidade. O

³SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 250.

⁴Ibid., p. 258. (adendo e grifo meus)

autor ressalta que a aceitação das novas lutas políticas implica na crítica dos paradigmas anteriores, e, portanto, do marxismo, do movimento operário tradicional e do chamado "socialismo real".

Santos, assim como Laclau em sua obra, afirma que as "novas formas de opressão são reveladas *discursivamente* nos processos sociais onde se forja a identidade das vítimas"⁵. Como anuncia o trecho citado, são identidades de vítimas, isto é, identidades que surgem a partir do que está sendo considerado uma "opressão". Tal construção, faz Santos concluir que a luta política da atualidade busca soluções imediatas para o cotidiano e não para um futuro longínquo.

Estas lutas, além de "transclassistas", são hoje transnacionais. Os processos de identificação, com o desenvolvimento das comunicações, tornaram-se globais. Não são, no entanto, apenas "vítimas", como descreve Santos, que surgem a partir de tais construções. Surgem também novas identidades que se definem transnacionalmente através dos hábitos de consumo. Formas de identificação que atravessam as culturas nacionais e a que qualquer um hoje pode ter acesso.

Para Canclini⁶, as mudanças nos últimos 20 anos passam por uma redefinição da sociedade civil, visto que, segundo ele, os Estados nacionais estão em crise. Sendo assim, Canclini faz uma análise semelhante à proposta por Santos. Ele afirma que as "comunidades atomizadas" -que eu entendo como novas identidades políticas-, "se organizam mais em torno de *consumos simbólicos* do que em relação a *processos produtivos*".⁷

"As sociedades civis aparecem cada vez menos como comunidades nacionais, entendidas como unidades territoriais, lingüísticas e políticas; manifestam-se principalmente como comunidades hermenêuticas de consumidores, ou melhor, como conjunto de pessoas que

⁵Loc. Cit. (grifo meu)

⁶CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996, p. 261.

⁷Loc. Cit. (grifo meu)

compartilham gosto e pactos de leitura em relação a certos bens (gastronômicos, desportivos, musicais), os quais lhes fornecem identidades comuns."⁸

Esta redefinição de sociedade civil se insere numa redefinição de cultura. Para Canclini, para além das fronteiras entre os países, cultura passa a ser um "processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar".⁹

Mesmo com novas definições em andamento, os autores que tratam da globalização são críticos em relação ao próprio trabalho. "As dimensões globais da realidade social parecem desafiar ainda pouco as ciências sociais", é o que diz Ortiz, antropólogo brasileiro que trata do assunto. Segundo ele, o padrão de análise da economia e da política permanece sendo o nacional. Ortiz faz uma separação conceitual entre o que ocorre no plano econômico (globalização) e o que ocorre no plano cultural (mundialização). Ele define globalização como um processo emergente. "O conceito se aplica, portanto, à produção, distribuição e consumo de bens e de serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial, e voltada para o mercado mundial."¹⁰ Já a mundialização é para o autor "um fenômeno que permeia o conjunto das manifestações culturais"¹¹ e é definida a partir do conceito de globalização: "Uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou".¹²

Ortiz vê também, assim como os autores citados anteriormente, na globalização/mundialização o surgimento de identidades transnacionais definidas a partir do consumo. Segundo ele, a segmentação interna dos países corresponde a uma

⁸Loc. Cit.

⁹Ibid., p. 17.

¹⁰ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 16.

¹¹Ibid., p. 30.

¹²Ibid., p. 31.

homogeneização através dos países. Isto é, identidades comuns formam-se em espaços desterritorializados.

"Não importa tanto a oposição homogêneo/heterogêneo; o relevante é entender como segmentos mundializados partilham as mesmas características. O mundo é um mercado diferenciado constituído por camadas afins. Não se trata, pois, de produzir e vender artefatos para "todos", mas promovê-los globalmente entre grupos específicos."¹³

O processo de globalização torna transnacionais também as principais questões da humanidade. Não só o comércio, a produção e a informação estão globalizados, mas também a pobreza, os danos ambientais e o desemprego, isto é, as grandes questões políticas e econômicas. Explica Vieira que é...

"...neste contexto que nasce hoje o conceito de cidadão do mundo, de cidadania planetária, que vem sendo paulatinamente construída pela sociedade civil de todos os países, em contraposição ao poder político do Estado e ao poder econômico do mercado."¹⁴

Os autores consultados se referem em conjunto a uma crise da hegemonia do Pós-Guerra. Há uma concordância geral de que as mudanças que ocorrem são globais. Há convergência também no fato de que novas identidades transnacionais surgem em função do consumo e de problemas que hoje estão globalizados. São novas identidades que postulam os chamados novos direitos, de que tratarei mais adiante.

No mundo globalizado, uma tendência determinante é o princípio do mercado como fator definitivo em todas as instâncias do social. Entre os discursos predominantes, o princípio do mercado sustenta na atualidade que a mão invisível tem mais eficiência que a política para organizar as sociedades e, portanto, regula hoje a

¹³Ibid., p. 171.

¹⁴VIEIRA, Liszt. *Cidadania e Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 32.

oferta cultural e define as práticas e as ações. Antes de definir especificamente o que entendo por luta política na atualidade e, a partir daí, passar ao estudo da mídia, cabe analisar mais profundamente as mudanças dos últimos anos a partir dessa perspectiva. Como esclarecem Laclau e Mouffe, não há praticamente domínio algum da vida individual ou coletiva na atualidade que consiga escapar das relações capitalistas. A abrangência vai além das relações de produção.

"This 'commodification' of social life destroyed previous social relations, replacing them with commodity relations through which the logic of capitalist accumulation penetrated into increasingly numerous spheres. Today it is not as a seller of labour-power that the individual is subordinated to the capital, but also through his or her incorporation into a multitude of other social relations: culture, free time, illness, education, sex and even death."¹⁵

Esta "mercadorização" do social é, portanto, fundamental neste estudo. A importância desse enfoque surge da necessidade de definição do ambiente em que ocorrem as lutas políticas da atualidade. Esta posição central do mercado é percebida por Santos, como já mencionado anteriormente, como uma passagem do domínio do político, isto é, da regulação racional da vida social, para o domínio do econômico. Segundo o autor, a tendência de supremacia do liberalismo econômico expressa ao mesmo tempo o desenvolvimento do princípio do mercado em detrimento do princípio do Estado. Para ele, os exemplos mais marcantes desta política de desmantelamento do Estado-providência em prol do privatismo implementado na maioria dos países teve por ápice a Era Reagan, nos Estados Unidos, e a Era Thatcher, no Reino Unido.

Para Santos,

¹⁵LACLAU, Ernesto e MOUFFE, Chantal. *Hegemony & Socialist Strategy: Towards a radical democratic politics*. London: Verso, 1994, p. 161.

"o regresso do princípio do mercado nos últimos vinte anos representa a revalidação social e política do ideário liberal e, conseqüentemente, a revalorização da subjetividade em detrimento da cidadania. Também neste domínio a resposta do capital aproveita e distorce sabiamente algumas das reivindicações dos movimentos contestatórios dos últimos trinta anos. A aspiração de autonomia, criatividade e reflexividade é transmutada em privatismo, dessocialização e narcisismo, os quais acoplados à vertigem produtivista, servem para integrar como nunca, os indivíduos na compulsão consumista."¹⁶

Cabe explicitar como Santos define a cidadania para que o trecho citado seja compreendido na sua totalidade e para que não haja confusão com o emprego deste conceito mais adiante. Para o autor, a noção de cidadania não pode ser dissociada da noção de Estado, estando os dois relacionados dentro do mesmo modelo. O Estado tornou-se parte de uma esfera pública verdadeira, deixando de se constituir como propriedade privada de algum grupo específico a partir da "concessão de direitos cívicos e políticos e da conseqüente universalização da cidadania"¹⁷. Se este Estado, onde houve "a consubstanciação teórica do ideal democrático de participação igualitária no domínio social"¹⁸, está em decadência, pode-se deduzir que a cidadania, dentro deste modelo, também esteja em crise.

Os autores parecem concordar com a noção de crise no modelo, há porém divergências nas interpretações do que está a ocorrer. Ao invés de uma visão um tanto pessimista, de desestruturação do Estado e de declínio da cidadania, o que se pode depreender do mesmo processo é uma tendência contra o estatismo, a favor do público e formador, portanto, de uma nova cidadania.

É consenso entre tendências políticas diversas que a diferenciação das sociedades democráticas da atualidade não consegue ser atendida satisfatoriamente pelas máquinas burocráticas estatais. Os sistemas de seguridade social estão à beira da

¹⁶SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 255.

¹⁷Ibid., p. 122.

¹⁸Loc. Cit.

falência em grande parte dos países e os serviços essenciais que o Estado-providência prometeu suprir estão longe de ser atendidos. Dentro deste quadro, surgem demandas por novos direitos, principalmente em função da necessidade de reconstrução da esfera pública, não mais suficientemente preenchida pelo Estado. Como coloca Canclini,

"O descrédito dos Estados como administradores de áreas básicas da produção e informação, assim como a não-credibilidade dos partidos (incluídos os de oposição), diminuiu os espaços onde o interesse público podia se fazer presente, onde deve ser limitada e arbitrada a luta - de modo selvagem- entre os poderes mercantis privados."¹⁹

Esta diminuição de espaços públicos provocou o surgimento de novas frentes de luta, dentro da institucionalidade atual. Como as escolhas dos cidadãos ficaram, de certa forma, restritas ao consumo, este está sendo redefinido, não apenas como espaço de produção e reprodução, mas como um novo espaço político, pois cada vez mais os consumidores passam a agir como cidadãos. Para Canclini, esta redefinição é fundamental dentro do processo de reconstrução de espaços públicos. "Vincular o consumo com a cidadania requer ensaiar um reposicionamento do mercado na sociedade, tentar a reconquista imaginativa dos espaços públicos, do interesse pelo público"²⁰.

A idéia de Canclini é apresentada, no entanto, muito mais como uma teleologia, do que propriamente uma análise do que se passa na atualidade. Há um acordo geral que a relação Estado/cidadania está assumindo uma nova forma e que o mercado é determinante neste processo, mas consumo e cidadania não podem ser considerados plenamente vinculados, e, de sua parte, o mercado ainda não foi totalmente reposicionado na sociedade.

¹⁹CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais na globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996, p. 68.

²⁰Loc. Cit.

A mesma posição -de que é no consumidor que deve estar o cidadão da atualidade- é expressa claramente por Touraine²¹. Preocupado com a questão democrática numa sociedade fragmentada pela supremacia do econômico sobre o político, Touraine pensa numa saída democrática possível para a sociedade de massas.

"Como será possível impedir ou limitar tal fragmentação da sociedade sem impor normas cívicas ou republicanas que são apenas formas secularizadas da moral religiosa recusada por um número crescente de indivíduos em nome da liberdade de viver, pensar e se organizar como entendem? Existe uma única resposta para essa questão: é preciso redescobrir, atrás do consumo, relações sociais, portanto, relações de poder."²²

A resposta de Touraine expressa a necessidade de não impedir ou colocar limites numa sociedade que ele considera a mais tolerante que qualquer outra que possa ter existido: a sociedade de consumo. Trata-se, na concepção do autor, de valorizar uma sociedade que conseguiu um alto grau de diversificação e, ao mesmo tempo, buscar condições de impedir que a proliferação de novas identidades fragmente de tal forma a sociedade, tornando-se uma ameaça à democracia. Para o autor, a democracia seria "o meio político de salvaguardar essa diversidade, fazer viver em conjunto indivíduos e grupos cada vez mais diferentes uns dos outros em uma sociedade que também deve funcionar como uma unidade".²³

Os autores estudados, conforme veremos em seguida, propõem uma nova democracia, que vai além da igualdade e das conquistas sociais. A democracia que se pensa no modelo de sociedade em que as práticas discursivas constroem os grupos e definem as ações políticas é baseada principalmente no direito a ter direitos. A democracia hoje seria o que é chamado de radical, num movimento que busca uma

²¹TOURAINÉ, Alain. *O que é a democracia?* Petrópolis: Vozes, 1996, p. 184.

²²Loc. Cit.

²³Ibid., p. 165.

igualdade eficaz onde a institucionalidade democrática representativa já apresenta deficiências.

A democracia, hoje uma organização institucionalizada do social, foi, desde a Revolução Francesa, capaz de criar novos significados e, conseqüentemente, transformar o social. A conquista sucessiva dos direitos civis, direitos políticos e direitos sociais foi promovida pelo discurso que considera, até aqui, a igualdade e a liberdade como noções positivas a partir das quais a sociedade deveria ser organizada. O discurso democrático redefiniu a organização social em todo o mundo ocidental de tal forma nos últimos séculos, que hoje é considerado um dos maiores bens políticos em muitos países. Os princípios democráticos da igualdade e da liberdade se constituem, então, em um ponto nodal fundamental na construção do espaço político. É a partir da chamada Revolução Democrática, como definiu Tocqueville, que se quebrou a sociedade hierárquica fundada na lógica da vontade divina. Passo a passo, os novos fundamentos democráticos foram se alastrando e derrubando as posições fixas que formavam a sociedade do antigo regime.

"This break with the ancien régime, symbolized by the Declaration of the Rights of Man, would provide the discursive conditions which made it possible to propose the different forms of inequality as illegitimate and anti-natural, and thus make them equivalent as forms of oppression. Here lay the profound subversive power of the democratic discourse, which would allow the spread of equality and liberty into increasingly wider domains and therefore act as a fermenting agent upon the different forms of struggle against subordination."²⁴

Nos últimos anos, no entanto, a evolução da formação discursiva que dá origem à democracia acompanhou as transformações sociais. A institucionalidade democrática permanece assentada sobre o modelo representativo, mas os autores

²⁴LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. *Hegemony & Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. Londres: Verso, 1995, p. 155.

propõem novos caminhos a partir do fim da Guerra Fria, da globalização e do domínio da lógica do mercado.

Com a queda do Bloco Comunista, houve inicialmente um esvaziamento de sentido no campo político. Tanto a esquerda como a direita ficaram sem saber o que fazer. O que antes estava sedimentado em anos de conflito e polaridade perdeu muito de sua razão de ser. Houve, aliado a isso, um crescente desinteresse da população pela grande política, a política ideológica dos partidos. O que estaria levando a esta desmobilização seria, principalmente, a incapacidade de os partidos atenderem às novas demandas sociais. Construídas justamente em função destas novas demandas sociais, as novas fronteiras da Revolução Democrática estão produzindo uma redefinição do político neste fim de século.

A democracia representativa foi, durante todo o Século 20, mantida e construída em oposição aos regimes totalitários. Quando esta definição perde o sentido, o novo desafio é manter a democracia, mesmo sem que ela tenha que se opor ideologicamente a outro regime, para poder se reproduzir. O que se considera ameaçado, no momento, é a própria Revolução Democrática, isto é, na falta de uma luta política que funcionasse como pólo definidor, como articulador do discurso democrático. Teme-se que, neste contexto, a democracia perderia terreno para outras formas de identificação: no caso, totalitárias e fundamentalistas.

Para Mouffe, somente o estabelecimento de novas fronteiras políticas seria capaz de dar um novo impulso à democracia.

"The notion of a radical democratic citizenship is crucial here because it could provide a form of identification that enables the establishment of a common political identity among diverse democratic struggles. (...) It is important not to aim at a neutral conception of citizenship applicable to all members of the political community. (...) Its rejection of pluralism and defence of a substantive idea of the 'common good' represents, in my view, another way of evading the ineluctability of antagonism. (...) Citizenship is vital for democratic politics, but a modern democratic

theory must make room for competing conceptions of our identities as citizens.²⁵

A autora argumenta mais adiante que, para radicalizar a idéia de pluralismo, para torná-lo um veículo do aprofundamento da Revolução Democrática, há que se romper com o racionalismo, com o individualismo e com o universalismo.

"Only on that condition will it be possible to apprehend the multiplicity of forms of subordination that exist in social relations and to provide a framework for the articulation of the different democratic struggles - around gender, race, class, sexuality, environment and others. This does not imply the rejection of any idea of rationality, individuality or universality, but affirms that they are necessarily plural, discursively constructed and entangled with power relations."²⁶

A idéia de novas lutas democráticas baseadas em identidades de gênero, raça, classe, sexualidade e meio ambiente impõe, não só uma ampliação das fronteiras democráticas, mas, em muitos casos, um deslocamento do político para uma esfera antes privada. Os novos limites falam ao sujeito-cidadão, como veremos mais adiante.

Outros autores chegam a conclusões semelhantes partindo de premissas diversas. Touraine, por exemplo, a partir de uma perspectiva histórica, analisando as transformações no sistema de produção, acredita também na necessidade de encontrar novos fundamentos para a democracia, em função do enfraquecimento do espírito republicano. Para ele, "tal necessidade apareceu quando a ordem política se separou da ordem do mundo (...) e foi invadida pela atividade econômica, poder militar e espírito burocrático"²⁷. Touraine explica:

"A liberdade dos modernos é a reformulação da liberdade dos antigos: conserva dela a idéia primitiva de soberania popular, mas faz explodir as idéias de povo, nação, sociedade das quais podem surgir novas formas de poder

²⁵MOUFFE, Chantal. *The Return of the Political*. Londres: Verso, 1993, p. 6-7.

²⁶Loc. Cit.

²⁷TOURAINÉ, Alain. *O que é a Democracia?* Petrópolis: Vozes, 1996, p. 163

absoluto; assim, descobre que unicamente o reconhecimento do sujeito humano individual pode ser a base da liberdade coletiva, ou seja, a democracia. Esse princípio tem alcance universal mas, ao mesmo tempo, tem aplicação histórica limitada e não impõe qualquer norma social permanente."²⁸

Desta forma, segundo o autor, para que uma sociedade seja democrática há que haver o reconhecimento de conflitos sociais insuperáveis, da pluralidade de interesses e da liberdade pessoal. A democracia seria, para Touraine, o sistema capaz de reconhecer este processo político, sua abertura e transparência. "A democracia é o meio político de salvaguardar essa diversidade, fazer viver em conjunto indivíduos e grupos cada vez mais diferentes uns dos outros em uma sociedade que também deve funcionar como uma unidade."²⁹

Santos formula também a necessidade de renovação da teoria democrática. Para ele, é preciso ir além da democracia representativa, além do ato de votar. É necessária uma articulação entre a democracia representativa e a participativa. Na mesma linha de raciocínio dos autores apresentados até aqui, Santos vê a necessidade de ampliar o espectro do político até que este atinja relações consideradas privadas. O autor critica o confinamento do espaço da cidadania às relações ditas "políticas" e defende a sua ampliação.

"A teoria política liberal transformou o político numa dimensão sectorial e especializada da prática social - o espaço da cidadania - e confinou-o ao Estado. Do mesmo passo, todas as outras dimensões da prática social foram despoliticizadas e, com isso, mantidas imunes ao exercício da cidadania. O autoritarismo e mesmo o despotismo das relações sociais "não-políticas" (econômicas, sociais, familiares, profissionais, culturais, religiosas) pôde assim conviver sem contradição com a democratização das relações sociais "políticas" e sem qualquer perda de legitimação para estas últimas."³⁰

²⁸Loc. Cit.

²⁹Ibid., p. 165

³⁰SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 271.

Face a este quadro, Santos faz a sua proposta.

"A nova teoria democrática deverá proceder à repolitização global da prática social e o campo político imenso que daí resultará permitirá desocultar formas novas de opressão e de dominação, ao mesmo tempo que criará novas oportunidades para o exercício de novas formas de democracia e cidadania. Esse novo campo político não é, contudo, um campo amorfo. Politizar significa identificar relações de poder e imaginar formas práticas de as transformar em relações de autoridade partilhada."³¹

Neste sentido, será democrático o Estado que reconhecer as novas lutas democráticas e, portanto, os novos direitos. Será democrático o Estado que reconhecer, então, o direito à criação de novos direitos. A democracia estará na legitimidade alcançada pelas novas lutas democráticas que conseguem ampliar os direitos civis e políticos da cidadania e construir discursivamente os direitos de grupos que antes não se constituíam como forças políticas, entre eles, principalmente, as chamadas minorias. É, portanto, na construção de novas identidades que está a base da democracia na atualidade.

No âmbito institucional, afora as instâncias da democracia representativa, não se tem hoje nenhum Estado com características que incorporem esta visão de democracia. Há tentativas de conciliação da democracia representativa com a direta, mas de forma incipiente. Mesmo assim, dentro da institucionalidade atual, é possível vislumbrar qual seja o modelo de Estado que dê conta da ampliação da Revolução Democrática.

Vejamos a explicação de Vieira, a partir de Chauí:

"Um Estado democrático é aquele que considera o conflito legítimo. Não só trabalha politicamente os diversos *interesses e necessidades particulares* existentes na sociedade, como procura instituí-los em *direitos universais* reconhecidos formalmente. Os indivíduos e grupos organizam-se em associações, movimentos sociais,

³¹Loc. Cit.

sindicatos, e partidos, constituindo um contrapoder social que limita o poder do Estado. Um sociedade democrática não cessa de trabalhar suas divisões e diferenças internas, e está sempre aberta à ampliação dos direitos existentes e à criação de novos direitos."³²

O traço comum entre os autores citados, resguardando as suas inserções teóricas diferentes, aponta para novos grupos sociais e para a formação e construção de novas forças políticas. É necessário aqui, para chegar ao ponto pretendido por este trabalho, aprofundar as definições de cidadania e identidade, que, assim como a de democracia, serão fundamentais mais adiante quando forem abordados os meios de comunicação de massa.

A partir do aprofundamento da Revolução Democrática, está criado o campo que torna possível a extensão da igualdade a outras relações de subordinação. É neste campo que proliferaram novas formas de identidades políticas, que os autores de diversas correntes teóricas, têm chamado de *novos movimentos sociais*. Estes movimentos expressam opressões que são reveladas discursivamente nos processos sociais onde se forma a identidade dos grupos que buscam reverter suas condições e conquistar novos direitos. Ao contrário da luta de classes, em que a construção das identidades opunha burguesia e proletariado buscando definir assim toda a sociedade, as lutas democráticas atuais têm limites mais estreitos, mas não menos mobilizadores e importantes, principalmente para os cidadãos envolvidos.

Como mencionado anteriormente, a partir da crise dos paradigmas definidores do Século 20, as lutas democráticas foram ampliadas para a esfera privada. Aliado a isso, estas lutas passaram a buscar direitos efetivos e próximos, e não num futuro distante. São lutas preocupadas com as relações quotidianas e não mais com a transformação geral da sociedade. Mesmo conservando estas diferenças em relação às conquistas anteriores de direitos civis, políticos e sociais, pode-se traçar ao mesmo

³²CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995, in VIEIRA, Liszt. *Cidadania e Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 40.

tempo uma continuidade e uma descontinuidade entre os novos movimentos sociais e as lutas democráticas do passado. Laclau e Mouffe alertam para este fato.

"The aspect of continuity basically involves the fact that the conversion of liberal-democratic ideology into the "common sense" of Western societies laid the foundation for that progressive challenge to the hierarchical principle which Tocqueville called the 'equalization of conditions'. It is the permanence of this egalitarian imaginary which permits us to establish a continuity between the struggles of the nineteenth century against the inequalities bequeathed by the ancien régime and the social movements of the present. But from a second point of view we can speak of descontinuity, as a good proportion of the new political subjects have been constituted through their antagonistic relationship to recent forms of subordination, derived from the implanting and expansion of capitalist relations of production and the growing intervention of the state."³³

Sendo as novas identidades uma decorrência da expansão da Revolução Democrática ou a reação às novas formas de subordinação, elas indicam um momento novo na sociedade em que são necessários novos conceitos de cidadania que compreendam esta realidade. A partir da redefinição de cidadania é que se terá o novo modelo de sociedade que se pretende. Isto é, o conceito de cidadania, além de um estatuto legal nas democracias contemporâneas, deve incluir o traço que une as novas identidades, as identidades-cidadãs. Este traço é a equivalência possível entre as diversas lutas democráticas.

A definição de cidadania, conforme Mouffe, segue duas linhas ideológicas diferentes: a liberal e a comunitária.

"According to that liberal view, citizenship is the capacity for each person to form, revise and rationally pursue his/her definition of the good. Citizens are seen as using their rights to promote their self-interest within certain constraints imposed by the exigency to respect the rights of others. The communitarians object that it is an impoverished conception that precludes the notion of the

³³LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. Londres: Verso, 1985, p. 160.

citizen as one for whom it is natural to join with others to pursue common action in view of the common good."³⁴

Para Mouffe, apesar de haver problemas graves com o conceito liberal de cidadania, deve-se estar atento para as lacunas da solução republicana. Para a autora, o conceito de cidadania ligado à noção de bem-comum proporciona uma visão muito mais rica do que o conceito liberal. A concepção de política como o domínio em que é possível reconhecer-se como participante de uma comunidade tem um apelo óbvio para a crítica do individualismo.

Segue Mouffe:

"Nevertheless there is a real danger of returning to a premodern view of politics, which does not acknowledge the novelty of modern democracy and the crucial contribution of liberalism. The defence of pluralism, the idea of individual liberty, the separation of Church and State, the development of civil society - all are constitutive of modern democratic politics. They require that a distinction be made between the private and the public domains, the realm of morality and the realm of politics. Contrary to what some communitarians propose, a modern democratic political community cannot be organized around a single substantive idea of the common good. The recovery of a strong participatory idea of citizenship should not be made at the cost of sacrificing individual liberty. This is the point where the communitarian critique of liberalism takes a dangerous conservative turn."³⁵

Seguindo os passos da autora, não se trata de substituir uma tradição pela outra, mas de encontrar um novo conceito capaz de combinar características que levem a um projeto de democracia pluralista e radical. O liberalismo, por um lado, contribuiu para o conceito de cidadania universal ao postular que os indivíduos nascem livres e iguais, mas limitou a ação da cidadania a um mero status legal, definindo os direitos que o cidadão tem em relação ao Estado. É, neste sentido, um conceito estanque que fica em desacordo com o espaço político que propus até aqui.

³⁴MOUFFE, Chantal. *The Return of the Political*. Londres: Verso, 1993, p. 61.

³⁵Ibid., p. 62.

O republicanismo, por outro lado, enfatiza o valor da participação política e atribui um papel central para a inserção individual na comunidade política. A noção de bem-comum é que foge -também- ao que foi proposto conceitualmente sobre o espaço político. Na realidade, a falta de uma sutura final na sociedade - a falta de uma totalidade - impede a construção do bem-comum. A comunidade política democrática precisa, portanto, ser vista para além das duas concepções.

A articulação possível entre o liberalismo e o republicanismo leva à redefinição de cidadania. Tomando os princípios de liberdade e igualdade para todos como específicos da tradição liberal e como base da identificação dos cidadãos nas sociedades democráticas liberais, Mouffe propõe a redefinição.

"To be a citizen is to recognize the authority of such principles and the rules in which they are embodied, to have them informing our political judgement and our actions. To be associated in terms of the recognition of liberal democratic principles: this is the meaning of citizenship that I want to put forward. It implies seeing citizenship not as a legal status but as a form of identification, a type of political identity: something to be constructed, not empirically given. Since there will always be competing interpretations of the democratic principles of equality and liberty, there will therefore be competing interpretations of democratic citizenship."³⁶

Nesta perspectiva, passa-se a lidar com um tipo de identidade política e não mais um status legal. O cidadão é uma forma de identificação e não mais um portador de direitos definidos em lei. Conforme Mouffe,

"(Citizenship) is a common political identity of persons who might be engaged in many different purposive enterprises and with differing conceptions of the good, but who accept submission to the rules prescribed by the *respublica* in seeking their satisfaction and performing their actions. What binds them together is their common recognition of a set of ethico-political values. In this case, citizenship is not just one identity among others, as in liberalism, or the dominant identity that overrides all others, as in civic republicanism. It is an articulating

³⁶Ibid., p. 66.

principle that affects the different subject positions of the social agent (...) while allowing for a plurality of specific allegiances and for respect of individual liberty."³⁷

Esta interpretação se estende às numerosas relações sociais em que a subordinação é presente. A constatação desta dominação existe no momento em que a liberdade e a igualdade são levadas adiante e se tornam desafios aos grupos envolvidos. A partir da afirmação destes grupos é que se dá a construção de lutas políticas democráticas radicais na atualidade. A construção de identidades políticas depende, então, de uma forma política de identificação das demandas democráticas de diversos movimentos. Entre eles: movimentos de mulheres, gays, negros, ecologistas como também em outros 'novos movimentos sociais'. Esta definição de cidadania prevê a noção de uma equivalência que articule estes movimentos, construindo uma relação solidária entre eles, e, desta forma, provocando um reposicionamento da sua própria identidade. A nova identidade destes movimentos inclui a aceitação e o respeito pela diferença, que no fundo é uma forma de valorizar ao mesmo tempo a liberdade e a igualdade. É, em síntese, a liberdade para ser diferente e o reconhecimento mútuo de forças políticas equivalentes, o que leva a um sentimento de igualdade na diferença. Retomando e reafirmando o que já foi exposto anteriormente, esta análise só pode ser formulada adequadamente se considerarmos uma perspectiva não-essencialista, em que as noções de sociedade e agentes políticos são vistas como formações discursivas.

O que está sendo proposto não é um modelo acabado e muito menos uma teleologia. É uma tentativa de análise deste momento de transformação social em que vivemos. O caráter radical desta perspectiva é reforçado por outros autores, de outras afiliações teóricas. Mesmo com ressalvas em relação à efemeridade e à falta de um projeto amplo dos novos movimentos sociais, Santos concorda com a força propulsora de igualdade e liberdade que estes movimentos representam.

³⁷Ibid., p. 69-70.

"A novidade maior dos NMSs reside em que constituem tanto uma crítica da regulação social capitalista, como uma crítica da emancipação social socialista tal como ela foi definida pelo marxismo. Ao identificar novas formas de opressão que extravasam das relações de produção e nem sequer são específicas delas, como sejam a guerra, a poluição, o machismo, o racismo, ou o produtivismo, e ao advogar um novo paradigma social menos assente na riqueza e no bem-estar material do que na cultura e na qualidade de vida, os NMSs denunciam, com uma radicalidade sem precedentes, os excessos de regulação da modernidade."³⁸

Santos ressalta, assim como Mouffe, que o âmbito de ação dos movimentos sociais deixou, há muito, de ser apenas a esfera pública. Trata-se de relações de trabalho e de produção, mas também de relações privadas que atravessam países, culturas e classes. Esta definição põe em xeque mais uma vez as teorias que sustentaram os movimentos de classe, como o marxismo e o socialismo, e considera que os grupos que formam os movimentos são constituídos discursivamente. Como propõe Santos, "as novas formas de opressão são reveladas discursivamente nos processos sociais onde se forja a identidade das vítimas, não há uma pré-constituição estrutural dos grupos e movimentos de emancipação".³⁹

Os novos movimentos sociais participam, como já foi aqui colocado, de uma ampliação do espaço político e de uma tentativa de derrubada do mero status legal da cidadania. A idéia é defendida também por Santos, que considera positiva a tensão entre a democracia representativa e as novas forças democráticas. Para ele, este processo leva à ampliação e redefinição do campo político.

"A politização do social, do cultural e, mesmo, do pessoal abre um campo imenso para o exercício da cidadania e revela, no mesmo passo, as limitações da cidadania de extração liberal, inclusive da cidadania social, circunscrita ao marco do Estado e do político por ele constituído. Sem

³⁸SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: o Social e o Político na Pós-Modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 258.

³⁹Loc. Cit.

postergar as conquistas da cidadania social, como pretende afinal o liberalismo político-econômico, é possível pensar e organizar novos exercícios de cidadania - porque as conquistas da cidadania civil, política e social não são irreversíveis e estão longe de ser plenas - e novas formas de cidadania - colectivas e não meramente individuais; assentes em formas político-jurídicas que, ao contrário dos direitos gerais e abstratos, incentivem a autonomia e combatam a dependência burocrática, personalizem e localizem as competências interpessoais e colectivas em vez de as sujeitar a padrões abstractos; atentas as novas formas de exclusão social baseadas no sexo, na raça, na perda de qualidade de vida, no consumo, na guerra, que ora ocultam ou legitimam, ora complementam e aprofundam a exclusão baseada na classe social."⁴⁰

Fazendo uma ligação com o que foi proposto anteriormente a partir de Canclini, a cidadania deve se alastrar para o âmbito do mercado, transformando os consumidores em cidadãos. É na ação política que está ligada ao consumo de bens culturais que são constituídas as novas identidades políticas. São identidades mediadas, seja através de produtos ou de outras escolhas que possibilitam o processo de diferenciação e, portanto, identificação. A ação política, sendo uma força não-institucionalizada, encontrou um suporte físico nos meios de comunicação de massa. É através do rádio, do jornal e da televisão que são construídos discursivamente as identidades e mobilizado o capital político dos movimentos sociais.

Como propõe Canclini,

"Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos - a que lugar pertencem e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses - recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (...) Vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir."⁴¹

⁴⁰Ibid., p. 263-264.

⁴¹CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio: Editora da UFRJ, 1995, p. 13, p. 15.

O que Canclini está a propor é que a formação de identidades-cidadãs se realiza hoje dentro da lógica do mercado globalizado e não mais em relação aos Estados nacionais. A cultura é hoje transnacional, numa articulação flexível de partes, como relatamos no início deste trabalho. Num campo onde o político caiu em descrédito, só a politização do mercado pode representar uma saída democrática. É neste sentido que Canclini propõe a noção de consumidores-cidadãos.

"Há poucos anos pensava-se o olhar político como uma alternativa. O mercado desacreditou esta atividade de uma maneira curiosa não apenas lutando contra ela, exibindo-se como mais eficaz para organizar as sociedades, mas também devorando-a, submetendo a política às regras do comércio e da publicidade, do espetáculo e da corrupção. É necessário, então, dirigir-se ao núcleo daquilo que na política é relação social: o exercício da cidadania. E sem desvincular esta prática das atividades através das quais, neste época globalizada, sentimos que pertencemos, que fazemos parte de redes sociais, ou seja, ocupando-nos do consumo."⁴²

Nesta perspectiva é preciso ver o consumo como forma de inserção e diferenciação político-cultural e a cidadania para além da institucionalidade liberal-democrática. É preciso unir os conceitos de tal forma que se devolva ao conceito de consumidor, o caráter que ele tem como expressão cultural e política das relações sociais da atualidade. Como explica Canclini:

"Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades."⁴³

Esta definição vai ao encontro do que propus anteriormente quando considerei o cidadão, para fins de análise neste trabalho, uma articulação, construída

⁴²Ibid., p. 20.

⁴³Ibid., p. 22.

discursivamente por grupos em luta na sociedade. A construção de tal significado, a partir do que foi proposto até aqui, passa obrigatoriamente por uma ampliação da Revolução Democrática, sendo que o ambiente em que esta articulação se dará, será o consumo, regido pelo todo-poderoso princípio do mercado. Canclini vê este como um processo de mudança que poderá levar a um equilíbrio maior entre Estado e sociedade. Mais uma vez, a questão do direito a ter direitos se coloca. É, segundo Canclini, ao repensar a cidadania como estratégia política para além da ordem jurídica que se consegue abranger as práticas emergentes e incluí-las, de alguma forma, num novo tipo de Estado que se vislumbra. Isto é, a cidadania buscará não somente o pertencimento ao sistema sociopolítico, mas também o "direito de participar na reelaboração do sistema, definindo portanto aquilo de que queremos fazer parte".⁴⁴

"Ao repensar a cidadania em conexão com o consumo e como estratégia política, procuro um marco conceitual em que possam ser consideradas conjuntamente as atividades do consumo cultural que configuram uma dimensão da cidadania, e transcender a abordagem atomizada com que sua análise é agora renovada. A insatisfação com o sentido jurídico-político de cidadania conduz a uma defesa da existência, como dissemos, de uma cidadania cultural, e também de uma cidadania racial, outra de gênero, outra ecológica, e assim podemos continuar despedaçando a cidadania em uma multiplicidade infinita de reivindicações. Em outros tempos o Estado dava um enquadramento (ainda que fosse injusto e limitado) a essa variedade de participações na vida pública; atualmente, o mercado estabelece um regime convergente para essas formas de participação através da ordem do consumo."⁴⁵

Esta análise não se faz sem levar em conta o ambiente onde se constróem as relações sociais. É nos meios de comunicação de massa que se dá hoje o embate entre os discursos e a articulação de novas formações discursivas. O consumidor-cidadão de que falamos é um produto da expansão vertiginosa da tecnologia de comunicação. Para Canclini, foram os meios de comunicação que deslocaram a

⁴⁴Ibid., p. 23.

⁴⁵Ibid., p. 24.

cidadania em direção às práticas do consumo. De fato, a população que não encontra resposta e muito menos eficiência no Estado, procura o rádio, a televisão e o jornal, onde é ouvida e consegue que seus direitos sejam atendidos por vias, na maioria das vezes, não-institucionais. Não se postula aqui que os meios estejam a substituir a institucionalidade democrática, mas que se apresentam como uma forma nova e concorrente de expansão e construção da cidadania. Ao ganhar voz, espaço, a população cria novas identidades políticas e se reconstrói uma nova cidadania, dentro de uma estratégia política. A possibilidade de criação de novas identidades políticas eficazes é um processo mediado e somente se torna efetivo através dos meios de comunicação de massa.

Capítulo 2

Teoria do Discurso

Antes de passar ao estudo da mídia, é necessário um aprofundamento teórico sobre o discurso. A passagem do predomínio do político para o econômico representa uma mudança discursiva. Passa-se, de certa forma, da orquestração racional do social para a desregulamentação com base nas leis do mercado, o que significa o domínio de um novo discurso nas relações sociais. Busca-se com isso a análise da lógica do mercado que está a dominar amplas instâncias das relações sociais. Esta capacidade de dominar e, portanto, denominar, está na base da luta política e, por isso, é necessário aprofundar o entendimento sobre o funcionamento dos processos discursivos.

A crise das grandes narrativas políticas tornou indefinidos os lados em que cada ator político atuava e gerou incerteza. Como todo o momento de crise é fértil para o novo e para a estruturação de uma nova hegemonia, é propício, portanto, para o estudo do que seja a luta política. Indo um pouco além, poderei dizer, com base no que vou expor a seguir, que a crise, a incerteza e a abertura são as características do social e nelas é que deve ser entendido o político -a força que tenta definir, denominar e dar ordem e sentido às coisas. Em vez de falar de momento de crise, talvez o correto seria dizer momentos de maior ou menor abertura do social. Vejo o social, portanto, como um campo aberto, seguindo o proposto por Laclau e Mouffe,

"We must, therefore, consider the openness of the social as the constitutive ground or 'negative essence' of the existing, and the diverse 'social orders' as precarious and ultimately failed attempts to domesticate the field of differences. Accordingly, the multiformity of the social cannot be apprehended through a system of mediations, nor the 'social order' understood as an underlying principle. There is no

sutured space peculiar to 'society', since the social itself has no essence."¹

Tal concepção que nega a essencialidade da relações sociais considera a precariedade de cada identidade e a impossibilidade de fixar o sentido dos elementos que formam o social. Mesmo precárias e falíveis, as diversas ordens sociais tentam constituir e organizar as relações dentro de estruturas discursivas. Seguindo os autores citados anteriormente, essas tentativas de ordenar o social serão chamadas de *práticas articulatórias*. Ressalta-se ainda a importância de um conceito que trata de estruturas discursivas, tendo em vista que o objeto de estudo deste trabalho será a mídia e as identidades que surgem neste espaço eminentemente articulador que são os meios de comunicação.

Quando se define que o social foge de uma totalidade fechada se pretende dizer simplesmente que inexistente uma essência à qual a sociedade possa ser reduzida. Isto é, não existe um sentido último das forças e relações sociais, nem mesmo dois planos paralelos, um de essências e outro de significados. Ao rejeitar a dicotomia pensamento/realidade, é necessário rejeitar também a idéia de que metáforas e outras figuras de linguagem adicionam um segundo sentido a um primeiro (sentido original) existente. Os enunciados que definem as relações sociais são parte do espaço político, onde se constitui o social. Não cabe assim a diferenciação entre mundo das coisas e mundo das idéias.

Como o proposto por Foucault, não se trata de tentar interpretar o mundo das idéias para, através da interpretação, chegar ao mundo das coisas. O que se pretende é analisar o próprio discurso e as "regularidades que regem sua dispersão".

Como diz Foucault:

¹LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. *Hegemony & Socialist Strategy: Towards a radical democratic politics*. Londres: Verso, 1994, p. 95 e 96.

"Quando se descreve a formação de objetos de um discurso, tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva e não se determina uma organização léxica nem as escansões de um campo semântico. (...) Não se volta ao aquém do discurso - lá onde nada ainda foi dito e onde as coisas apenas despontam sob uma luminosidade cinzenta; não se vai além para reencontrar as formas que ele dispôs e deixou atrás de si; fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso."²

A análise do discurso nega, portanto, como proposto anteriormente, a existência de dois planos, o do discurso e o das coisas. Para esta teorização, o objeto são as práticas articulatórias que estabelecem temporariamente uma certa ordem e uma regularidade nas ações e nos agentes sociais, incluindo aí a sua própria construção discursiva. Desta forma, pretende-se fazer uma crítica a todos os tipos de fixidez a partir da afirmação do incompleto, da abertura e do caráter negociável de cada identidade. Para Laclau e Mouffe, cada enunciado -identidade na narrativa-apresenta-se como falta e excesso, já que existe uma sobredeterminação de sentidos entre os objetos. Esta característica é que constitui a construção de identidades políticas como o objeto primeiro da luta política.

"Far from there being an essentialist *totalization*, or a no less essentialist *separation* among objects, the presence of some objects in the others prevents any of their identities from being fixed. Objects appear articulated not like pieces in a clock mechanism, but because the presence of some in the others hinders the suturing of the identity of any of them."³

Pensar o social desta forma, se torna importante no momento que as identidades políticas não correspondem naturalmente a elementos predesignados, mas podem ser vistas como o resultado de uma construção. Como exemplo, os autores

²FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio: Forense Universitária, 1995, p. 55.

³LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. *Hegemony & Socialist Strategy: Towards a radical democratic politics*. Londres: Verso, 1994, p. 104.

citam as dificuldades da classe trabalhadora em se constituir como um sujeito histórico, já que houve dispersão e fragmentação nos posicionamentos desta identidade em função de práticas articulatórias diversas. Para tentar abarcar a lógica específica da articulação discursiva, há que se propor novas definições.

"In the context of this discussion, we will call *articulation* any practice establishing a relation among elements such that their identity is modified as a result of the articulatory practice. The structured totality resulting from the articulatory practice, we will call *discourse*. The differential positions, insofar as they appear articulated within a discourse, we will call *moments*. By contrast, we will call *element* any difference that is not discursively articulated."⁴

O discurso é então, como descrevem os autores, uma totalidade estruturada que é resultado de uma prática articulatória. Os sentidos são fixados parcialmente em *pontos nodais* através da articulação. O caráter parcial da fixação de sentido resulta do fluxo constante de discursos que compõem o social, compondo inclusive os sujeitos políticos.

Para precisar ainda mais o social, cabe introduzir aqui o conceito de antagonismo. Tomando-se uma estrutura discursiva, um sistema construtor de diferenças, chama-se de antagonismo a impossibilidade de constituição de uma identidade em função do embate entre discursos incomunicáveis. É, na realidade, o limite do social, a impossibilidade da sutura final.

Laclau e Mouffe definem oposição, contradição e antagonismo:

"Real oposition is an *objective* relation - that is, determinable, definable - among things; contradiction is an equally definable relation among concepts; antagonism constitutes the limits of every objectivity, which is revealed as partial and precarious *objetification*."⁵

E concluem:

⁴Ibid., p. 105.

⁵Ibid., p. 125.

"The limit of the social must be given within the social itself as something subverting it, destroying its ambition to constitute a full presence. Society never manages to fully be society, because everything in it is penetrated by its limits, which prevent it from constituting itself as an objective reality."⁶

Mesmo precária e parcial, a constituição de identidades numa dada sociedade torna-se o problema político da mais alta importância. A efetividade de uma formação discursiva em conseguir articular novos pontos nodais é o centro da luta política. E a política é, neste contexto, a criação, reprodução e transformação do social, além da própria instituição e definição do mesmo.

Sendo a política a instituição do social, a formação das identidades será o estabelecimento de fronteiras de poder. Tal estabelecimento de uma identidade não pode, no entanto, ser pensado meramente em termos da elaboração de um conjunto de características. Para alcançar tal formação, um elemento é necessário: o posicionamento de uma alteridade, constituída face à identidade em construção. Qualquer que seja a identidade que um agente político tenha, ela sempre advirá de uma forma transitória e precária de identificação.

Essa concepção não-essencialista é bem-explicada por Mouffe, como segue:

"Such an approach can only be adequately formulated within a problematic that conceives of the social agent not as a unitary subject but as the articulation of an ensemble of subject positions, constructed within specific discourses and always precariously and temporarily sutured at the intersection of those subject positions. Only with a non-essentialist conception of the subject which incorporates the psychoanalytic insight that all identities are forms of identification can we pose the question of political identity in a fruitful way. A non-essentialist perspective is also needed concerning the notions of *respublica*, *societas* and political community. For it is crucial to see them not as empirical referents but as discursive surfaces."⁷

⁶Ibid., p. 127.

⁷MOUFFE, Chantal. *The Return of the Political*. Londres: Verso, 1993, p. 71.

Esta análise inclui, obviamente, o sujeito como efeito ou construção de um discurso. Assim como forças políticas, conceitos e práticas, o sujeito é, neste estudo, uma posição dentro de uma estrutura discursiva, não podendo ser, portanto, a origem das relações sociais. Ao verificar como o sujeito "ser humano" foi produzido na modernidade, Laclau e Mouffe comprovam teoricamente a falta de essência neste que é um dos pontos nodais fundamentais dos últimos dois séculos. O portador da identidade humana aparece disperso em diversos discursos, sejam eles religiosos, jurídicos ou em outras esferas.

"An understanding of this dispersion can help us to grasp the fragility of 'humanist' values themselves, the possibility of their perversion through equivalential articulation with other values, and their restriction to certain categories of the population -the propertyowning class, for example, or the male population. Far from considering that 'Man' has the status of an essence -presumably a gift from heaven- such an analysis can show us the historical conditions of its emergence and the reasons for its current vulnerability, thus enabling us to struggle more efficiently, and without illusions, in defence of humanist values."⁸

A vulnerabilidade ou fragilidade da identidade do indivíduo humano é confirmada também por outros autores. Kellner faz um apanhado de vários teóricos que cabe reproduzir aqui:

"One reads in the Frankfurt School, in Beaudrillard, and in other postmodern theorists that the autonomous, self-constituting subject that was the achievement of modern individuals, of a culture of individualism, is fragmenting and disappearing, owing to the social processes and the levelling of individuality in a rationalized, bureaucratized, mediatized, and consumerized mass society (Jameson 1983 and 1984; Kellner 1989a). Poststructuralists in turn have launched an attack on the very notions of the subject and identity, claiming that subjective identity is itself a myth, a construct of language and society, an overdetermined illusion that one is really a substantial subject, that one really has a fixed identity (Coward and Ellis 1977; Jameson 1983 and 1984)."⁹

⁸LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. *Hegemony & Socialist Strategy: Towards a radical democratic politics*. Londres: Verso, 1994, pp. 116-117.

⁹KELLNER, Douglas. Constructing postmodern identities. In: LASH, Scott &

Dentro de uma estrutura discursiva, os sujeitos são, portanto, posições discursivas. Isto é, não é possível definir uma exterioridade entre os sujeitos e os discursos que lhes dão origem. Assim sendo, é preciso descartar a idéia de autoria, segundo a qual o sujeito é autor dos efeitos que pretende produzir.

"Na realidade do ponto de vista da AD (Análise do Discurso), esses efeitos são impostos não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. O *que* é dito e o *tom* com que é dito são igualmente inseparáveis."¹⁰

Esta indistinção entre sujeito e discurso, levou Maingueneau a propor uma redefinição de prática discursiva, que torne possível incluir no conceito as duas faces do discurso: os grupos (sujeitos) e a formação discursiva, isto é, o que pode ser dito em determinada conjuntura. Adiante na sua explanação, Maingueneau explica que "a noção de "prática discursiva" integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de *comunidade discursiva*, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva"¹¹.

Estas críticas pensam o social de forma análoga à que propomos aqui. Ver o social como a articulação de práticas discursivas põe em xeque o conceito de totalidade, já que os sujeitos não são mais saturados, completos. A totalidade é um espaço onde tudo já foi dito e está, portanto, saturada, sem espaço para novos significados. Esta forma de tratar a análise do social gera insegurança, já que os

FRIEDMAN, Jonathan. *Modernity & Identity*. Oxford: Blackwell, 1996, p. 143.

¹⁰MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1993, p. 45.

¹¹Ibid., p.56.

conceitos são menos sólidos e mais fluídos. Pensar a política segundo este aporte teórico, significa entender o social como o campo da discursividade, onde a fixação de sentidos favoráveis ou desfavoráveis a determinados grupos sociais passa a ser a maior das lutas políticas. É a capacidade de nomear, qualificar, associar os eventos e atores a sentidos positivos ou negativos que permite aos grupos políticos a vitória ou a derrota. A luta se trava pelo rearranjo de sentidos das ações e agentes sociais, sendo os meios de comunicação de massa o palco principal da construção destes novos nós do discurso. A prática articulatória consiste em atribuir ou, principalmente, relacionar fatos, atores ou ações diversas entre si para modificar sentidos iniciais de um deles ou de ambos. É assim que se constrói grandes consensos, como vimos no capítulo precedente, o predomínio do mercado como prática discursiva em diversas instâncias da vida social.

Esta natureza da luta política é analisada também por Champagne. Segundo ele, a imposição de uma certa visão do mundo social por um grupo é fundamental nas democracias parlamentares.

"(...) la lutte à l'intérieur de champs politiques nationaux qui sont devenus morphologiquement et géographiquement de plus en plus vastes tend à être essentiellement de nature symbolique: parce que cette lutte se fait avec des mots pour faire croire ou pour faire voir, l'histoire de l'espace politique consiste en grande partie à analyser les diverses formes prises par ce pouvoir symbolique très particulier et son autonomisation progressive."¹²

Voltarei às análises de Champagne mais adiante quando tratar da questão da mídia especificamente. Como foi visto até aqui, a análise do social como um campo de discursividade -em constante construção- abre novas possibilidades para os conceitos de democracia, luta democrática e cidadania. Dentro destas novas

¹²CHAMPAGNE, Patrick. *Faire l'Opinion: le nouveau jeu politique*. Paris: Minuit, 1990, pp. 17-18.

possibilidades, os conceitos precisam ser revistos para que se entenda melhor o modelo que está sendo proposto.

Capítulo 3

A televisão constrói os sentidos

Nesta parte do trabalho, vou concluir a discussão teórica que envolve a mídia, a democracia e a cidadania, que são as minhas maiores preocupações. A partir daqui, faço um relato das dificuldades que os autores enfrentam quando tratam do tema "televisão" e como a televisão chegou a se tornar um fator preponderante nas sociedades. Este capítulo pretende mostrar como o discurso da Revolução Democrática, o princípio do mercado e a técnica jornalística moldam e dão forma à representação dos cidadãos e se transformam nos principais reguladores das identidades que são construídas pela mídia. Lanço assim os fundamentos para o trabalho de campo no qual vou analisar de que forma emerge o cidadão em meio a este entrecruzamento de discursos e narrativas. Para chegar até este ponto vou discutir a superficialidade da televisão, o domínio do senso comum na narrativa televisiva e a ditadura dos índices de audiência.

Seguindo o proposto por Dahlgren, a televisão é hoje uma indústria, uma narrativa audiovisual e uma experiência sociocultural. O autor usa a figura de um prisma para falar sobre o meio na tentativa de abarcar em um só objeto os três lados de uma mesma definição. Para ele, a televisão é um objeto difícil, instável de definir, mas a tarefa é obviamente necessária. O prisma permite incluir os diferentes enfoques que são essenciais para que não se perca de vista as diferentes dimensões da televisão. O autor considera os meios de comunicação como instituições relevantes no estudo da esfera pública e, portanto, o seu funcionamento é de interesse público e deve ser alvo de políticas públicas de comunicação.

"The industry of television -its political economy- is central to the media institutional dimension of the public sphere, and the television industry itself is obviously shaped by structural features of society; the audio-visual texts of

television, or at least the journalistic ones, are key elements of the public sphere representational dimension; television as a sociocultural experience correlates directly with the dimension of sociocultural interaction."¹

A dificuldade em trabalhar com a televisão é compartilhada por outros autores. Maria Thereza Fraga Rocco diz que "a TV não é tão nitidamente conceituável, se pensarmos em seus papéis, seu alcance, e sobretudo nos efeitos que possa exercer sobre os indivíduos com que interage, pois a TV traz no seu bojo contradições, imprecisões e causa grande inquietude"². Rocco se refere às pessoas que seguem os comportamentos, estilos e atitudes propostos pelas imagens, às necessidades e ao consumo que são criados e comandados pela televisão. Por ter uma presença marcante nas relações sociais e tratar de questões que afetam o dia-a-dia das pessoas, a televisão é hoje objeto de muitas paixões. Todos têm algo a dizer sobre o que vai ao ar. A reação ao que é publicado é imediata e muitas vezes intensa. São reações que tem por base a noção compartilhada de que a televisão expressa a realidade, reproduzindo o real. Sendo por definição uma representação precária da realidade, a televisão é alvo fácil de críticas de todos e quaisquer setores da sociedade.

Além de difícil em função do papel determinante que a televisão tem hoje em dia, a análise é dificultada por causa do obstáculo que se torna o afastamento crítico. Conforme propõe Wolton,

"Il est difficile à la fois de vivre, c'est-à-dire de s'adapter à un certain contexte et d'être en même temps suffisamment distancié pour analyser en permanence. La télévision entre parfaitement dans cette définition puisqu'elle occupe une place déterminante dans la vie de chacun, tant pour l'information que le divertissement qu'elle dispense, constituant ainsi la principale fenêtre ouverte sur un autre

¹DAHLGREN, Peter. *Television and the Public Sphere*. Londres: Sage, 1995, p. 25.

²ROCCO, Maria Thereza Fraga. *As Palavras na TV: Um exercício autoritário?* In: NOVAES, Adauto. *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.241.

monde que celui de la vie quotidienne. Voilà pourquoi on n'a guère envie de réfléchir sur ce qu'elle est."³

Além da dificuldade evidente exposta pelo autor, há ainda, segundo Wolton, duas correntes de análise, uma basicamente pessimista e outra, otimista. A pessimista vê a televisão ligada a uma fonte de poder totalitário e a otimista, à expansão da democracia.

"La version optimiste conçoit et interconnecte télévision, informatique, télécommunication comme l'instrument global d'une modification radicale des situations de travail, du fonctionnement des organisations et du système de pouvoir dans une société plus démocratique. La version politique pessimiste voit dans ces mêmes instruments le triomphe de l'aliénation de l'homme unidimensionnel et d'une rationalité technique mise au service de la logique consommatrice et passive. Quant à la version politique optimiste, elle trouve au contraire dans la neutralité potentielle de ces outils, l'instrument d'un réaménagement des rapports sociaux."⁴

Estas duas visões servem de uma forma bastante sintética para trilhar duas posições básicas frente ao meio, mas não são, no entanto, as únicas análises. Nos últimos anos, houve um refluxo das críticas que foram feitas durante os anos 80. Até a chamada crise dos paradigmas, o aporte teórico usado para analisar a televisão vinha das correntes marxistas e analisava principalmente o controle político-econômico do meio de comunicação e as mensagens, sem dar conta da outra dimensão da televisão, notadamente, a recepção como experiência socio-cultural. Esta visão propunha a partir das noções de indústria cultural, da Escola de Frankfurt, uma dominação orquestrada dos meios de comunicação de massa. No caso europeu, uma dominação que partiria do próprio Estado burguês, controlador dos canais estatais de televisão desde as primeiras teledifusões⁵. Onde houve a predominância dos canais

³WOLTON, Dominique. *Éloge du Grand Public*. Paris: Flammarion, 1993, p. 42.

⁴Ibid., p. 80.

⁵Sobre a evolução das televisões no mundo, ver BELAU, Angel Faus. *La Era Audiovisual: Historia de los primeros cien años de la radio y la televisión*.

privados, como sempre foi o caso dos Estados Unidos e do Brasil, a análise era ainda mais fácil e direta: a televisão seria um instrumento a serviço de uma classe social. Tal análise se insere num momento específico da produção acadêmica e não perde o valor.

Hoje, é comum a referência à característica polissêmica da televisão, isto é, a possibilidade de múltiplas interpretações que a narrativa televisual permite, o que derrubaria a idéia de um pólo produtor-dominador e de outro receptor-dominado. Sendo baseada nas imagens e nos sons, os textos audiovisuais possibilitam ao telespectador uma decodificação particular, baseada nas suas próprias experiências pessoais. Tal característica, importante por abrir o campo de análise, torna ainda mais difícil a compreensão do processo de comunicação da televisão, mas, segundo Dahlgren, foi exagerada pelos cientistas sociais e comunicólogos nos últimos anos.

"This populist proclivity is understandable as a reaction to some earlier strands of research which overemphasized the unilateral power of media messages. Yet, this excessive underscoring of the multivalence of televisual texts ignores the repetitive and formulaic nature of most television output, the relative stability of most social frames of perception, and the cultural familiarity with televisual discourses and genres - allof which contribute to delimit, though by no means ever eliminate. polysemic meaning."⁶

Este caráter instável da narrativa audiovisual não faz dos textos audiovisuais objetos irrelevantes do ponto de vista das pesquisas. É como se as narrativas fossem matéria-prima para o produto final, que seria tanto a experiência socio-cultural da televisão, como as construções discursivas que ela permite e se encarrega de difundir. Isto é, o produto final da comunicação não é um telejornal, ou um documentário, mas a reação, o impacto, as construções discursivas que ele é capaz de produzir. O intento

Barcelona: Eiusa, 1995, p. 200.

⁶DAHLGREN, Peter. *Television and the Public Sphere*. Londres: Sage, 1995, p. 31.

de analisar tal impacto é obviamente limitado, mas, dentro das possibilidades de pesquisa, se busca constantemente a análise mais apropriada.

No caso da percepção, ou recepção, de um programa jornalístico, o que eu chamei de produto final da comunicação é uma reconstrução da realidade. Os programas jornalísticos, como telejornais e documentários, se propõem a ser representações da realidade e têm a verosimilhança e a credibilidade como pilares para reconstruir o mundo real. A verosimilhança é obtida através da imagem e do som e dos processos de edição e montagem. A credibilidade serve para que o narrador convença a audiência de que o que ele está dizendo é verdade, quando este não possui provas (imagens ou depoimentos) que sustentem as suas afirmações. A verosimilhança e a credibilidade são processos de constante negociação entre o emissor e a audiência, de tal forma que a representação da realidade que é apresentada na mídia é compreendida integralmente pelos telespectadores.

Desde o surgimento nos anos 30 até o seu estabelecimento como mídia fundamental nas sociedades contemporâneas, a televisão foi cercada de preocupações em função desta possibilidade de recriar a realidade. O ideal de que o "cidadão informado" seria essencial para o funcionamento da democracia é citado por diversos autores que tratam do tema. A ligação estreita entre comunicação e cidadania se estabelece então a partir deste conceito, segundo o qual, os cidadãos devem estar informados para que possam atuar como tal. Gurevitch, Levy e Roeh reforçam o conceito e o consideram um pré-requisito para uma cidadania plena com base em pelo menos dois princípios, centrais aos sistemas democráticos.

"First, because in a democracy, those who govern should at all times be held accountable to the governed; and second, because democracy is based on active participation by citizens in the social and political life of society. Clearly, both principles are predicated on citizens being informed about the activities of government and the affairs of society. It is because of this that the mass media, primarily in their 'information function', have been hailed, cliché-

style, as 'the lifeblood of democracies', pivotal for the functioning of healthy and vibrant democratic systems."⁷

A preocupação é expressa também por Bourdieu na sua crítica à escolha jornalística dos fatos relevantes pela televisão aberta e comercial. Para ele, assuntos do cotidiano tomam o espaço na mídia de outras discussões que ele considera mais importantes.

"La télévision a une sorte de monopole de sur la formation des cerveaux d'une partie très importante de la population. Or, en mettant l'accent sur les faits divers, en remplissant ce temps rare avec du vide, du rien e du presque rien, on écarte les informations pertinentes que devrait posséder le citoyen pour exercer ses droits démocratiques."⁸

Esta visão se insere nos conceitos que já vimos aqui e que definem a mídia como palco e agente preponderante na luta política. O questionamento que se faz é até que ponto a mídia, especialmente no seu papel de representação e reconstrução da realidade, pode ajudar os cidadãos a perceber esta realidade, debater os assuntos que ela evoca e, por fim, possibilitar a cada um o exercício da cidadania. A mídia torna-se assim parte importante do que se convencionou chamar de esfera pública, conceito desenvolvido por Jürgen Habermas. A esfera pública neste trabalho é vista como os lugares institucionais onde a vontade política toma forma e onde os cidadãos são capazes de se constituir como agentes ativos no processo político. A noção de uma esfera pública composta de indivíduos discutindo suas questões face-a-face ou se comunicando através da pequena imprensa partidária não é de muita utilidade. Hoje, o conceito de esfera pública passa obrigatoriamente pela comunicação e pelo público de massas.

⁷GUREVITCH, Michael; LEVY, Mark R. e ROEH, Itzhak. The Global Newsroom: convergences and diversities in the globalization of television news. In: DAHLGREN, Peter e SPARKS, Colin. *Communication and Citizenship: journalism and the public sphere*. Londres: Routledge, 1993, p. 195.

⁸BOURDIEU, Pierre. *Sur la télévision*. Paris: Liber, 1996, p. 17.

Sendo os meios de comunicação de massa componentes importantes da esfera pública, cabe questionar se a institucionalidade destes meios favorece ou não a participação democrática dos cidadãos. Isto é, analisando os processos de construção de sentido através dos quais operam os meios de comunicação, se pode depreender o fortalecimento ou não da democracia. Até hoje, coincidentemente, o desenvolvimento das democracias de massas no Ocidente foi acompanhado historicamente da emergência dos meios de comunicação de massas como as instituições dominantes na esfera pública. Portanto, toda e qualquer mudança nas narrativas e na construção de sentidos da mídia afeta a esfera pública e, conseqüentemente, os regimes democráticos.

Para Comparato, a ligação entre a democracia contemporânea e a comunicação de massas é essencial. Ele afirma que a TV tende a ser a matriz dos valores sociais chegando a superar nesta função a família, a escola, a igreja, o partido e o próprio Estado. Conforme os pensadores clássicos, citados por Comparato, são os costumes que dão sentido às instituições políticas. Sendo esses costumes forjados hoje pela televisão, a democratização desta é essencial para a constituição de uma sociedade verdadeiramente democrática.⁹ Baseado nisso, Comparato expõe o que considera necessário para um funcionamento democrático da televisão.

"Daí a exigência atual de se reconhecer, senão a todo indivíduo, pelo menos às entidades representativas dos setores mais numerosos e importantes da sociedade civil, uma legitimação a usar dessas organizações já instaladas de comunicação social, para transmitir livremente suas mensagens. (...) O sentido atual da verdadeira comunicação social é o do plurilateralismo: do Estado para a sociedade civil e vice-versa, dos diversos grupos sociais entre si, tudo isso no espaço público dos veículos de massa."¹⁰

⁹COMPARATO, Fábio Konder. É possível democratizar a televisão? In: *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 303.

¹⁰Ibid., pp. 306 e 307.

Preocupadas com o funcionamento dos meios de comunicação, nos últimos dez anos, duas discussões principais dominaram tanto os meios acadêmicos como industriais interessados no setor televisivo. 1) A televisão deve ou não permanecer estatal, haverá necessidade de regular as televisões abertas comerciais? 2) A proliferação de canais vai acabar com a televisão aberta generalista, que representou um forte fator de integração nacional? A caracterização deste contexto é feita por Wolton, que defende, ao menos, uma política estatal para a televisão.

"Hier, la television était considérée comme un moyen d'influence politique directe, aujourd'hui, on trouve qu'elle doit simplement être laissée à la 'main invisible' du marché. On confond ainsi allégrement la fin d'une tutelle politico-étatique avec la fin d'une politique d'orientation, le rejet de la politisation de la télévision avec l'abandon d'une politique de la télévision."¹¹

O autor tem o objetivo de mostrar que a televisão permanece hoje como um objeto não-pensado. Para ele, o conceito que se tem de televisão tem variado entre duas dimensões principais: a televisão como instrumento de transmissão de imagens e, portanto, de divertimento e espetáculo; e a televisão como meio social. A estas duas dimensões, o autor associa dois discursos, segundo os quais se percebe a televisão. Um que superestima a televisão como um aparelho do desenvolvimento tecnológico avançado e outro que considera principalmente o papel social da televisão. Wolton considera que a televisão generalista (aberta) é a que contém o melhor destas duas dimensões, mesmo considerando que esta estivesse em decadência no momento em que escreveu o seu estudo.

"Dans la perspective d'une television conçue comme mélange d'une dimension sociale et technique, quel est l'enjeu? Savoir si elle restera ce média généraliste à destination de tous les publics en assumant ainsi son rôle fondamental de lien social dans une société de solitudes organisées, ou bien si elle se transformera en télévision fragmentée au gré des différentes demandes des publics solvables, offrant certes à chacun ce qu'il desire, mais

¹¹WOLTON, Dominique. *Éloge du Grand Public*. Paris: Flammarion, 1993, p. 12.

seulement ce qu'il désire. Le regne de la demande contre celle de l'offre. L'individu ou le public, tel et le choix. La télévision restera-t-elle un média généraliste ou deviendra-t-elle un média segmenté?"¹²

A televisão aberta é hoje o meio de comunicação de massas de maior abrangência. Os jornais não têm a mesma penetração em termos de consumidores e as emissoras de rádio podem até ter maior alcance, mas são fragmentadas.¹³ Os canais de televisão aberta, ao contrário, atingem com uma mesma mensagem o maior número de pessoas. Isso acontece devido ao fato de que até pouco tempo atrás a produção em televisão era cara demais e o sistema de concessões, restrito. Assim, poucos canais dominavam um vasto mercado.

Esta característica -a necessidade de se comunicar com a massa- fez com que a televisão aberta construísse uma narrativa específica para conseguir falar ao grande público. Os produtores de televisão comercial projetaram desde o início das transmissões uma programação que sempre esteve de acordo com o gosto médio da população e que atendeu as suas demandas. Segundo Arnt, a função da imprensa foi a de pôr ordem num ambiente caótico que era a sociedade pré-capitalista brasileira.

"A mídia surge para estabelecer vínculos e ligações necessárias entre práticas sociais diversas. Ela circunscreve campos simbólicos, desenha uma nova territorialidade, propaga ideologias, torna pública a vida pública e enquadra a vida cotidiana. Ajuda a conjurar o aleatório e a ordem caótica, desordenada e desordeira das sociedades pré-capitalistas. Ela cimenta a ordem do mercado."¹⁴

Segundo o autor, a mídia assegura para todos os cidadãos as informações necessárias para a vida em sociedade. Ela torna públicas as leis, diz o que é certo e o

¹²Ibid., p. 13.

¹³Sobre a abrangência da televisão na sociedade brasileira, ver COMPARATO, Fábio Konder. É possível democratizar a televisão? In: *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 302.

¹⁴ARNT, Ricardo. A Desordem do Mundo e a Ordem do Jornal. In: *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 171.

que é errado e, com isso, norteia a cidadania. Arnt vai mais longe quanto ao alcance da mídia: diz que tem papel fundamental na inclusão social dos indivíduos.

"A mídia, então, constitui, produz positividade. Ajuda a organizar o que era disperso. Ao contrário dos sistemas puramente repressivos e censuradores da sociedade pré-capitalista, o poder disciplinar que se consolida no século XIX ordena a multiplicidade. Sua função não é excluir os indivíduos, mas enquadrá-los, fixá-los ao processo de produção. A mídia fabrica. O indivíduo é alvo e resultado. Ela revela o mundo, amplia horizontes, agencia uma multiplicidade de eventos atomizados, costura e adensa um conhecimento da realidade, distribuindo poder e contrapoderes, norteando a governabilidade e a cidadania."¹⁵

O papel de difusão de modelos sociais, políticos e culturais da mídia também faz parte das preocupações de Noelle-Neumann, que desde os anos 60 desenvolveu uma teoria que se aplica ao estudo da opinião pública. Para ela, a formação da opinião pública está baseada na luta entre discursos distintos até que um deles se imponha. Noelle-Neumann é extremamente crítica na sua teoria sobre o que chamou de Espiral do Silêncio. Segundo os seus estudos, a sociedade ameaça com o isolamento e a exclusão os indivíduos que se desviam do consenso, isto é, do discurso dominante. Assim, aqueles que não concordam com a opinião pública tendem ao silêncio. A autora considera que desta forma a opinião pública é um forte fator de controle e integração social que garante um nível mínimo de consenso sobre os valores e objetivos comuns, já que, segundo ela, ninguém quer ficar isolado. Para Noelle-Neumann, a opinião pública, como demonstra no seu estudo, é a base da coesão social e, até mesmo, uma força necessária para a existência das sociedades humanas.

"El escrutinio constante del medio y la observación de las reacciones ajenas se manifiestan en la disposición a expresarse o la tendencia a permanecer en silencio, y crean un nexo entre el individuo y la sociedad. Esta interacción da poder a la conciencia común, los valores comunes e las metas comunes, así como a las amenazas concomitantes dirigidas contra los que se desvían de estos valores y metas.

¹⁵Loc. Cit.

(...) Los investigadores suponen que estas reacciones se han formado en el curso des desarrollo humano para garantizar una cohesión suficiente de las sociedades humanas."¹⁶

É desta forma que a televisão ajuda a integrar o país, fazendo que os brasileiros se reconheçam como tal. Através da televisão, uma pessoa participa de uma comunidade, divide preocupações, faz parte da sua vida, dos rituais e das idéias. A televisão provoca a reunião atomizada entre o público e o privado, onde cada telespectador sabe que outros milhões estão participando. Através dela, os grupos não somente se vêem, mas se constróem e se transformam.

Com poucos canais para um país do tamanho do Brasil, buscou-se a chamada integração nacional através da televisão. Para Bucci, longe de ser um acaso ou uma conseqüência natural de um meio de comunicação como a televisão, a integração nacional foi um projeto dos governos militares para tornar viável o país. Segundo ele, "o projeto de integração nacional pretendido pela ditadura militar, um projeto levado a efeito por uma política cultural bem-desenhada, uma das mais ambiciosas e mais bem-sucedidas da história do país, alcançou êxito graças à televisão."¹⁷

De qualquer forma, a televisão, como proposto até aqui, teve sempre uma tendência à inclusão de setores da sociedade que antes eram excluídos dos sistemas de comunicação. Diferentemente dos jornais, que enfrentaram a barreira do analfabetismo, a televisão apenas demorou a se estabelecer devido ao acesso aos aparelhos de TV, que no princípio eram muito caros. A partir da produção em larga escala dos aparelhos, a televisão se popularizou, tornando-se o meio de comunicação de massa por excelência. A massificação da televisão ocorreu, como vimos anteriormente, paralelamente ao desenvolvimento da democracia de massas.

¹⁶NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. *La espiral del silencio: Opinión Pública: metra piel social*. Barcelona: Paidós, 1995, p. 289.

¹⁷BUCCI, Eugênio. *Brasil em Tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996, p. 16.

Para que a televisão fosse massificada foi preciso construir uma narrativa específica que se tornasse atrativa para os mais diversos setores da sociedade, incluindo diferentes segmentos em um só canal. Como a cada instante um só produto tem vez num canal de televisão, a opção foi pela criação de um gosto médio e polissêmico que pudesse satisfazer diferentes setores da sociedade ao mesmo tempo. A televisão acompanhou também o seu público, que foi se transformando ao longo do tempo de uma elite urbana até que chegasse a atingir toda sociedade.

Nas mãos do Estado nos países europeus, a televisão teve uma penetração lenta nas sociedades até os anos 80¹⁸. Em muitos países, o serviço era incipiente, restrito a apenas algumas horas no início da noite. Na Europa, o serviço de teledifusão era restrito ao noticiário noturno e aos programas educativos e de entretenimento familiar. Com o advento da televisão comercial, a oferta aumentou e a situação se modificou. No Brasil, a evolução de televisão coincidiu com o regime militar. Este nascimento em anos de repressão política deu uma forma especial à TV brasileira. A programação era composta basicamente de programas de ficção, entre eles novelas brasileiras e enlatados norte-americanos. O noticiário nacional era reduzido e o espaço era dado a coberturas internacionais, que sofriam menos censura. Estes parâmetros moldaram também a forma de se dar a notícia em um país, onde uma parcela significativa da população era analfabeta.

Conforme Arnt, vem daí o desconforto dos intelectuais-telespectadores:

"Não há muita sofisticação possível. Os limites são claros. Uma parte expressiva da população é analfabeta. Boa parte dela, talvez a maioria, desconhece os códigos básicos. As notícias devem ser entendidas, no principal, por quem não dispõe de informações suplementares. A maioria não irá lê-las no dia seguinte, no jornal. Por isso, a TV no Brasil afronta as pessoas inteligentes. Por isso, é tão tedioso assistir à televisão no Brasil. Por isso, ela é tão burra, tão superficial, tão necessariamente superficial."¹⁹

¹⁸BELAU, Angel Faus. *La Era Audiovisual: Historia de los primeros cien años de la radio y la televisión*. Barcelona: Eiuinsa, 1995, p. 277.

¹⁹ARNT, Ricardo. A Desordem do Mundo e a Ordem do Jornal. In: *Rede*

Esta justificativa sempre foi a primeira a ser exposta pelos defensores da superficialidade da televisão aberta. É, no entanto, a explicação dos jornalistas e produtores de TV no Brasil para a forma que a televisão encontrou de tornar-se decodificável pela maioria da população. Ainda assim, conforme Mouchon, citando Wolton, existe uma grande contradição entre a rapidez da informação simplificada e a complexidade da história e dos problemas da sociedade.²⁰ Contribui também para este modelo a crença de que existe o fato bruto, isolado, que pode ser dissociado de suas explicações, isto é, suas causas e conseqüências. Até mesmo o jornalismo gráfico, acreditando que concorre com a televisão, entra numa corrente de superficialidade que não apresenta paralelos. Começamos aqui a expor um dos elementos que regula a televisão e, portanto, a esfera pública, onde se constróem as identidades-cidadãs da atualidade. A narrativa da televisão é, como um primeiro ponto, regulada por uma maioria tida como desinformada e absolutamente simples e superficial. Aparentemente, trata-se de uma exigência profissional, mas torna-se, desta forma, uma estrutura subjacente à informação.

Esta narrativa é o resultado de uma técnica precisa que estabelece o vocabulário, as ações, as imagens, os tempos e o ritmo de um produto televisivo. Segundo esta técnica difundida nas redações de telejornalismo, cada fala tem que ter vocabulário familiar; os verbos têm ser de domínio da maioria; as imagens tem que ser explícitas e evidentes; os depoimentos adequados não podem ter mais de 20 segundos e a reportagem normalmente não passa de um minuto e 30 segundos. Dentro deste esquema, a superficialidade é uma decorrência quase natural: a forma é supervalorizada e isso não garante o conteúdo. É em meio a esta superficialidade que

Imaginária: Televisão e Democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 175.

²⁰MOUCHON, Jean. La información política como arma de doble filo. In: VEYRAT-MASSON, Isabel e DAYAN, Daniel. *Espacios públicos en imágenes*. Barcelona: Gedisa, 1997, p. 280.

vai ser construída a visão de mundo de boa parte da população que tem na televisão a sua única janela para o mundo. As lutas políticas na sociedade vão acontecer neste espaço regulado pela superficialidade, que é a televisão, e isso será determinante nos seus resultados, isto é, na produção de consensos. Esta superficialidade está sempre ligada ao que se convencionou chamar de senso comum, o discurso político compartilhado pela maioria da população. A luta política na atualidade, como vimos na primeira parte deste trabalho, será como uma 'guerra cultural' para redefinir aspectos do senso comum em favor deste ou daquele grupo. É a luta pelo domínio da linguagem, do conhecimento. Conforme Santos, o senso comum é o pensamento da burguesia desde que esta se tornou elite.

"O senso comum, enquanto conceito filosófico, surge no século XVIII e representa o debate ideológico da burguesia emergente contra o irracionalismo do ancien régime. Trata-se de um senso que se pretende natural, razoável, prudente (...) se converte em senso médio e em senso universal."²¹

Dado que a narrativa predominante na televisão tem por base o senso comum, qualquer outra forma de conhecimento ou linguagem, como a científica por exemplo, terá dificuldade de comunicação dentro deste espaço que hoje é uma das principais arenas da esfera pública. A televisão, adotando uma narrativa principal, dificulta a comunicação com outros conhecimentos, que não sejam parte do senso comum. Voltando ao exemplo da ciência, que busca a especialização justamente na diferenciação da linguagem, torna-se cada vez mais difícil e remota a comunicação entre a televisão e o mundo científico.

Este processo de valorização de uma narrativa em detrimento de outra, isto é, do senso comum em detrimento do conhecimento científico provoca mudanças de nível profissional e em relação às funções intelectuais. Alguns saberes são

²¹SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p. 36.

desvalorizados e outros ocupam posições centrais. Para Landi, a tendência "colonizadora" da televisão no campo político e cultural é descrita em um quadro complexo e ambíguo. Para ele, a crítica da televisão -feita por intelectuais- está carregada de "aprioris provenientes de preconceitos letrados ou pressupostos metafísicos sobre a verdade na política". Landi diz que a crítica seria mais bem-exercida se estes preconceitos fossem deixados de lado para que se analisasse a linguagem audiovisual, que, segundo ele, se constitui como a base da luta política no presente.²²

Bourdieu entra neste tema fazendo a oposição entre o pensamento, que exige tempo, e as idéias "reçues", isto é, as idéias aceitas por todo mundo, banais, convenientes e comuns. Para ele, a televisão não é favorável à expressão do pensamento e privilegia o senso comum pela facilidade de comunicação.

"Le problème majeur de la communication est de savoir si les conditions de réception sont remplies; est-ce que celui que écoute a le code pour décoder ce que je suis en train de dire? Quand vous émettez une 'idée reçue', c'est comme si c'était fait; le problème est résolu. La communication est instantanée, parce que, en un sens, elle n'est pas. Ou elle n'est qu'apparente. L'échange de lieux communs est une communication sans autre contenu que le fait de la communication. Les 'lieux communs' que jouent un rôle énorme dans la conversation quotidienne ont cette vertu que tout le monde peut les recevoir et les recevoir instantanément: par leur banalité, ils sont communs à l'émetteur et au récepteur. A l'opposé, la pensée est, par définition, subversive: elle doit commencer par démonter les 'idées reçues' et elle doit ensuite démontrer."²³

Além desta característica, a televisão reúne outras singularidades para conquistar o seu público. O sucesso -audiência- está na capacidade de oferecer sempre imagens diferentes a um público heterogêneo e manter altos os índices. Mesmo organizada em uma grade de programação, a oferta da televisão é sempre

²²LANDI, Oscar. *Devórame otra vez: qué hizo la televisión con la gente, que hace la gente con la televisión*. Buenos Aires: Planeta, 1992, p. 122.

²³BOURDIEU, Pierre. *Sur la télévision*. Paris: Liber, 1996, p. 31.

diferente, mantendo a mesma narrativa. A legitimidade do meio está na capacidade de comunicação com o grande público, mesmo que a cada novo programa a televisão esteja se dirigindo a públicos mais ou menos específicos. Wolton aprofunda mais esta característica da televisão aberta.

"Tel est le secret de la télévision: comme médium de masse, elle est du côté du général, et non du particulier. Cette logique du général contre celle du particulier est une composante essentielle de l'adhésion du public à la télévision: il lui fait confiance puisqu'elle lui offre un peu de tout, dont il fait un peu ce qu'il veut. C'est d'ailleurs cette confiance faite à la télévision que lui confère son rôle de lien social, d'autant plus apprécié qu'il est libre et sans contrainte de part et d'autre. Une confiance qui est la condition indispensable pour accepter ce 'compagnon à domicile'.²⁴

Para ser aceita em casa, então, a televisão precisa reunir características que favoreçam o consenso, a concórdia e evitem a emissão de opiniões intensas, o posicionamento partidário e tudo o que leve a desagradar uma maioria imaginária que forma o gosto médio, o senso comum. A primeira das muitas conseqüências que esta característica gera na construção de identidades na mídia é que a cobertura jornalística de assuntos variados é geralmente desprovida do seu conteúdo político para não ferir susceptibilidades partidárias. O problema vai ainda mais longe para Bucci, que, além da despolitização das questões levantadas pela mídia, vê um nivelamento dos partidos.

"O empobrecimento da discussão política na TV é obra da própria TV. A tradução que ela faz do mundo, o totalitarismo do politicamente correto, a narrativa melodramática dos telejornais acabaram pautando e nivelando os partidos. Quando estes vão à TV querem ser iguais à TV, e, como fazer política é jogar com a imagem, todos vão se assemelhando internamente também."²⁵

²⁴WOLTON, Dominique. *Éloge du Grand Public*. Paris: Flammarion, 1993, p. 77.

²⁵BUCCI, Eugênio. *Brasil em Tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996, p. 111.

O domínio de uma maioria abstrata e impessoal, isto é, o domínio de uma narrativa que não remete a grupo específico algum leva, segundo Dahlgren, a uma legitimação acrítica da televisão. O meio de comunicação de massa, por si só, por ser "de massa", estaria legitimado por responder à maioria, numa alusão ao sistema democrático.

"Everybody watches, so it must be OK. Everybody lives an everyday life, so that must be OK, too. Television and everyday life thereby become 'safe' zones - neutral categories, immune to critique, unproblematic because of their popularity. But both are not only problematic, they are also structured, contingent, and mediated by power, though in ways that are highly complex and contradictory. Power is multidimensional, and so must emancipatory strategies be. To ignore power relations, not to mention the political economy of both television and everyday life, is profoundly to cripple one's capacity for critical analysis."²⁶

A confusão entre a popularidade e o caráter democrático de um meio de comunicação de massa se torna evidente numa simples comparação entre o que é chamado de 'democrático' na mídia e as instituições da democracia representativa. As diferenças vão desde a forma de produção das maiorias, a ausência de pesos e contrapesos, a ausência de debates e de alternância de poder. Neste sentido, é possível fazer um paralelo com a teoria democrática. O que é chamado de democrático na mídia funciona, na realidade, como o que Lijphart²⁷ chama de ditadura da maioria. Para ele, em sociedades altamente complexas e pluralistas, a regra majoritária, de que a vontade da maioria deve nortear as decisões, implica em ditadura da maioria e confrontação civil, em vez de democracia. Esta ditadura da maioria na mídia não quer dizer que determinados grupos políticos e determinados assuntos não tenham vez nos meios de comunicação de massa, quer simplesmente

²⁶DAHLGREN, Peter. *Television and the Public Sphere*. Londres: Sage, 1995, p. 40.

²⁷LJPHART, Arend. *As Democracias Contemporâneas*. Lisboa: Gradiva, 1989, p. 41.

dizer que a narrativa será sempre do ponto de vista desta maioria, seja qual for o assunto. Isso implica em uma falta de diversidade, já que o narrador é sempre a voz de uma maioria que, em si, não existe.

Em muitos casos, a maioria é estimada através de pesquisas de opinião, que regem os assuntos e os enfoques nos meios de comunicação de massas. Champagne critica as pesquisas e o seu embate com a institucionalidade democrática nas conclusões do seu estudo sobre a opinião pública. Para ele, o novo ator que entra no campo político -as pesquisas de opinião- não estava previsto nas instituições democráticas e pretende dominar a agenda política com a autoridade que lhe é conferida pela suposta cientificidade das sondagens. A vontade popular, antes um conceito abstrato, passa a ter uma forma clara, medida em porcentagem da opinião pública.

"Les sondages d'intentions de vote qui sont aujourd'hui réalisés en permanence et qui sont pourtant peu contestables techniquement tendent cependant à remettre partiellement en cause les résultats légalement acquis. Cette pratique des sondages, qui a un intérêt scientifique presque nul mais un rendement politique élevé, place, contre l'esprit même du système politique représentatif, la vie politique en situation d'élections permanentes."²⁸

Certos autores defendem a medição da audiência e dizem que o repúdio a estas técnicas é uma reação elitista, a mesma reação que ocorreu contra a expansão do sufrágio universal. Para estes autores, o predomínio das pesquisas de audiência é sim uma ampliação da Revolução de Democrática. Veja o que diz Gheude:

"El *rating* concreta en el terreno televisual es espíritu mismo del sufrágio universal: a cada hombre, un voto. En este sentido, la crítica de la dictadura del *rating* es en primer lugar la forma moderna de la antigua desconfianza de las elites progresistas respecto del pueblo y

²⁸CHAMPAGNE, Patrick. *Faire l'opinion: le nouveau jeu politique*. Paris: Minuit, 1990, p. 272.

singularmente respecto de la opinión y de los gustos de las classes bajas."²⁹

Conforme Gheude, a medição da audiência, no entanto, expõe a tensão que há entre a opinião pública e a representação política, o medo do desequilíbrio e a possível ilegitimidade da multidão invisível de telespectadores. Para ele, a crítica à medição da audiência faz sentir o temor de se dar uma importância excessiva à opinião, mas este fato é relevante pois acende o debate público e mantém a vigilância de todos sobre a dimensão política da televisão.

Champagne não vê relação nem mesmo entre este sistema de eleições permanentes e a democracia direta. Para ele, não parece democrático a formação de uma agenda política baseada na interrogação diária de "amostras representativas dos cidadãos". As sondagens, segundo Champagne, expressam opiniões não discutidas, não debatidas, de indivíduos atomizados e, muitas vezes, mal-informados. Bourdieu é ainda mais enfático e propõe em nome da democracia a luta contra o aparelho que mede a audiência. Segundo ele, pode parecer paradoxal a publicitários, sociólogos e ensaístas que vêm na crítica à medição da audiência uma crítica ao sufrágio universal, isto é, a possibilidade de deixar as pessoas livres para escolherem e julgarem. Mas, para Bourdieu, a legitimidade da maioria expressa nas pesquisas é a legitimidade do mercado -de caráter econômico- e não a legitimidade democrática -de caráter político.

"L'audimat. c'est la sanction du marché, de l'économie, c'est-à-dire d'une légalité externe et purement commerciale, et la soumission aux exigences de cet instrument de marketing est l'exact équivalent en matière de culture de ce qu'est la demagogie orientée par les sondages d'opinion en matière de politique."³⁰

²⁹GHEUDE, Michel. La reunión invisible. In: VEYRAT-MASSON, Isabel e DAYAN, Daniel. *Espacios publicos en imagenes*. Barcelona: Gedisa, 1997, p. 294.

³⁰BOURDIEU, Pierre. *Sur la télévision*. Paris: Liber, 1996, p. 78.

O caráter democrático da televisão não tem a ver com a sua submissão à regência das pesquisas de opinião e do senso comum, e sim com a pluralidade de opiniões que a mídia pode vir a expressar. Para Dahlgren, no entanto, a promessa de uma televisão democrática ainda está por se realizar.³¹ Segundo ele, ainda não há país no mundo que tenha uma televisão que respeite a diversidade e a pluralidade.

Para outros autores, a democracia na televisão está ligada ao fato de que o meio é constantemente objeto de debates e, talvez, o mais bombardeado de críticas de todos os setores. Para Wolton, é isso que faz da televisão "o instrumento mais democrático das sociedades democráticas".

"Le discours quotidien du public est généralement critique, car il y a toujours un décalage entre les attentes et ce qu'apporte réellement la télévision. Il en est souvent de même pour la presse écrite. En commentant ce qu'ils ont vu, les spectateurs émettent des jugements sur la télévision. C'est même comme cela qu'ils se la réapproprient, et qu'elle devient un objet démocratique au sens où elle est, en permanence, objet de débats. (...) La télévision, comme le pouvoir politique, y est soumise au jugement critique du public."³²

Os meios de comunicação justificam, mesmo assim, o uso de vocabulário da institucionalidade democrática como forma de construir este sentido. Assim, a compra de um jornal e a sintonia de uma televisão passam a ser mais do que simplesmente um ato de consumo. Passam a ser um ato de cidadania, que é expresso até mesmo nos manuais de redação, como acontece com o da Folha de S.Paulo.

"**mandato do leitor** - Nas sociedades de mercado, cada leitor delega ao jornal que assina ou adquire nas bancas a tarefa de investigar os fatos, recolher material jornalístico, editá-lo e publicá-lo. Se o jornal não corresponde a suas exigências, o leitor suspende esse mandato, rompendo o contrato de assinatura ou interrompendo a aquisição habitual nas bancas."³³

³¹DAHLGREN, Peter. *Television and the Public Sphere*. Londres: Sage, 1995, p. 37.

³²WOLTON, Dominique. *Éloge du Grand Public*. Paris: Flammarion, 1993, p. 53.

³³*Novo manual da redação*. -- São Paulo: Folha de S.Paulo, 1992, p. 19.

É esta forma de delegação de poder que inclui as massas na esfera pública na atualidade e, segundo Canclini, desloca a cidadania em direção às práticas de consumo. As novas maneiras de se informar, de conhecer as comunidades que pertencemos, de exercer os nossos direitos ocorrem através de um ato de consumo, que é a compra de um jornal ou a audiência de um canal de televisão.

"Desiludidos com as burocracias estatais, partidárias e sindicais, o público recorre à rádio e à televisão para conseguir o que as instituições cidadãs não proporcionam: serviços, Justiça, reparações ou simples atenção. Não é possível afirmar que os meios de comunicação de massa com ligação direta via telefone, ou que recebem os espectadores em seus estúdios, sejam mais eficazes que os órgãos públicos, mas fascinam porque escutam e as pessoas sentem que não é preciso se 'ater a adiamentos, prazos, procedimentos formais que adiam ou transferem necessidades'."³⁴

A afirmativa de que os meios escutam o seu público é, até certo ponto verdadeira, mas por razões óbvias de espaço de tempo, a maioria dos telespectadores que procura a eficácia junto aos meios de comunicação tem a sua vontade frustrada. Isso ocorre porque, qualquer que seja a demanda, ela vai passar obrigatoriamente pela seleção jornalística. São as decisões ditas jornalísticas que, junto com o que expus até aqui, dão uma forma ao espaço público formado pela televisão aberta. É no campo jornalístico que será decidido o que merece e o que não merece ter espaço e destaque nas discussões públicas.

Champagne analisando como é a inserção das massas nos meios de comunicação social vê na construção do espaço público um conjunto de agentes que decide sobre o que ele chama de acontecimentos de mídia.

³⁴CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 26.

"On voit en passant que la notion d'espace public n'est sans doute pas la meilleure pour analyser le champ de production des événements médiatiques, dans la mesure où cette expression tend à prendre comme un donné ce que est, en fait, le résultat d'un travail de construction complexe engageant différentes catégories d'acteurs situées dans des relations de collaboration conflictuelle: il n'y a pas un 'espace public' qui soi donné et ouvert à tous mais un système plus ou moins différencié d'agents que ont une définition sociale de ce qui est digne d'être dans l'univers des faits méritant d'être rendus publics."³⁵

Para Champagne, é um engano pensar que a mídia é um fórum, um lugar onde tudo pode ser discutido publicamente. Em função das leis próprias de funcionamento do campo jornalístico, são tomadas decisões sobre os assuntos que merecem e os que não merecem ser levados ao conhecimento do grande público. A partir desta hierarquização de assuntos, a mídia produz e dita uma agenda política. A "atualidade" é sempre o que falam os meios de comunicação de massa, dando sempre um destaque desmesurado para os temas que estão tratando e, normalmente, ignorando os assuntos que não foram por eles levantados. A ação política eficaz, que para Champagne é a luta para levantar questões em público e se fazer representar, foi desta forma transformada pela mediação tecnológica.

"Entre les groupes sociaux en lutte se sont désormais interposés une multitudes d'agents, avec leurs intérêts spécifiques, qui absorbent, à leur façon, un peu d'énergie sociale, celle-ci se trouvant plus dispersée et plus diluée dans un espace politique lui-même plus diversifié e plus étendu. Cette diminution de la violence physique se paye cependant par un renforcement de la violence symbolique, c'est-à-dire par l'imposition de nouvelles croyances, plus ou moins illusoires."³⁶

Na tentativa de elucidar como funciona o campo jornalístico, de que forma estes agentes interpostos atuam e reconstróem a realidade, Bourdieu parte dos

³⁵CHAMPAGNE, Patrick. *Faire l'opinion: le nouveau jeu politique*. Paris: Minuit, 1990, p. 243.

³⁶Ibid., p. 267.

estudos de Champagne para afirmar que os jornalistas têm uma formação, uma disposição, uma visão própria do mundo, mas também atuam seguindo a lógica da profissão. Assim selecionam entre os fatos aqueles que se encaixam nas suas categorias de percepção. Para esta teorização, segundo Bourdieu, os jornalistas fazem uso de uma metáfora.

"Les journalistes ont des 'lunettes' particulières à partir desquelles ils voient certaines choses et pas d'autres; et voient d'une certaine manière les choses qu'ils voient. Ils opèrent une sélection et une construction de ce qui est sélectionné. Le principe de sélection, c'est la recherche du sensationnel, du spectaculaire. La télévision appelle à la *dramatisation*, au double sens: elle met en scène, en images, un événement et elle en exagère l'importance, la gravité, et le caractère dramatique, tragique."³⁷

Em busca do sensacional, os jornalistas selecionam o que é, a seu ver extraordinário. São os fatos, as novidades, os acontecimentos do cotidiano. Esta seleção, como já falamos, tem implicações políticas em função da força excepcional da imagem da televisão, que provoca o que os críticos literários chamam, segundo Bourdieu, de *efeito de realidade*. Este efeito pode *fazer ver*, e pode fazer as pessoas acreditarem no que é mostrado. Para Bourdieu, este efeito pode dar existência a idéias ou representações, mas também a grupos com força política.

"Les faits divers, les incidents ou les accidents quotidiens, peuvent être chargés d'implications politiques, éthiques, etc. propres à déclencher des sentiments forts, souvent négatifs, comme le racisme, la xénophobie, la peur-haine de l'étranger et le simple compte rendu, le fait de rapporter, *to record*, en *reporter*, implique toujours une construction sociale de la réalité capable d'exercer des effets sociaux de mobilisation (ou de démobilisation)."³⁸

É desta forma que a televisão se torna o árbitro do processo que leva à existência social e política. O papel da televisão é determinante no sentido de que

³⁷BOURDIEU, Pierre. *Sur la télévision*. Paris: Liber, 1996, p. 18.

³⁸Ibid., p. 21.

alguns grupos sociais já estão mais cientes que outros de que as manifestações precisam ser feitas para a televisão, isto é, de acordo com as categorias de percepção dos jornalistas para que ganhem uma existência e consigam eficácia no jogo de poder.

Em um estudo extenso, Van Dijk propõe de forma ainda mais clara que a notícia seja vista como um discurso. Para ele, os textos jornalísticos apresentam estruturas conexas e coerentes, que representam modelos, estruturas e argumentos que estão vinculados ao mundo social e político que a notícia descreve. Através do estudo dos textos jornalísticos, sua forma e estrutura, pode se chegar a conclusões sobre o discurso mais amplo que dá sentido não só às notícias, mas à sociedade em que esta está inserida. Para Van Dijk, cada cultura tem diferentes categorias e regras próprias que organizam o discurso da notícia e a comunicação. São estas categorias que vão organizar o conteúdo global das informações jornalísticas e determinar a publicação dos fatos que merecem, segundo estas regras, ser notícia.³⁹

Analisando neste mesmo trabalho a recepção das notícias, Van Dijk conclui que, mais que recordar os assuntos dos noticiários, os receptores recordam o que ele chama de "macroestrutura" da notícia, isto é, o discurso que lhe deu sentido.

"En realidad, los resultados experimentales confirman que los individuos recuerdan mejor aquello que ya conocen, es decir, la información que recupera viejos modelos, o que simplemente puede situarse en el interior de estos modelos. Asimismo, los sucesos emocionales más destacables, como los crímenes, desastres o conflictos, suelen recordarse bien, especialmente si se adecuan a una creencia existente (estereotipada, prejujada) o a un esquema de actitud (como la supuesta participación de los negros en los crímenes)."⁴⁰

Para Van Dijk, o estudo da notícia permite explicar a importante função de reprodução que desempenham os meios de comunicação social. A partir da

³⁹VAN DIJK, Teun A. *La Noticia como Discurso: Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1996, p. 256

⁴⁰Ibid., p. 258.

prerrogativa de escolher e seleccionar os acontecimentos, os meios são os principais provedores dos discursos públicos e, para o autor, proporcionam algo mais que uma agenda política.

"Hemos visto que la comprensión de la noticia no implica la adoción de modelos idénticos por parte de los lectores. Más bien son la forma principal del discurso público que proporciona la proyección general de modelos sociales, políticos, culturales y económicos de los acontecimientos sociales, así como el conocimiento omnipresente dominante y las estructuras conductuales que convierten en inteligibles a estos modelos. Las estructuras de las informaciones periodísticas condicionan en muchos niveles a los lectores para que desarrollen esos marcos interpretativos y no los alternativos, que utilizan otros objetivos, normas, valores e ideologías para proporcionar contrainterpretaciones de los acontecimientos informativos."⁴¹

O problema da narrativa dos meios de comunicação se situa dentro da função que estes têm de reconstruir a realidade e ser suporte dos discursos sobre a mesma. Desta forma, a narrativa mediada dos meios de comunicação fixa as identidades através de relatos e define as coletividades. O estudo da narrativa dos meios de comunicação é, portanto, emblemático para a compreensão do carácter democrático de uma sociedade e de seus meios de comunicação.

"Antes de desvanecerse más o menos rápidamente, esos relatos dejan huellas y depositan sedimentos en nuestra memoria colectiva. Sobre este punto, debería echarse una atenta mirada a la descripción de la actualidad y a la descripción de prensa. Para informar al público, el periodista selecciona y estructura el sustrato fáctico, de manera que se comporta así como un 'realizador de argumentos escritos para otros'. Para comprender la comunicación periodística e mediática es pues indispensable analizar la actividad narrativa en que aquélla se funda."⁴²

⁴¹Ibid., p. 259.

⁴²MARION, Philippe. La emotividad televisiva: Los funerales del rey Balduino. In: VEYRAT-MASSON, Isabel e DAYAN, Daniel. *Espacios publicos en imagenes*. Barcelona: Gedisa, 1997, p. 339

Bourdieu considera que o campo jornalístico tem tal influência sobre os outros campos que o discurso predominante nele será transmitido naturalmente aos outros. A lógica do econômico, do mercado, que regula hoje os meios de comunicação é, desta forma, passada a outros campos.

"Le champ journalistique agit, en tant que champ, sur les autres champs. Autrement dit, un champ lui-même de plus en plus dominé par la logique commerciale impose de plus en plus ses contraintes aux autres univers. A travers la pression de l'audimat, le poids de l'économie s'exerce sur la télévision, et, à travers le poids de la télévision sur le journalisme, il s'exerce sur les autres journaux, même sur les plus 'purs', et sur les journalistes, qui peu à peu se laissent imposer les problèmes de télévision."⁴³

Devido à capacidade de exercer pressão sobre outros setores da sociedade, a partir do que foi exposto, pode-se dizer que os fatores que influenciam diretamente o discurso que a televisão constrói estão ligados ao mercado. A ligação deve aparecer na forma direta, quando o consumidor é o interlocutor eleito pela televisão, ou de forma indireta, quando a televisão cria produtos para serem consumidos. Isso ocorre em toda produção televisiva e se torna evidente no telejornalismo, onde, supostamente, se lida com a realidade, ou a sua construção. A forma como a televisão narra a realidade traz consigo as relações de consumo, seja na forma direta ou indireta. Para verificar esta teorização é que passamos no próximo capítulo à análise do material empírico.

⁴³BOURDIEU, Pierre. *Sur la télévision*. Paris: Liber Éditions, 1996, p. 65.

Capítulo 4

Um dia do cidadão na tela da televisão

Para verificar empiricamente o que foi proposto até aqui, foi escolhido aleatoriamente um dia, quando foi feita a gravação dos principais telejornais brasileiros e dos principais telejornais das emissoras internacionais de televisão. Considerando que a proposta é buscar a forma e o contexto em que emerge o cidadão no noticiário, não foi necessária a observação de um período de tempo mais prolongado. O noticiário de um dia inteiro foi considerado suficiente, dado que a narrativa jornalística permanece inalterada no tempo e a abrangência do tema principal e absolutamente pontual -o cidadão- possibilita a verificação num curto período de tempo.

O período escolhido foi o dia 20 de novembro de 1997 e os canais de televisão analisados incluem telejornais da *Rede Globo de Televisão*, *Rede Bandeirantes*, *Rede Record*, *Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)*, *Rede Manchete*, *Globo News*, *TV5 France Internationale*, *Deutsche Welle tv*, *CNN en Español*, *CNN International* e *BBC World*.

A escolha dos canais brasileiros foi feita a partir da definição: "rede nacional de televisão". O critério de escolha dos telejornais foi pelo índice de audiência, isto é, foram analisados os principais telejornais de cada emissora. A escolha dos canais internacionais se deu pelo tipo específico de programação: os canais escolhidos tem programação voltada para o telespectador desterritorializado, transnacional. Esse critério de seleção dos canais internacionais acabou por excluir os noticiários da rede ATC (argentina), por exemplo, que lança para o satélite uma programação basicamente nacional. A intenção não foi buscar estatísticas que comprovassem em números o que estou propondo, afinal, a análise deve se basear no discurso

jornalístico. Mesmo assim, farei referência a quantidades para ilustrar melhor a análise.

O que procurei nestes telejornais? Inicialmente, localizar onde aparece o cidadão. Depois, busquei o contexto, a frequência e os assuntos a ele relacionados. A partir daí, procedi uma classificação do noticiário que se encontra em anexo neste trabalho. Não fiz a transcrição de todos os textos, imagens e falas na classificação, pois são aproximadamente 15 horas de gravação, mas reproduzirei os trechos mais significativos que vão dar sustentação a esta análise.

Dividi o resultado da análise em quatro partes: a) a primeira trata do assunto mais recorrente em que o cidadão aparece envolvido: a violência, b) a segunda trata do cidadão ligado ao consumo, c) a terceira trata do cidadão global e d) a quarta do cidadão que se organiza em associações não-governamentais. Esta classificação busca tornar mais clara a análise, mas representa também as formas mais ou menos recorrentes de como o cidadão é apresentado no noticiário.

Em todo o material analisado, chama a atenção a divisão clara que existe entre três tipos de telejornais: os que tem uma cobertura impessoal e distante -que são aqueles de emissoras internacionais-, os que tem uma cobertura diversificada (parte impessoal e parte emocional) e próxima do telespectador brasileiro -que são os telejornais nacionais de prestígio-, e os que tem uma cobertura exclusivamente sensacionalista e emocional -que são os telejornais populares de algumas redes de tv brasileiras. Esta divisão aparece também nos assuntos e notícias mais recorrentes. (ver quadro).

	<i>Impessoal</i>	<i>Prestígio</i>	<i>Popular</i>
Telejornais	Télématin TV5	Bom Dia Brasil - Globo	Aqui Agora - SBT
	Journal Deutsche Welle	Em Cima da Hora - GN	Cidade Alerta - Record
	Primera Edición CNNE	Ed. da Tarde - Manchete	
	World News - CNN	Hoje - Globo	
	World News - BBC	Dia a Dia - Band	
		TJ Brasil - SBT	
		Jornal Nacional - Globo	
		Jornal da Record	
		Jornal da Band	
		Jornal da Manchete	

1. O cidadão é a vítima.

O total de assuntos classificados, muitos deles repetidos, somou 248 no período analisado. Isto é, o número de notícias de todos os telejornais juntos chegou a 248, entre notas sem imagens, notas com imagens e reportagens. Destas, 27 itens, o equivalente a 10,88% do total, foram sobre a violência urbana: assassinatos, seqüestros, contrabandos, roubos, assaltos e tráfico de drogas. Este número pode ser relativizado se os telejornais internacionais, os de prestígio e os populares forem analisados separadamente. Aí, a relação subirá para 90% nos telejornais populares (Cidade Alerta, da Rede Record, e Aqui Agora, do SBT) e cairá para menos de 5% nos telejornais de prestígio (Jornal Nacional, TJ Brasil, Jornal da Record, Jornal da Band, Jornal da Manchete) e nos telejornais internacionais.

Não chega a ser surpreendente o fato de que os telejornais populares abusem deste tipo de assunto. Eles são chamados de populares mais pelos temas que abordam do que propriamente pela audiência. É justamente por ter audiência reduzida no horário em que vão ao ar, entre 5 e 7 da tarde, que as emissoras apostam neste tipo de programação que busca agregar telespectadores das classes D e E.

A narrativa das reportagens com este perfil constrói um formato claro de ausência de cidadania. O mundo que estas reportagens apresentam se restringe ao bem -que normalmente corresponde à força policial-, ao mal -que normalmente corresponde aos criminosos- e, muitas vezes, a cidadãos indefesos e impotentes que ocupam uma posição coadjuvante nas reportagens. A narrativa faz uso da realidade urbana brasileira para apresentar histórias de luta entre o bem e o mal, que dispensam em grande parte o cidadão. A busca é por um produto atrativo e de fácil consumo, que reproduz uma fórmula usada nos filmes de ação. No caso, é a busca da audiência que está dando forma à narrativa e produzindo um cidadão vitimizado, inoperante, passivo e sem voz. Na busca de índices de audiência maiores, o telejornalismo popular constrói um discurso sobre a cidadania que não deixa espaço para os direitos civis e a participação. A segurança pública, que é um direito do cidadão, é consumida na forma de reportagens sobre a violência urbana. São notícias feitas apenas para serem consumidas. Além disso, é construída também a imagem das classes mais pobres. As reportagens são, na maioria dos casos, ambientadas na periferia das cidades. É lá que estão os criminosos e é lá que é mostrada com louvor a truculência policial.

Em termos estruturais, as reportagens reproduzem uma fórmula simples e repetitiva. Não há textos narrados em off, como é o padrão dos telejornais de prestígio: o repórter faz toda a narração no local, normalmente aparecendo na cena, participando da ação. As informações são repetidas e os erros de informação ou imprecisões são corrigidos (ou não) durante a própria reportagem. A diferença jornalística básica está na escolha das fontes de informação. Nestas reportagens que tratam da violência urbana, a fonte principal é sempre a força policial. As vítimas ganham mais importância se forem pessoas públicas, como exemplos que mostrarei adiante, mas, em geral, aos acusados não é dado o direito de resposta.

Os efeitos de edição são usados para produzir o impacto necessário e captar a atenção do telespectador. As reportagens sobre a violência urbana normalmente têm

menos cortes de imagens que as reportagens do telejornalismo de prestígio, assim como as coberturas ao vivo, em que a visão do telespectador é conduzida sem parar num plano-sequência. As reportagens reproduzem este formato buscando o mínimo de pontos de saída para o telespectador. Esse recurso leva ao ar, por exemplo, sequências em que tanto o repórter como o cinegrafista correm atrás de perseguições policiais, com a câmera voltada para o chão e sem que telespectador consiga identificar o que realmente está acontecendo. A imperfeição deste modelo cria uma estética suja, que os produtores consideram mais próxima da "vida real". De fato, uma reportagem assim reproduz em tempo real o que aconteceu no local da gravação, com todas as surpresas e imprevistos. Essa linguagem prende o telespectador interessado em acompanhar os fatos, que são narrados como se fossem ao vivo. O repórter tem uma participação fundamental na narrativa. É ele que cria o clima, abusando de uma respiração ofegante, que dá o ritmo da reportagem.

Entre os fatos que envolvem violência urbana que se destacaram no período estudado estão dois assaltos que acabaram por envolver, acidentalmente, pessoas públicas. Estas notícias figuraram entre as principais do dia e chegaram até mesmo aos telejornais de prestígio. O telejornal *Aqui Agora* deu destaque especial, colocando como primeira reportagem do dia, o assalto ao ex-secretário de Segurança de São Paulo. Segue a transcrição parcial da notícia.

Aqui Agora - SBT
<i>Apresentador ao vivo:</i>
"Esta quinta-feira foi marcada por assalto envolvendo gente importante em São Paulo. Você quer ver? O João Paulo Diniz, filho do empresário Abílio Diniz, que é dono do Pão de Açúcar, sofreu uma tentativa de assalto, que a polícia chegou a confundir com seqüestro, hoje por volta as 11h30 da manhã perto da Avenida Paulista, coração de São Paulo. Tiroteio, e neste momento o segurança Márcio dos Santos está sendo operado no Hospital das Clínicas de São Paulo. Dois seguranças baleados. O ex-secretário da Segurança Pública de São Paulo, Erasmo Dias, deputado estadual, também foi seqüestrado e passou horas de terror na mão dos assaltantes. Tava no primeiro andar, foi visitar

uma amiga, subiu no elevador. Quem esteve lá foi o Wagner Império, vem comigo aqui. Vamos ver no computador o que está aí. As chamadas estão aí. Vamos lá com a primeira matéria então: a matéria do ex-secretário Erasmo Dias, da segurança pública de São Paulo. Um homem bravo. Vocês vão ver as horas de terror que ele passou nas mãos dos assaltantes. É a primeira matéria desta quinta-feira."

Repórter ao vivo:

"O assalto ao deputado Erasmo Dias aconteceu ontem à noite aqui neste prédio no número 177 da rua Joaquim Eugênio de Lima, no bairro dos Jardins, na zona sul de São Paulo. O deputado estava no apartamento de uma amiga dele, a procuradora Janete Tamara, de 52 anos. O ex-secretário de Segurança estava conversando com a procuradora no primeiro andar do prédio no apartamento dela. Ela estava também com as duas filhas dela no apartamento, quando dois homens entraram, renderam o deputado, a amiga e as crianças e praticaram o assalto. // O deputado Erasmo Dias e a procuradora Janete estavam neste hall, aqui deste apartamento, é um por andar no prédio. Eles chamaram o elevador, o deputado estava indo embora. Quando eles abriram a porta, os assaltantes estavam aqui dentro, fortemente armados. Eles renderam o deputado, a procuradora, entraram aqui na sala e começaram as ameaças. Os assaltantes, além de ameaçarem o deputado e a procuradora de morte, fizeram uma bagunça no apartamento. Olha só, este é um dos quartos da dona Janete, olha só a bagunça que eles fizeram aqui. Foi um momento horrível, dona Janete? *(Entrevistada)* - Como é o seu nome? - Wagner. - Wagner, so quem passa mesmo é que pode avaliar. Eles ficaram aqui com a gente naquele closet, onde eu tenho as minhas jóias, as caixas todas caídas, levaram tudo. É aquele terror, aquele problema psicológico, eles ficam ameaçando: se você fizer isso eu vou estuprar as filhas. Tem balas para todo mundo. Uma hora ele pegou o braço de uma filha e disse: vou estuprar agora. A senhora quer que eu estupre aqui ou na sala? *(Choro)* Aquilo foi horrível, se ele estuprasse uma filha minha eu pegava o abajur e tacava na cabeça dele, podia me atirar, na filha minha eles não iam pôr a mão. *(Repórter)* - Aqui também neste quarto, reviraram o quarto dos meninos? *(Entrevistada)* - Eles queriam saber onde estava o cofre. Levaram as jóias. O Erasmo falou: não está contente leva este dinheiro, tó este dinheiro, eu também tinha dinheiro na bolsa. (...) *(Repórter)* Nós vamos conversar com o deputado Erasmo Dias lá no gabinete dele na Assembléia Legislativa para saber mais detalhes deste terrível assalto. // *(Entrevistado)* - Foi uns 30 a 40 minutos de desterror mais bárbaro. *(Repórter)* - O senhor não pensou em reação? *(Entrevistado)* - Não, nestas horas... a gente tem que reagir contra dois. Duas crianças, duas mulheres e um cachorro que queria latir. Tem que rezar um pouco, muita calma e bom cabrito não berra, espera a volta. *(Repórter)* - O senhor

ainda pensa que bandido bom é bandido morto?
(Entrevistado) -Morto e bem morto, para a alma não
voltar. (Assinatura do repórter) -Vagner Império, Aqui,
Agora.

Esses assuntos ganharam destaque especial nos telejornais do dia principalmente porque envolveram pessoas públicas. Nelas, os cidadãos apareceram como vítimas, mas, ao contrário do que é registrado na maioria dos casos analisados, tiveram destaque na reportagem pois se tratava de pessoas conhecidas e, principalmente, pessoas de classe social elevada. Assim, eles receberam o tratamento de alguém que tem voz e direito civis, alguém que é reconhecidamente um cidadão. Até mesmo os telejornais de prestígio, que normalmente não abordam assuntos de violência na periferia dos grandes centros urbanos, deram destaque ao assunto por se tratar de pessoas públicas. A cobertura da violência nos telejornais de prestígio é normalmente baseada em estatísticas -aumento ou diminuição da criminalidade- e ganha destaque quando esta violência sai da periferia e chega aos bairros de classe média. Nestes casos, o cidadão que é levado em conta, é aquele que não vive na periferia das cidades. O cidadão aparece também como vítima da violência urbana, mas com direito a reclamar na televisão de sua situação de insegurança.

Fora os dois casos, do ex-secretário de Segurança Erasmo Dias e do filho do empresário Abílio Diniz, os outros assuntos que envolveram violência tratavam de pessoas absolutamente anônimas, inevitavelmente das periferias das cidades. São pessoas que não recebem o mesmo destaque nem o mesmo espaço de reivindicação que os outros das classes mais altas recebem em situações semelhantes.

Neste exemplo que segue, uma comunidade de um morro na zona Sul do Rio de Janeiro é acusada pela polícia e, conseqüentemente, pela reportagem, sem que nenhum morador ganhe espaço para se defender das acusações.

Cidade Alerta - Rede Record

Apresentador ao vivo:

"Cerca de 60 policiais vasculham o morro da Dona Marta na zona Sul do Rio de Janeiro. Eles estão atrás do cativo de um empresário seqüestrado e também do traficante Marcinho VP, foragido da polícia. Cátia Argento acompanha tudo. O espaço está aberto."

Repórter ao vivo:

"Ok, João Leite, nós estamos no morro Dona Marta, que fica no bairro de Botafogo, na zona Sul do Rio. Isso porque nós recebemos uma informação que policiais da divisão anti-sequestro estariam aqui no morro. Nós não sabemos o motivo pelo qual a divisão estaria aqui. Já mostramos para vocês o helicóptero Águia, que é o helicóptero da polícia civil. O morro está sendo vasculhado pelos detetives, a pé e com o apoio do Águia. E a gente vai subir agora o morro (ofegante) para tentar localizar os policiais para entendermos melhor do que se trata. Até no momento se trata de uma operação conjunta de duas delegacias especializadas: uma delas a divisão anti-sequestro e a outra a divisão de proteção à criança e ao adolescente. Tem três pessoas detidas aqui que estamos fazendo a imagem de costas. Com um dos detidos foi encontrada esta pochete com trouxas de maconha e uma granada M9, que está na mão da delegada Márcia Julião. Aí outra imagem de mais um detido. Já temos a imagem de quatro detidos aqui no Dona Marta, descendo com os policiais. É uma operação grande, envolvendo vários homens, não conseguimos maiores informações ainda, mas o morro está cheio de policiais. A gente está vendo chegar outros policiais com novos detidos. A gente tem a informação de que a polícia estaria atrás do traficante Marcinho VP, que é foragido. Existe a suspeita de um cativo também. A imagem de outros detidos. Os policiais estão descendo com eles.// Aqui outros dois policiais subindo o morro e vasculhando até o valão e o helicóptero Águia continua rondando o morro e vasculhando a mata. Chegou uma informação agora que aqui no morro poderia estar o cativo de um rapaz que é filho de um dono de revenda de veículos que foi seqüestrado esta semana e é daqui mesmo de Botafogo, zona Sul do Rio.// Este policial de costas que está ali cercado pela imprensa é o diretor da divisão anti-sequestro que volta ao morro agora no início da tarde (ofegante). Existe realmente a informação e a polícia se nega a sair do morro até descobrir o local do cativo, além do paredeiro de Marcinho VP."

Essa reportagem serve de exemplo de um discurso que é dominante quando se trata de jornalismo popular sensacionalista. O repórter e a polícia aparecem claramente como intrusos num mundo que não é o deles, isto é, num ambiente hostil,

onde ocorre a luta entre o bem e o mal. As favelas são o local onde se passa a ação e sempre um local ao qual nem o repórter nem o policial pertence, como se fosse um mundo à parte, o mundo da criminalidade, da ilegalidade.

Nessa reportagem específica a polícia não aparece como fonte oficial, pois, segundo a repórter, não quer prestar informações. De qualquer forma, a reportagem dá a entender que alguma fonte não-identificada presta informações. As imagens mostram os moradores do morro assistindo calados à operação policial. Alguns são detidos e apresentados como suspeitos, muitas vezes, na frente da câmera. A eles não é concedido o direito de se defender das acusações de tráfico e seqüestro. A reportagem mostra os acusados sem tomar o cuidado de preservar a imagem deles. A narrativa permite a construção de um significado em torno de um cidadão de segunda classe no momento em que a reportagem não dá voz aos moradores, não menciona o seu nome nem a sua profissão, o que seria usual nestes casos. Além disso, a reportagem trata o local onde estas pessoas vivem como um mundo estranho ao telespectador. A comunidade como um todo é acusada de esconder um traficante e um seqüestrado, já que um dos atores principais da reportagem é "o morro Dona Marta", local onde se passa a ação. Cria-se um estigma sobre o morro e sobre os moradores que nele vivem. Mostra-se pessoas desprovidas dos direitos de cidadania, como os direitos à privacidade, à imagem e à defesa.

O cidadão torna-se assim um subcidadão através de uma cobertura que busca antes de tudo aumentar a audiência através de emoções fortes e da reprodução de uma fórmula cinematográfica de relatar histórias maniqueístas. A linguagem prima pela repetição incessante de fatos do dia-a-dia, principalmente aqueles que envolvem algum tipo de violência urbana que possam ser transformados numa história de ação e emoção. Através da construção deste discurso sobre o cidadão, que representa a maioria das reportagens analisadas, o produto é o consumo do próprio cidadão como uma vítima sem voz nem direitos.

O discurso que, como foi exposto nos capítulos teóricos, é baseado no senso comum e na superficialidade não busca a explicação dos fatos, mas apenas faz o registro dos acontecimentos sem a busca de uma relação de causa e efeito. O resultado é a simplificação que divide os atores de uma reportagem entre o bem e o mal e anula o cidadão enquanto ator político. O cidadão que se faz representar cumpre um papel coadjuvante nas histórias que são contadas na televisão, faz parte de um roteiro que é repetido sem cessar, no qual as pessoas de baixa renda não têm qualquer valor.

A idéia de uma democracia radical em que novos atores políticos pudessem reivindicar novos direitos fica, dentro deste contexto, absolutamente descartada. Se o cidadão não aparece nem mesmo reivindicando direitos já conquistados, muito menos aparecerá reivindicando novos direitos. A representação do cidadão nestas reportagens que compõem a maioria das registradas no dia da análise opera como a anulação do cidadão enquanto tal. Isto é, o cidadão é anulado em função de uma narrativa que privilegia uma estética que favorece a audiência e, portanto, o consumo.

2. O cidadão é o consumidor.

O discurso do livre mercado, além de tornar o cidadão um objeto de consumo na tela da televisão, o transforma em consumidor, quando o cidadão é representado como tal. Os itens com referência explícita ao consumidor no material pesquisado somam 20 unidades, o que equivale a 8,06% do total geral de notícias. É o segundo tema mais freqüente no noticiário, incluindo todos os telejornais analisados. Se restringirmos este número ao universo dos telejornais brasileiros de prestígio veremos que a proporção aumenta, chegando ao máximo de 21,42% do noticiário no Jornal Nacional. Isto é, mais de um quinto do material apresentado no Jornal Nacional no dia da pesquisa mostrava o cidadão exclusivamente como consumidor. Além da

importância deste fato, ressalta-se o impacto que isso tem se analisarmos a supremacia da audiência dos telejornais de prestígio em relação aos restantes. Isto é, para a maioria dos telespectadores a idéia de cidadão enquanto consumidor será a mais recorrente.

A questão ganha relevância ainda maior se verificarmos a dimensão das reportagens sobre o consumidor dentro de cada telejornal. De maneira geral, as reportagens que tratam do assunto são as principais, e, portanto, ocupam o maior tempo nos telejornais de prestígio no Brasil. Desta forma, os assuntos que interessam ao consumidor estão normalmente nas manchetes. O cidadão-consumidor é tão freqüente que aparece nos mais diversos contextos e enfoques.

Ao contrário das reportagens sobre a violência urbana, o local onde se passa a ação nestas reportagens em que o cidadão é o consumidor é normalmente um ambiente (casa, loja, bairro) de classe média ou média-alta. Assim, na identidade do consumidor é excluída a classe baixa, que raramente aparece. Isto é, o consumo de classe média é privilegiado em detrimento do consumo popular. Ao contrário das reportagens sobre a violência urbana, em que os cidadãos são coadjuvantes, nas reportagens sobre o consumidor, os cidadãos assumem um papel central. Eles são o objetivo maior do tema, a eles é dado o direito de expressar as suas opiniões e aparecem repetidas vezes com destaque, com nome, idade e profissão.

Entre os fatos mais importantes do dia analisado está a repercussão da aprovação da reforma administrativa no Congresso. A reforma inclui um teto para servidores públicos e a quebra da estabilidade. O assunto é destaque dos telejornais brasileiros da manhã e do meio-dia. Como a simples notícia da aprovação (o fato ocorreu na noite anterior) seria considerada "velha" no jargão jornalístico, os telejornais optaram por avançar o assunto a partir da decisão do Banco Central de baixar os juros, tomada logo após a aprovação das medidas. Assim, o que as reportagens foram mostrar é que a aprovação das medidas do governo é um fato

"positivo", já que, com isso, os juros caem e fica mais fácil de comprar. Desta forma, a reforma interessa ao cidadão-consumidor pelo enfoque do mercado e não como um valor em si. O que as reportagens discutem não é o valor da reforma, suas implicações sociais e políticas, mas a decorrência da aprovação para o mercado. Os exemplos do material exibido no telejornal Em Cima da Hora, da Globo News e na Edição da Tarde da Rede Manchete são claros.

Em Cima da Hora - Globo News

Apresentador ao vivo:

"O governo anunciou uma queda nas taxas de juros quando votou a reforma administrativa ontem. Na verdade, foi uma resposta do governo à aprovação da reforma. Assim, os líderes governistas partem agora para uma outra luta: conseguir apoio dos parlamentares para as oito medidas provisórias do pacote de ajustes do plano Real."

Reporter em off:

"Conversa não faltou. A paciência do ministro Pedro Malan em detalhar e defender o pacote fiscal durou sete horas na Câmara. Chamado pelos tucanos, Pedro Parente, o 2º homem no ministério também falou."

Repórter ao vivo:

"Reforma aprovada, vida nova para o governo. Se antes havia dúvidas sobre os pontos polêmicos do pacote fiscal, o hoje a palavra de ordem é a confiança na aprovação das oito medidas provisórias."

Repórter em off:

"O ministro da coordenação política, Luiz Carlos Santos disse que o presidente Fernando Henrique Cardoso estava eufórico com a vitória."

Entrevistado: Luiz Carlos Santos

"Foi uma vitória do país. Isso ajuda brutalmente o acerto das contas públicas."

Entrevistado: Sen. Aécio Alves - PSDB

"Eu acredito firmemente que nós vamos aprovar o ajuste fiscal como um todo. As 51 medidas."

Repórter ao vivo:

"No dia da vitória no Congresso, até o consumidor saiu ganhando: crediários e financiamentos vão ficar mais atraentes. O Banco Central divulgou taxas de juros mais baixas. A TBC caiu de 3,05% para 2,90%. A TBar de 3,23% para 3,15%."

A reportagem conclui com a redução nas taxas de juros afirmando que o consumidor é que saiu ganhando com a aprovação das medidas pelo Congresso. A reportagem só não explica que esta redução é insignificante e que, a curto prazo, nada muda na economia do país por causa desta redução. É, mais uma vez, a superficialidade construindo um discurso que tem como foco o consumidor, seja a informação correta ou não. Neste caso, fica evidente que foi um arranjo do próprio governo, no qual os jornalistas acreditaram e reproduziram. A opção pelo consumidor se confirma também nesta outra reportagem.

Edição da Tarde - Rede Manchete
<i>Apresentador ao vivo:</i>
"O governo tenta mais uma vitória daqui a pouco com o restante da votação em segundo turno da reforma administrativa na Câmara. Um dos itens mais polêmicos da reforma é o que permite a União, Estados e municípios a demissão de servidores sempre que a folha de pagamento atingir 60% da receita. O texto básico da reforma foi aprovado no final da noite de ontem.
<i>Repórter em off:</i>
"351 votos a favor, 43 a mais que os 308 necessários. Surpresa até para o governo. A reforma administrativa foi aprovada abrindo caminho para o governo economizar 5 bilhões de reais. O teto salarial ficou em 12.720 reais e o governo vai poder demitir funcionários públicos por insuficiência de desempenho. Por causa da vitória, as taxas de juros começaram a cair ontem mesmo. Bom para o consumidor. (...)

Nestas reportagens, a noção de cidadão informado para poder agir como tal se perde e o discurso baseado no ponto de vista exclusivo do consumidor acaba por considerar as reformas positivas sem uma análise política mais profunda. Apenas um comentarista de economia chamou a atenção para o fato de que a queda das taxas de juros foi insignificante e alertou para a jogada política que o governo fez ao baixar as taxas de juros logo depois da aprovação das reformas no Congresso.

Na cobertura internacional, uma notícia voltada para o consumidor é destaque em alguns telejornais brasileiros e estrangeiros. A terceira quinta-feira do mês de novembro (dia da análise) é, coincidentemente, o dia que os franceses apresentam o *Beaujolais Nouveau*, um vinho tradicional que, segundo as reportagens, tem admiradores no mundo inteiro. As reportagens mostram as imagens de bares na França e no Brasil, onde pessoas se reuniram para esperar a abertura das garrafas. De uma certa forma, estas reportagens vão confirmar a construção de identidades no consumo segmentado internamente e, por outro lado, homogêneo através dos diferentes países, isto é, o grupo de consumidores é também um grupo de consumo transnacional. O lançamento do *Beaujolais Nouveau* apresentado nas reportagens mostra degustadores de nacionalidades variadas e transforma-se, além de um evento cultural francês, um evento de mídia internacional. Não é um mero acaso que as imagens mostradas nas grandes redes de televisão sejam as mesmas tanto no Brasil como na França. A festa de lançamento do vinho é organizada para se transformar no que acabou se transformando: uma festa para as câmeras que é repetida em todo o mundo. Muito mais do que retratar uma comunidade de consumidores transnacionais, o evento de mídia constrói esta comunidade.

No mesmo dia é comemorado o Dia da Consciência Negra no país e a comemoração recebe amplo destaque em todos os telejornais brasileiros. A cobertura em geral é diversificada. As reportagens têm enfoques variados, mostrando várias características da etnia negra no Brasil. De um modo geral, o discurso que rege as reportagens sobre os negros acentua constantemente características positivas da cultura afro-brasileira. Isto é, todas as reportagens têm um tom de apologia, sem que haja uma visão crítica sobre o assunto. As reportagens reforçam de uma forma explícita a imagem positiva da etnia negra e apresentam o negro como algo um tanto exótico, mas consumido pela maioria branca. Desta forma, os negros aparecem como produtores de dança, música e teatro, bens de consumo culturais que são importantes

economicamente para o país. Assim, o negro é apresentado como objeto de consumo na sua representação mais recorrente na televisão.

Algumas reportagens já mostram o negro como consumidor potencial em ascensão. Em uma delas, com referência explícita ao Dia da Consciência Negra, são apresentados produtos específicos para os negros. A reportagem é clara na vinculação do consumo com a cidadania da etnia negra e foi apresentada no Dia a Dia da Band. Segue a chamada da reportagem.

Dia a Dia - Band
<i>Apresentador 1:</i>
"Hoje é o dia nacional da Consciência Negra. Uma data instituída pelo presidente Fernando Henrique Cardoso há dois anos. Isso contribuiu para o resgate dos valores históricos e culturais dos negros brasileiros."
<i>Apresentador 2:</i>
"Sem dúvida que contribuiu. Mas na verdade nos últimos anos os negros e pardos que somam 44% da população do país já começaram a ser descobertos como um filão inexplorado de consumidores de produtos específicos. É o que vamos ver no programa de hoje. Também vamos ver a beleza das praias da Jamaica. (...)"

A maioria dos telejornais brasileiros apresentou alguma reportagem sobre o assunto. Chama a atenção a variedade de enfoques e a pluralidade de temas escolhidos para tratar do assunto: música, artes plásticas, literatura, gastronomia, consumo. No entanto, nenhum telejornal pautou uma reportagem ou entrevista com algum representante do movimento negro, que simplesmente não aparece em momento algum no material analisado. Não há como afirmar que o movimento negro tenha sido excluído voluntariamente, entretanto, é um dos movimentos de minorias mais representativos que não se fez representar no dia dedicado à sua causa.

O consumidor é também o foco das matérias que o repórter Celso Russomano apresenta no telejornal Aqui Agora. Como setorista de reportagens com consumidores, o repórter chega ao extremo de substituir os entrevistados e atuar

como ator principal das reportagens, agindo como representante dos consumidores. A reportagem se transforma no ator principal em defesa dos direitos do consumidor.

Cidade Alerta - Rede Record

Apresentador ao vivo

"O repórter Celso Russomano volta hoje com aquela reportagem feita com um consumidor que reclama o pagamento de um seguro-fiança. A coisa esquentou. Lembra-se de ontem? Esquentou tanto, lá na empresa, que o Celso Russomano chamou a polícia. Vamos ver então. Espaço aberto para Celso Russomano."

Repórter ao vivo - falando no telefone celular com trilha musical em background. Telefones do repórter aparecem na tela.

"O que está acontecendo é assim: eu recebi uma denúncia de um cidadão, o senhor Reinaldo, de que ele fez uma apólice de seguros numa corretora de seguros e a apólice não foi averbada; significa que a pessoa recebeu o valor do seguro e não deu entrada na apólice. Isso caracteriza crime de estelionato. Estou aqui presente na tentativa de solucionar o problema, mas o dono da corretora de seguros não quer resolver o problema. Diante da documentação que eu tenho que é uma carta-fiança feita pela Rico Corretora, onde eu me encontro e uma declaração da Sul América de que em momento algum foi averbada esta carta-fiança, existe aqui em tese um crime de estelionato e eu gostaria de solicitar a polícia militar aqui no local para conduzir as partes até o distrito policial. (...)"

Esta reportagem acima mostra uma situação em que o repórter toma o lugar do objeto da reportagem. O repórter passa a agir e deixa de simplesmente reportar os fatos. É um estágio de jornalismo popular em que o repórter passa a ser o representante da vítima/cidadão. Se analisarmos as formas de coberturas possíveis para um fato como este, poderíamos dividi-las em três:

a) impessoal: o repórter relata o que aconteceu, ouve os dois lados, não deixa transparecer as emoções dos entrevistados.

b) protagonismo: o repórter dá destaque a um entrevistado que serve de exemplo do fato que aconteceu, todos os detalhes em relação a esta pessoa são importantes e servem para que o telespectador se identifique com o entrevistado.

c) representativo: o repórter assume o lugar do entrevistado, age no lugar dele com a força da mídia dando respaldo às suas ações.

É um estágio que já não poderia mais ser chamado de jornalismo, dentro da definição aceita hoje em dia como sendo o relato dos fatos. Numa situação destas, o jornalista é que está criando os fatos e ao mesmo tempo relatando-os. A posição do jornalista confunde-se com a do cidadão e do consumidor buscando os seus direitos.

A saúde e a segurança pública passam também para o âmbito do consumo. As reportagens que tratam do assunto mostram consumidores tentando resolver problemas de saúde e de segurança, sem fazer uso dos seus direitos de cidadãos. Assim, tanto a saúde como a segurança passam a ser bens de consumo. Os exemplos são do Jornal da Manchete.

Jornal da Manchete - Rede Manchete

Apresentador ao vivo

"O Senado adia para a próxima semana a votação do projeto que regulamenta os planos de saúde. Uma dor-de-cabeça para quem precisa de atendimento médico."

Repórter em off

Ao assinarem um contrato do plano de saúde, o empresário Rodrigo Montezuma e a esposa Cristia passaram por uma avaliação médica e ficaram livres do prazo de carência, cortesia da empresa. Um mês depois, Cristia descobriu que estava grávida e a empresa voltou atrás: não quis cobrir os gastos com exames e com o parto. Durante as negociações para resolver o problema, Cristia teve um parto prematuro e o bebê nasceu morto.

Entrevista do pai

"Teve que morrer uma criança para eles poderem tomar uma atitude de não: -você realmente têm isenção de carência, foi um erro do nosso médico não ter solicitado o exame."

Repórter em off

"O economista e engenheiro Paul Geislinger também teve problemas com o plano de saúde. Em um ano a mensalidade foi reajustada duas vezes, um aumento de 80%."

Entrevista do engenheiro

"Eu pensava que eles iam fazer um plano de saúde para a minha pessoa, a minha esposa, mas de fato eles fizeram um plano para a saúde financeira da empresa deles."

<i>Repórter ao vivo</i>
"Os usuários que utilizam o sistema não teriam tantos problemas se o projeto que regulamenta os planos de saúde já tivesse sido aprovado pelos parlamentares. O projeto tramita no Congresso há quatro anos. Já foi aprovado na Câmara, e deve ser votado no Senado na semana que vem."
<i>Repórter em off</i>
"O projeto que cria o plano mínimo de atendimento e que proíbe reajustes a pessoas com mais de 60 anos não agrada a maioria dos usuários. 25% das reclamações que chegam ao Procon são contra abuso das empresas de plano de saúde.
<i>Entrevista do representante do Procon</i>
"Que o Senado seja sensível aos problemas dos idosos e dos doentes crônicos que são usuários dos planos de saúde no sentido de rejeitar este projeto de lei da Câmara.

Neste exemplo, ocorre uma mercadorização das relações sociais, assim como foi relatado nos capítulos teóricos. No caso dos planos de saúde, já se convencionou usar como fonte, assim como na reportagem apresentada acima, o Serviço de Proteção do Consumidor. A superficialidade com que o tema é abordado permite a articulação de um discurso que transforma os direitos do cidadão em bens de consumo. Nesta reportagem citada, assim como em outras que o cidadão aparece como consumidor, os exemplos são, mais uma vez, de pessoas de classe média. Os cidadãos são apresentados como consumidores que foram, de alguma forma, enganados por uma empresa e recorrem ao Procon para tentar fazer valer os seus direitos. Mesmo expresso na Constituição que o atendimento à saúde deve ser um bem universal no Brasil, a discussão expressa na reportagem ignora esse fato, tratando a questão como um assunto do âmbito do consumo, isto é, uma questão que o mercado deve regular. Na reportagem, o Estado aparece como um provável regulador das relações entre os consumidores e as empresas de planos de saúde. O discurso sobre o qual a reportagem está assentada exime o Estado do seu papel de provedor de saúde, um direito do cidadão expresso em lei desde 1988.

O mesmo que ocorre com a saúde, ocorre em relação à segurança pública no exemplo a seguir.

Jornal da Manchete - Rede Manchete

Apresentador ao vivo

"A violência invade São Paulo. Nossa reportagem mostra como agem os assaltantes nas ruas da metrópole, e mais: quanto custa a segurança da população que vive com medo."

Enquete

"Hoje em dia não se vive muito tranqüilo." "Nem dentro de nossa própria casa." "Já foi assaltado alguma vez? Já, dentro do ônibus." "Tenho visto assim várias pessoas sendo assaltadas em carro, sem ter uma polícia por perto."

Repórter em off

"O medo das pessoas bem que poderia ser menor. São Paulo tem uma das maiores estruturas de segurança pública do país. São mais de 113 mil homens entre as polícias civil e militar. Um policial para cada 302 habitantes. Mas a insegurança é constante. Casas e prédios ficam cercados por grades, muros altos e sistemas de alarme. Às vezes, a própria polícia é temida nas ruas. Por mês, acontecem em média 18 mil furtos e roubos em São Paulo. Parar nos cruzamentos com o vidro do carro aberto é algo arriscado. Para roubar no trânsito, os assaltantes usam armas e muita criatividade. (Simulação) O sinal fecha, o homem amparado por uma muleta se aproxima dos carros para pedir ajuda. Quando o motorista abre o vidro, tem uma surpresa: o suposto deficiente físico saca uma arma e anuncia o assalto. A vítima acaba entregando dinheiro e objetos."

Enquete

"Eu prefiro nem parar no sinal."

Repórter em off

"Caixas eletrônicos feitos para facilitar a vida dos clientes se tornaram perigosos. Dentro e fora das cabines acontece de tudo. Imagens gravadas pelos bancos mostram que às vezes até as máquinas são roubadas."

Enquete

"Ele levou o meu cartão, não percebi, falou como se fosse funcionário do banco."

Repórter em off

Na fila da porta do caixa, o assaltante também pode ser qualquer um. Um homem com o braço engessado entra na fila. Ele espera quem está à sua frente sacar o dinheiro. Quando a vítima sai, o assaltante retira do gesso uma

arma, rouba o dinheiro retirado pelo cliente e obriga o usuário a fazer um novo saque.

Entrevista PM

"Cria dificuldades para a polícia. Uma viatura pode passar, ver o assaltante, mas ele está de uma forma insuspeita.

Repórter em off

"Mesmo com os altos riscos que a população enfrenta, o investimento em segurança pública ainda é pequeno. O orçamento da polícia de São Paulo este ano é de R\$ 2.165.000 o 12% da arrecadação. Do total, 1.840.000 são gastos com salários."

Entrevista PM

"Não é suficiente, por que o governo tem que repartir o bolo com as demais secretarias."

Repórter ao vivo

"O aumento da violência, as deficiências da segurança pública acabam movimentando um outro serviço: o da segurança privada. Só neste ano a expectativa é que o setor cresça 20% e que fature nada mais nada menos que R\$ 4 bilhões. Por isso, tanto investimento em tecnologia."

Repórter em off

"Equipamentos sofisticados apresentados nesta feira estão chegando agora ao Brasil. Um pequeno aparelho antiespionagem anula qualquer grampo eletrônico. Esta máquina descobre traficantes e pode prevenir atentados. Vestígios de 33 tipos diferentes de drogas e de explosivos podem ser detectados em apenas 7 segundos. Um ambiente simples como a sala de uma casa pode ser uma armadilha. A fumaça cega os assaltantes por alguns minutos. Indústrias, bancos, residências são vigiados pelos mesmos olhos. Neste painel o computador monitora 1.300 diferentes pontos no Brasil.

Entrevista consultor de segurança

"Dependendo do projeto pode sair de R\$ 2.000 a um milhão, o investimento é único, mas é uma vez só."

Repórter em off

"A verdade é que além de pagar impostos para a segurança pública, os cidadãos estão investindo pesado para ter um pouco de tranquilidade."

O público-alvo desta reportagem é o cidadão-consumidor que vive em São Paulo. A reportagem abre com uma enquete com pessoas que aparentam, pelas roupas e modo de falar, um bom nível de vida. Depois segue descrevendo uma situação de insegurança baseada em números e faz uso de exemplos que são quase que exclusivos da classe média. Tanto o dono de um carro (exemplo do assalto na

sinaleira) como o dono de uma conta bancária (exemplo do assalto ao caixa automático) são cidadãos que detêm uma posição social não inferior à classe média. Desta forma, a reportagem constitui o seu interlocutor, que vem a ser o cidadão que é proprietário. É para este cidadão que a reportagem passa a informar sobre a criminalidade em São Paulo e a falta de investimento em segurança pública. Depois de definido o interlocutor e feitas as considerações sobre os problemas que estas pessoas podem enfrentar, a reportagem passa a mostrar o que existe hoje de mais moderno em sistemas privados de segurança. Isto é, a reportagem constitui o consumidor, cria a necessidade e mostra o produto. Neste exemplo, uma feira de equipamentos de segurança entra como um elemento de destaque no conjunto da reportagem, já que é apresentada no momento do desfecho, no final da matéria. O repórter apresenta uma situação de fato que é o investimento privado em segurança e faz o alerta para o encargo dobrado que as pessoas têm ao pagar por segurança privada. Mesmo com o alerta, fica a idéia clara de mercadorização de um direito que é a segurança pública.

O que acontece nos casos apresentados é que o mercado dá o enfoque das reportagens. O mercado torna-se o fio condutor que articula os assuntos. O Jornal Nacional do dia em que foi feita a análise abriu com uma reportagem cujo público-alvo era o trabalhador que estaria recebendo o 13º salário. O cidadão apareceu mais uma vez como o consumidor, mesmo que consumidor potencial. Neste exemplo, as fontes são os trabalhadores que aparecem fazendo questões e expondo as suas dúvidas e um especialista que entra na reportagem explicando e esclarecendo as dúvidas levantadas.

Jornal Nacional - Rede Globo
<i>Apresentador ao vivo</i>
"As empresas têm até o dia 30 para pagar a primeira parcela do 13º salário. Algumas já estão antecipando este pagamento. Oito bilhões de reais devem ser transferidos para os trabalhadores. E o que fazer com o dinheiro? Os especialistas recomendam cautela."
<i>Repórter em off</i>

"Este hospital na zona leste de São Paulo gastou hoje 200 mil reais com o pagamento da primeira parcela aos seus 350 funcionários. O porteiro recebeu 473 reais."

Entrevista do porteiro

"Pretendo quitar algumas dívidas e o restante vou usar na ceia e comprar alguns presentes."

Repórter em off

"700 reais entraram na conta do médico".

Entrevista do médico

"Eu vou dar uma poupadinha até o Natal e o Ano Novo e depois aproveitar e fazer um programa diferente com a família."

Repórter ao vivo

"Existe uma regra geral para o bom uso do 13°. É dividir o dinheiro entre as três opções básicas: gastar, poupar ou pagar dívidas."

Enquetes

"Não vou gastar nada, vou pagar todas as dívidas." "Eu como tenho dívidas, vou pagar o meu cartão."

Entrevista com especialista

"Ela tem que pagar as suas dívidas, liquidar o mais rapidamente possível por que os custos são muito elevados."

Enquetes

"Com certeza vou economizar, não teria condições de esbanjar." "Eu gosto sempre de ter uma reserva para recorrer em momentos mais complicados."

Entrevista com especialista

"Nós devemos ter no ano que vem algumas dificuldades no mercado, é possível que o desemprego continue, então é importante ter uma reserva para passar este período."

Enquetes

"Gastar o que é necessário."

"Comprar um forno de microondas e gastar um pouquinho no Natal."

Entrevista com especialista

"Sempre que possível pagar à vista. E evitar ao máximo os crediários e compromissos de longo prazo. As taxas de juros estão elevadas e portanto qualquer tipo de compromisso de longo prazo vai onerar demais o consumidor."

Nesta reportagem, o interlocutor é o trabalhador que recebe o 13°. O telejornal usa a figura de um especialista em economia para dar conselhos aos

trabalhadores. Em todos os casos, o trabalhador é visto como um consumidor, pois a reportagem fala em dívidas, compras e poupança, sempre relacionando o uso do dinheiro ao consumo.

No Jornal da Manchete, o mercado dita o enfoque de uma reportagem que compara os cursos técnicos com os cursos superiores. Os valores positivos que estão associados aos cursos técnicos tomam como único fator de importância a rapidez na colocação profissional.

Jornal da Manchete - Rede Manchete

Apresentador ao vivo

"O tão sonhado diploma universitário nem sempre é sinônimo de sucesso profissional. Muitas vezes, uma carreira técnica pode garantir salários muito melhores que profissões de níveis superiores."

Repórter em off

"O Brasil forma em média 240 mil universitários e 472 mil técnicos por ano. As universidades geralmente trabalham desde o início com a teoria, a prática fica para os últimos períodos. Já os cursos técnicos oferecem a prática desde o início, proporcionando maiores chances de emprego ao aluno."

Entrevista com diretor de escola técnica

"O curso técnico -ele é um curso objetivo que mantém as características científicas dos fundamentos da ciência, mas prepara o indivíduo mais rápido para o mercado de trabalho."

Repórter em off

"Ricardo Vieiralves subreitor de graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro admite que as faculdades não costumam preparar o aluno para o mercado de trabalho."

Entrevista do subreitor

"O que é importante neste momento é que as universidades brasileiras se aproximem dos empresários, discutam com os empresários e façam programas mais adequados para que os seus estudantes possam se melhor absorvidos (sic) no mercado de trabalho."

Repórter ao vivo

"2.500.000 brasileiros portadores de nível superior trabalham com carteira assinada em todo o país. De acordo com o Ministério do Trabalho, 70% dos que vivem no Rio estão desviados de função, quer dizer, não trabalham na profissão que escolheram."

<i>Repórter em off</i>
"Sérgio Costa fez curso técnico de comércio exterior e chega a receber três mil reais por mês. Aos 28 anos, ele garante que nunca pensou em cursar uma faculdade."
<i>Entrevista do técnico</i>
"Eu nunca cogitei a idéia de uma faculdade, eu sempre optei pelo curso técnico. Por que pela experiência das outras pessoas que eu via, as pessoas têm a faculdade para enriquecer currículo. Até mesmo porque o mercado está muito inchado."
<i>Repórter em off</i>
"Ana Paula Costa é irmã gêmea de Sérgio. A situação dela é bem diferente. Ana Paula é formada em economia e apesar de ter tentado um emprego na profissão, ela tem que dar aula de inglês para garantir um salário de 200 no final do mês."
<i>Entrevista da professora</i>
"Mandeí 156 currículos, tentei muito e desisti. Não voltaria, dar aula de inglês para mim é fascinante, eu gosto de coração."

A reportagem não faz uso de nenhum dado que comprove que existam mais técnicos que universitários com sucesso profissional. Neste exemplo, a superficialidade da abordagem do assunto, aliada ao enfoque que toma como valor preponderante o mercado de trabalho, cria uma imagem negativa dos cursos universitários. Em resumo, o que a reportagem diz é que os cursos universitários não valem a pena e que a opção melhor são os cursos técnicos, sem esclarecer que cada um tem uma função específica numa sociedade. A reportagem tira conclusões precipitadas em cima de dados que são insuficientes para tal análise.

A partir dos exemplos mostrados aqui se pode afirmar que o material empírico confirma a noção de que as identidades dos cidadãos emergem na mídia articuladas ao consumo. Não só a quantidade de reportagens que tratam do assunto é significativa, como também a posição de destaque que estas assumem dentro dos telejornais (primeira matéria e manchete).

Os cidadãos agem como consumidores em boa parte do material pesquisado. Agora, a recíproca não parece se confirmar. Os consumidores apresentados agem

como cidadãos? O consumo como espaço político não se evidencia no material pesquisado. O cidadão-consumidor não parece em reportagem alguma transformando as suas escolhas em atitudes de caráter político. Não há, pelos menos no dia da pesquisa, uma só amostra de politização do mercado, o que é apontado pelos autores estudados como uma saída democrática num campo onde o político caiu em descrédito.

3. O cidadão no noticiário internacional.

O noticiário internacional se caracteriza pela repetição incessante dos mesmos assuntos e das mesmas imagens. Como as fontes de informação são basicamente as mesmas, isto é, as poucas agências de notícias internacionais capazes de prover imagens (Reuters, World Television News, CNN), o resultado é a repetição, a pasteurização e a falta de empatia entre o que é publicado e o telespectador. A cobertura internacional se baseia principalmente nas relações externas dos EUA, na economia mundial e em fatos inéditos ou extraordinários.

No período analisado, quatro notícias de origem internacional dominaram 14,11% de todo o noticiário, tendo cobertura relativamente equivalente. São elas: a autorização para a volta dos inspetores da ONU ao Iraque, a morte de um estudante israelense em atentado em Jerusalém, o nascimento de séptuplos numa pequena cidade dos EUA e as bodas de ouro da rainha da Inglaterra. Estas informações foram transmitidas por praticamente todos os telejornais com diferenças mínimas de enfoque. Não houve uma notícia sequer que tenha sido dada por todos os telejornais.

São praticamente inexistentes as referências a identidades ou grupos civis transnacionais. Apenas nos telejornais europeus (BBC, Deutsche Welle, TV5 Internationale) é dado destaque a um assunto que atravessa as fronteiras dos países, o desemprego. No dia em que os telejornais foram analisados, realizou-se em

Luxemburgo uma reunião de cúpula da União Europeia para debater o emprego. Os telejornais europeus mostraram reportagens especiais sobre o assunto e fizeram a cobertura factual do evento. O cidadão transnacional aqui é o desempregado, identidade que une milhões de europeus e os faz ter uma vivência comum.

TéléMatin - TV5 France Internationale
<i>Apresentador ao vivo</i>
"Em Luxemburgo, os 15 tentam criar uma política comum de luta contra o desemprego e devem fixar diretrizes. A cúpula é uma iniciativa da França em contrapartida da área social à moeda única."
<i>Comentarista</i>
"São 10 milhões de desempregados na Europa, 10,6% da população ativa. Um compromisso sobre a luta contra o desemprego se desenha em Luxemburgo onde os 15 vão se encontrar em algumas horas. Cada estado membro vai se engajar em propor o trabalho e formação profissional aos jovens desempregados nos seis primeiros meses de desemprego e aos mais velhos depois de 12 meses de inatividade. Os 15 farão uma espécie de balança. A França pensa que é uma primeira etapa, a primeira parte na direção do que se chama de modelo social europeu reconciliado de alguma forma ao econômico e ao social."

Neste exemplo, a identidade do desempregado se organiza dentro da lógica do mercado globalizado. A identidade de um desempregado na França de hoje pode estar mais próxima da de um alemão desempregado do que de outro francês que possua um emprego assalariado, isto é, ser desempregado pode ser um fato mais definidor do que ser francês ou alemão. O desemprego hoje atinge porcentagens que variam de 5 a 10% nos países europeus e transformou-se num fator de identificação para milhares de cidadãos. A reunião de cúpula da debater o assunto em Luxemburgo é uma reação dos governos ao problema que é considerado o maior na atualidade, principalmente nos países ricos. A identidade que é construída em torno dos desempregados europeus revela o desânimo de trabalhadores com boa formação que não conseguem um posto de trabalho. As reportagens sobre o assunto mostram também o problema

dos jovens que não conseguem sequer entrar no mercado de trabalho, isto é, não conseguem nem mesmo um estágio. A situação é descrita de tal forma que o próprio emprego não aparece como a redenção para os trabalhadores: uma reportagem sobre o assunto na França mostra que o emprego não é garantia de bem-estar, dada a baixa remuneração, que atinge principalmente as mulheres. O discurso que sustenta estas informações dá conta de que o emprego clássico está de alguma forma ameaçado. Os casos de sucesso na geração de empregos mostram soluções criativas de empresas e governos que conseguiram criar novos produtos que tenham algum caráter especial ou inovador. Estes exemplos apresentados se contrapõem ao emprego tradicional no sentido em que o trabalhador aparece como elemento ativo e participante no processo de produção criativo e não como uma peça mecânica dentro de uma estrutura consolidada. Estas reportagens constroem desta forma não só um discurso sobre o desemprego, como um discurso sobre o emprego da atualidade. Nestes casos, são constituídos como consequência o desempregado e o trabalhador da atualidade. Ao cidadão que não consegue emprego é agregado um sentido de estagnação, rigidez e atraso; ao trabalhador que consegue um emprego e tem sucesso é agregado um sentido de dinamismo, adaptação aos novos tempos e rompimento com as estruturas rígidas do emprego do passado.

Afora os acontecimentos com interesse jornalístico mais evidente (catástrofes, curiosidades, fatos inéditos), grande parte do que motiva o noticiário internacional é fruto de conflitos étnicos e religiosos que expressam a busca de direitos nacionais. É criada a partir destes conflitos a identidade dos separatistas, grupos étnicos que surgem em vários países e que são constituídos com características semelhantes. Os exemplos podem ser vistos no Journal, da Deutsche Welle tv, e do World News, BBC World.

Journal - Deutsche Welle tv

<i>Apresentador ao vivo</i>

"Na Espanha, o grupo terrorista basco, ETA, anunciou a suspensão completa da sua campanha violenta para forçar a libertação de integrantes do movimento que estão presos. É o primeiro gesto de conciliação do grupo desde a morte de um conselheiro (vereador) em julho passado. O assassinato de Miguel Angel Blanco causou revolta em toda a Espanha com milhões de pessoas participando de manifestações contra as atividades do ETA. O grupo já matou mais de 800 pessoas na sua campanha de 29 anos para separação do país basco."

World News - BBC World

Apresentador ao vivo

"O governo britânico confirmou que 500 soldados estão sendo retirados da Irlanda do Norte. É a primeira grande redução de tropas desde que o IRA anunciou o cessar-fogo em julho. As tropas devem deixar a região nos próximos dias."

Repórter em off

"Os soldados que serão retirados do país são do regimento de paraquedistas que até há pouco estavam baseados no norte de Belfast. O governo vê a redução das tropas como um passo em direção à normalidade. Mas a ameaça permanece e as forças de segurança não vão baixar a guarda. Houve revolta em algumas áreas contra a presença do exército, mas o chefe de segurança garante que as tropas ainda são necessárias."

Entrevista do chefe de segurança

"Sabemos que a presença das tropas incomoda parte da população, mas um cessar-fogo de um grupo não significa que todas as facções tenham aderido."

Repórter em off

"Durante o último cessar fogo do IRA também houve a retirada de tropas. A data precisa desta vez ainda deve ser confirmada em alguns dias. Mark Davenport, BBC News, Belfast."

A cobertura de conflitos constrói necessariamente identidades para os grupos separatistas e nacionalistas envolvidos. Os traços destas identidades são, de certa forma, comuns em função das semelhanças históricas e, principalmente, do discurso que sustenta o que é publicado a seu respeito. No dia escolhido para análise, a suspensão dos ataques do ETA, a organização separatista basca, recebeu destaque nos telejornais internacionais, mas não foi mencionada em nenhum telejornal local. A retirada de tropas britânicas da Irlanda do Norte recebeu destaque apenas no

telejornal da BBC. O fato que recebeu a maior relevância internacional foi o assassinato de um jovem israelense em Jerusalém, Israel. As reportagens, de uma forma geral, contaram todas a mesma história, sem diversidade de enfoque, muito em função de ser um material provido por agências internacionais de notícias. Segundo as reportagens, um jovem ortodoxo israelense que estudava para ser rabino teria sido morto, vítima de um atentado terrorista.

A cobertura jornalística factual de eventos históricos de tal complexidade como o movimento separatista basco, o ETA, o conflito político-religioso na Irlanda do Norte e o conflito árabe-israelense retira destes assuntos a profundidade com que deveriam ser observados. O que se vê na tela da televisão nestes casos são sempre as mesmas imagens: os atentados do ETA na Espanha, os conflitos de rua Irlanda do Norte e os tiroteios em Jerusalém, nada além disso. A superficialidade da cobertura absolutamente factual leva a uma repetição incessante dos mesmos fatos, sem que haja avanço algum. A cobertura conduz a um imobilismo e à apatia frente aos acontecimentos. Assim como na cobertura da violência urbana no Brasil, o jornalismo tende a contrapor o bem e o mal, simbolizando o bem pelos Estados constituídos e o mal pelos movimentos separatistas, sem buscar nenhuma racionalidade na seqüência dos fatos. O resultado é uma cobertura que não produz uma visão crítica, nem oferece condições de uma análise do que está a acontecer nestes lugares.

O material analisado confirma, portanto, a existência de comunidades hermenêuticas de consumidores que, em diferentes países, compartilham os mesmos gostos. Os cidadãos transnacionais também aparecem com identidades como a dos desempregados e ainda em movimentos nacionalistas como nos exemplos apresentados acima.

4. A sociedade organizada.

O número de notícias em que aparecem organizações não-governamentais como atores é apenas um pouco menor do que as que mostram o cidadão como consumidor. Do total, 18 ítems mostram o cidadão organizado em alguma associação, seja ela com fins comerciais, sindicais, assistenciais ou outros. O número representa 7,25% de todo o material analisado e desponta entre os mais destacados, juntamente com as reportagens que mostram o cidadão como consumidor e como vítima de violência.

O discurso associado às organizações não-governamentais é positivo em todas as reportagens apresentadas. Até mesmo nas reportagens que tratam da suspensão das atividades da torcida do Corinthians, a Gaviões da Fiel, acusada de violência contra outras torcidas, o enfoque dado é relativamente positivo. Os líderes da torcida aparecem falando dos trabalhos comunitários que a torcida realiza e de sua importância para a comunidade.

Cidade Alerta - Rede Record
<i>Apresentador ao vivo</i>
"E a cobertura do jornalismo da Record é pelo ar e pela terra, embaixo, lá no Vale do Anhangabaú está a repórter Célia Braun, estou abrindo espaço para você Célia.
<i>Repórter ao vivo</i>
"Boa Noite, até agora nada de confusão, nenhuma violência, pelo contrário, muito samba. Isso mesmo, a torcida organizada, Gaviões da Fiel, decidiu fazer este protesto aqui no Vale do Anhangabaú com muito samba. Eles deram uma paradinha agora para o pessoal falar. Na verdade, a manifestação aqui é contra a decisão da Justiça de proibir qualquer atividade relacionada ao futebol. Os 60 mil associados estão descontentes com isso. A entidade existe há 28 anos. Como eu disse, eles querem samba, gente, samba. O protesto é uma forma de ensaiar para o carnaval de 98. Certo. Chove aqui no centro da cidade, mas os torcedores não saíram não. (torcedores dão grito de guerra). É isso aí, samba, não violência."

A cobertura jornalística de um fato que envolve um grande número de pessoas, como uma torcida de um time de futebol, segue outros exemplos de

coberturas em que grupos humanos são o assunto principal. Nestes casos, o telejornalismo busca cobrir os fatos sem ferir os interesses destes grupos para não perder a audiência e ganhar a antipatia de um grande número de telespectadores. Mesmo que haja violência de fato, como aconteceu com a torcida dos Gaviões da Fiel, o telejornalismo busca desviar a atenção para outras qualidades da torcida, sem centrar o enfoque nas críticas à conduta de determinados torcedores. Esta opção pela cobertura acrítica se adapta ao gosto médio, reduz a chance de conflitos e garante os índices de audiência. A postura é semelhante à que é adotada em relação a seitas e grupos religiosos.

As organizações não-governamentais aparecem no noticiário principalmente como responsáveis por trabalhos comunitários, ajuda a pessoas carentes e denúncias de descumprimento dos direitos dos trabalhadores. De uma forma geral, é valorizado o trabalho de mobilização e organização destes grupos, que são apresentados em forma de reportagens mais longas, não factuais (atemporais), como exemplos de vida e de cidadania. Uma das mobilizações que foi notícia em três telejornais foi o movimento dos estudantes e da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) pelo desarmamento.

TJ Brasil - SBT
<i>Apresentador ao vivo</i>
"A arma de deputado assaltado foi aumentar o número de armas em mãos de assaltantes. Isso não aconteceria se ele estivesse engajado na campanha dos estudantes e da OAB em São Paulo. O repórter Brito Júnior está na sede da OAB e volta a falar ao vivo no TJ Brasil. Brito como está a campanha?"
<i>Repórter ao vivo</i>
"Só hoje foram recolhidas 200 armas, mas desde que a campanha começou mais de 1.300 armas foram entregues pela população aqui na OAB de São Paulo. E todas elas vão ser destruídas. Esta aqui tem uma história interessante: a pessoa que veio trazer disse que decidiu entregar a arma depois de ouvir no rádio a história do deputado Erasmo Dias. Diz o cidadão que preferia entregar a arma aqui na OAB que para um bandido. Hermano."

<i>Apresentador ao vivo</i>
Brito, a campanha tem data para terminar?
<i>Repórter ao vivo</i>
A campanha não tem data para terminar, tem seminários, tem palestras, mas o recolhimento de armas vai só até amanhã. Quem quiser pode procurar a sede da OAB em São Paulo das duas da tarde às oito da noite para entregar a sua, como fez um trabalhador que atravessou a cidade hoje para entregar a arma e depois pediu um real emprestado para voltar para casa de ônibus, um bom exemplo, Hermano."

O cidadão que participa de movimentos sociais ou de organizações aparece normalmente como um lutador, alguém que vence as dificuldades, alguém que tem sucesso apesar das adversidades. A valorização da mobilização da comunidade em entidades representativas se restringe às organizações não-governamentais. O cidadão simplesmente não aparece envolvido em atividades de política partidária, aliás, a cobertura de política praticamente inexistente em qualquer telejornal. Um estudo mais aprofundado poderia dizer o que está acontecendo com a cobertura de política nos telejornais. Nesta pesquisa há um indício de que os partidos políticos estão caindo numa espiral do silêncio, mas isso não pode ser afirmado com base apenas no material estudado.

Os novos movimentos sociais estão, portanto, representados na cobertura. Os direitos que eles buscam são principalmente em relação ao trabalho e à segurança. Não há referência a movimentos com outras reivindicações como grupos de mulheres, gays, ecologistas e outros, o que não quer dizer que estes não estejam representados. É que pela extensão do trabalho não há como afirmar se estes grupos estão sendo ignorados pela mídia e que tipo de construção discursiva recebem. Este não era, no entanto, o objetivo do trabalho e fica também como um questionamento para possíveis prolongamentos dos estudos sobre o cidadão na mídia.

Há desta forma uma valorização forte dos movimentos da sociedade civil enquanto que os feitos dos órgãos do Estado em temas correlatos aparecem

subvalorizados. Mesmo com a efetiva valorização dos atos do governo federal, leia-se governo Fernando Henrique Cardoso, é possível perceber que, na maioria dos casos, as fontes de informação da sociedade civil são normalmente as que geram as notícias, e as fontes oficiais só aparecem para responder às questões levantadas pela sociedade. As reportagens que têm como fonte geradora de notícia uma fonte oficial são em menor número. Isto é, assim como aparece em um determinado momento o esforço de uma comunidade para acabar com o trabalho infantil, não aparece nenhum registro do esforço dos órgãos estatais no mesmo sentido. Com isso, não se quer dizer que não haja este tipo de cobertura jornalística, mas, pelo menos no dia da análise, é flagrante a supremacia das fontes da sociedade civil em relação às fontes governamentais em reportagens que mostram ações sociais.

Conclusão

A narrativa que constrói a identidade dos cidadãos na mídia pôde ser analisada a partir do material empírico e com base no que foi proposto nos capítulos teóricos. Em termos gerais, a análise comprovou as questões levantadas e foi possível avaliar o processo de identificação que o cidadão sofre na televisão. As principais conclusões estão expostas a seguir.

O espaço audiovisual, pelo seu efeito de realidade, dá existência a idéias e representações que são integrantes dos discursos que constituem o social. Na amostra analisada, telejornais nacionais e estrangeiros de um dia específico, foi possível verificar através do estudo das identidades do cidadão a própria construção da narrativa que produz essas identidades. A construção da narrativa está ligada diretamente aos itens que foram analisados nos capítulos teóricos e comprova as hipóteses levantadas. O cidadão construído pela mídia assume características definidas em função de ser um produto do entrecruzamento dos discursos. Assim, o cidadão emerge no material analisado como um consumidor ou então como um produto a ser consumido. A narrativa constitui ainda a posição e a atuação do cidadão na sociedade.

Conforme sustentado nos capítulos teóricos, o discurso da lógica do mercado aparece como constituinte da narrativa sobre o cidadão em diferentes contextos. De forma explícita, isso é observado no momento em que uma parte significativa do material estudado apresenta o cidadão antes de tudo como um consumidor. Isto é, o telejornalismo trata os seus telespectadores como consumidores em potencial numa proporção que chega a um quinto do material exibido nos telejornais de maior prestígio. A observação de tal situação aponta para uma relação direta e presente de um espaço audiovisual plenamente preenchido pelo consumo e suas relações. A identidade do cidadão produzida neste espaço é um exemplo de mercadorização do

social, em que o indivíduo aparece representado a partir de qualidades relativas à sua possibilidade de consumo.

A narrativa que constrói as identidades dos cidadãos na mídia não se apresenta sempre de uma forma explícita no seu vínculo com a lógica do mercado. Assim, não é somente nos casos em que o telespectador é tratado como consumidor que a lógica do mercado se manifesta. A presença desse discurso se revela também nos enfoques das reportagens e nos temas escolhidos, juntamente com os casos em que o consumidor é o interlocutor preferencial dos canais de televisão. Desta forma, o fato de existirem telejornais dedicados exclusivamente ao relato da violência urbana denota uma escolha de mercado que não tem o cidadão como consumidor, mas como produto de forte apelo de consumo. A identidade que surge a partir desta escolha, relatada na análise do material empírico, constitui um cidadão passivo, inoperante, um simples coadjuvante em mais uma história de ação e luta entre o bem e o mal. O consumo da violência constrói o não-cidadão, uma identidade de um sujeito politicamente inepto e incapaz.

Assim como a escolha dos temas, os enfoques também revelam a lógica do mercado. Em diversas reportagens, a estrutura subjacente dá conta de que o mercado é um regulador mais eficiente do que o Estado. Em outras palavras, as identidades que se formam na narrativa audiovisual tendem a demonstrar o declínio do domínio do político face ao desenvolvimento do domínio do econômico. Desta forma, não é somente o cidadão que é tratado como mercadoria mas também assuntos como a educação, a saúde e a segurança pública, num processo em que o cidadão torna-se, como vimos, um consumidor.

O processo de identificação confirma a existência de comunidades de consumidores através dos países, conforme exemplos relatados na análise do material. As formas de identificação estão atravessando as culturas de tal forma que cada um pode ter acesso a variados produtos numa articulação flexível fazendo com que a

cultura passe a ser um processo de montagem multinacional. Assim, dentro de um mesmo país ocorre uma diferenciação que antes não era possível.

Os canais internacionais constróem, no entanto, outras identidades. Além das identidades dos consumidores transnacionais, a mídia internacional produz um processo de homogenização entre os países, descrito nos capítulos teóricos como um dos efeitos da globalização. Desta forma, por exemplo, o emprego e o desemprego assumem uma valoração simbólica que vai além do processo produtivo que lhes deu origem. Os novos significados associados pela mídia ao emprego ultrapassam as fronteiras. Além das imagens que são constantemente repetidas, as idéias de novas relações de trabalho servem de suporte para as reportagens que tratam do assunto em qualquer que seja a emissora ou país.

A repetição dos assuntos internacionais nas emissoras tem ainda outros efeitos na construção de identidades. Conflitos regionais de caráter nacionalista ganham destaque obrigatório nas redes internacionais de televisão e acabam por construir as identidades de grupos separatistas mesmo sem que imagens destes grupos apareçam na televisão. O tom superficial com que assuntos complexos são abordados segrega os grupos separatistas, que se tornam conhecidos tão-somente pelas imagens de terror e conflito. O registro absolutamente factual de tais eventos joga esses assuntos para o mesmo bloco das catástrofes da natureza e das curiosidades do mundo animal, num mosaico que acaba por perder o sentido profundo que tais conflitos teriam para as nações envolvidas. Resta apenas o fato puro e simples, sem o contexto que o gerou.

Esta tendência à superficialidade é não só um formato audiovisual de contar histórias, mas também um recurso usado para manter os níveis de audiência. Sendo o meio um forte propagador de idéias, a opção pela cobertura factual sem detalhamento e contexto é a que expõe de forma menos comprometedora o posicionamento explícito da mídia. O discurso que regula esta opção diz que quanto menos abertamente ideológico, maior será a chance de aceitação do noticiário em diversos

grupos sociais. É o recurso da isenção que está em jogo na busca de um produto tragável pela maioria. A superficialidade produz desta forma a despolitização do noticiário em função de, mais uma vez, uma opção de mercado.

O próprio funcionamento do campo jornalístico na televisão reúne características que favorecem a despolitização do noticiário. A emissão de opiniões intensas e o posicionamento partidário, eventos que possam desagradar de alguma forma a maioria difusa dos telespectadores, são evitados e a sua cobertura jornalística é feita pelo ponto de vista da maioria. Este trabalho demonstrou que esse ponto de vista da maioria é, mais uma vez, a chancela do mercado, isto é, essa maioria difusa - que serve de pretexto para as decisões tomadas pela mídia- representa uma maioria econômica e não política. O resultado desta opção é o que se chama de ditadura da maioria, que ocorre quando a regra majoritária é aplicada a uma sociedade altamente diversificada e complexa. Grupos minoritários são, desta forma, sufocados e tendem ao silêncio.

A ditadura da maioria se revela não somente na escolha, mas também na construção dos atores políticos. O ponto de vista da maioria irá definir o posicionamento social dos diferentes grupos a partir da noção de senso comum, que se apresenta como uma linguagem e se torna como uma estrutura subjacente à informação. Esta linguagem adotada pela televisão generalista dificulta a comunicação com outras linguagens dentro do espaço audiovisual, que é hoje uma das principais arenas da esfera pública. Assim, as informações que a sociedade terá disponibilizadas pela televisão estarão sempre dentro dos moldes pré-estabelecidos por esse discurso.

Uma das principais conseqüências da opção por agradar a maioria acontece no campo da cobertura política. No material analisado, se registrou um mínimo de cobertura de política partidária. O assunto simplesmente não faz parte da pauta da televisão que não se interessa pela divulgação dos conflitos e prefere dar espaço a assuntos de maior consenso. A opção recai então sobre as ações da sociedade civil,

que aparecem sobrevalorizadas na amostra estudada. Numa comparação simples entre as pautas que tiveram origem em fontes oficiais e em fontes da sociedade, chega-se a conclusão que a televisão praticamente ignora as ações sociais dos governos ao passo que dedica-se à promoção das iniciativas de cidadãos aparentemente desvinculados de partidos políticos.

A divisão entre movimentos sociais e ONGs fica clara na análise do material. Os cidadãos brasileiros que aparecem organizados em associações civis caracterizam basicamente o movimento popular, isto é, principalmente movimentos urbanos por melhores condições de vida. As ONGs, como são conhecidas, com finalidade de buscar direitos a partir de conflitos como os raciais, sexuais, ecológicos, etc, não estão representadas no noticiário. Isto é, não há referência à organização de cidadãos brasileiros em torno de questões que hoje preocupam os cidadãos de países desenvolvidos. Mesmo a representação de consumidores é feita sem a participação de organizações com fins políticos. O consumidor que aparece na televisão é atomizado e, normalmente, não representa nenhuma associação. Quando há essa representação, ela acontece através de um órgão do Estado, que é o Procon, o Serviço de Proteção do Consumidor.

Este trabalho buscou compreender como ocorre a construção da narrativa sobre o cidadão, ator político que é um dos pilares dos sistemas democráticos. Foram identificados os discursos que regem a emergência do cidadão na mídia, hoje um dos palcos principais dos embates políticos. O estudo reafirma a importância que deve ser dada ao estudo da mídia numa sociedade que se pretende democrática, principalmente hoje, quando os meios de comunicação assumem papel fundamental na luta política pela construção de significados.

Bibliografia

BELAU, Angel Faus. *La Era Audiovisual: Historia de los primeros cien años de la radio y la television*. Barcelona: Eiunsa, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *Sur la télévision*. Paris: Liber, 1996.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em Tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CHAMPAGNE, Patrick. *Faire l'Opinion: le nouveau jeu politique*. Paris: Minuit, 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Atica, 1995.

DAHLGREN, Peter. *Television and the Public Sphere*. Londres: Sage, 1995.

DAHLGREN, Peter & SPARKS, Colin. *Communication and Citizenship: journalism and the public sphere*. Londres: Routledge, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio: Forense Universitária, 1995.

KELLNER, Douglas. Constructing postmodern identities. In: LASH, Scott & FRIEDMAN, Jonathan. *Modernity & Identity*. Oxford: Blackwell, 1996.

LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. *Hegemony & Socialist Strategy: Towards a radical democratic politics*. Londres: Verso, 1994.

LACLAU, Ernesto. *The Making of Political Identities*. Londres: Verso, 1994.

LANDI, Oscar. *Devórame otra vez: qué hizo la televisión con la gente, que hace la gente con la televisión*. Buenos Aires: Planeta, 1992.

LIJPHART, Arend. *As Democracias Contemporâneas*. Lisboa: Gradiva, 1989.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1993.
- MOUFFE, Chantal. *The return of the political*. Londres, Verso, 1993.
- NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. *La espiral del silencio: Opinión Pública: metra piel social*. Barcelona: Paidós, 1995.
- NOVAES, Adauto. *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.
- TOURAINÉ, Alain. *O que é a democracia?* Petrópolis: Vozes, 1996.
- VAN DIJK, Teun A. *La Notícia como Discurso: Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1996.
- VEYRAT-MASSON, Isabel & DAYAN, Daniel. *Espacios Públicos en imágenes*. Barcelona: Gedisa, 1997.
- VIEIRA, Liszt. *Cidadania e Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- WOLTON, Dominique. *Éloge du Grand Public*. Paris: Flammarion, 1993.

Anexo 1
Transcrição de Telejornais
Dia 20 de novembro

Fita 1 Bom Dia Brasil - Rede Globo

- 0079 Reforma administrativa é aprovada no Congresso com 351 votos a favor. Governo conseguiu aprovar parte do projeto na noite anterior. Teto para os servidores públicos fica em R\$ 12.720,00. Funcionários poderão ser demitidos e só terão estabilidade no emprego depois de três anos. Aprovação foi considerada "vitória" do governo.
- 0211 Entrevista com Luís Carlos Bresser Pereira, ministro da Administração. Ministro vincula reforma com reflexos da crise internacional: "Reforma é importante por que estamos enfrentando uma crise internacional que tem repercussão no Brasil. Nós somos obrigados a tomar medidas de curto prazo. De repente, a aprovação vai ter repercussão internacional."
- 0308 Reportagem apresenta os reflexos da aprovação das medidas para o *consumidor*. Logo após a aprovação das medidas que reformam a administração pública na noite anterior, o Banco Central baixou as taxas de juros. Segundo o governo, o *consumidor* sai ganhando com a aprovação das reformas, já que, com juros mais baixos, o preços das compras a prazo caem também e o crédito fica facilitado.
- 0338 Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal aprova emenda sobre plebiscito para decidir sobre Congresso Revisor. Plebiscito deve ser junto com as eleições de outubro de 1998.
- Oposição pensa o contrário e tem ficado 'insistentemente' contra qualquer reforma. "Eles não se entendem", diz apresentador.
- 0384 Oposição não consegue fechar acordo para coalisão nas eleições de 1998. PT, PDT e PSB negociam.
- Bolsas de valores brasileiras surpreendem e fecham em alta. Explicação vem das 'boas' notícias internas: reforma administrativa e privatizações. Reportagem mostra alta na Bolsa do Rio e na Bovespa acompanhando alta em Nova York em contraste com a queda na Ásia.

- 0477 Comentarista de economia diz por que errou numa previsão feita no dia anterior em que estipulou o valor de venda de uma empresa estatal. Diz que baixa dos juros é simbólica e que o Banco Central tomou uma decisão política (baixando um pouco os juros), mas não abriu mão do rigor técnico da decisão.
- 0603 Bancos terão que pagar contribuição social sobre o lucro. Atualmente, os bancos não pagam Confins e "esta folga vai acabar". "Já era sem tempo", diz apresentador. "Quando é em cima do trabalhador é MP (Medida Provisória), quando é para os bancos é projeto de lei".
- 0629 Cálculo da poupança pode mudar. Seria baseado num índice como a inflação.
- 0680 Entrevista com Pedro Parente, secretário executivo do Ministério da Fazenda. Ele também atribui baixa dos juros à reforma administrativa.
- 0810 Manchetes dos principais jornais do país.
- 0900 Comentário de Ricardo Boechat
- 1000 Reportagem sobre o aumento das exportações brasileiras de carros para o Mercosul.
- Abertura das bolsas de valores no mundo.
- Previsão do tempo para o país.
- Nota sobre o enterro de Zózimo.
- 1260 Reunião em Genebra sobre o Iraque. Saddam concorda em deixar ONU inspecionar instalações. Inspectores da ONU já podem retornar ao país.
- 1290 Manchetes dos principais jornais internacionais.
- 1330 Seminaristas israelenses são vítimas de atentado, um deles morre. Palestinos são acusados.
- Realiza-se em Vancouver, no Canadá, encontro da agência de cooperação da Ásia e do Pacífico. Organizações não governamentais promovem discussão sobre direitos humanos no Encontro do

Povo, também em Vancouver. Independência do Tibet e luta do Timor Leste estão na pauta.

- 1370 20 de Novembro, Dia de Zumbi dos Palmares também é dia da consciência negra. Programa faz entrevista de estúdio sobre o Dicionário da Escravidão, que contém verbetes sobre a luta dos negros em 350 anos de escravidão. Entrevista com professor e jurista negro, Alaôr Scisínio, que apresenta o livro como um resgate da história e fala sobre a consciência do negro e o conhecimento sobre o passado no Brasil.
"Palmares foi a única revolução".
"Desejaria participação e conhecimento da história do escravo, do negro e do Brasil".
- 1570 Esporte
- 1650 Torcida de time de futebol tem as atividades suspensas por liminar na Justiça. Gaviões da Fiel está proibida de funcionar como torcida, podendo continuar atividades que envolvem carnaval e assistência social. Torcedores do Conrinthians teriam atacado ônibus com torcedores de outro time. Pedido de suspensão foi feito pelo Ministério Público.
- 1684 Tênis
- 1700 Brasileiros participam do Rally Paris Dakar.
- 1850 Fotógrafo brasileiro faz sucesso em Nova York e apresenta trabalhos no Museu de Arte Moderna.

Problema técnico impede apresentação da reportagem sobre as bodas da Rainha da Inglaterra.

Fita 1 TéléMatin TV5 France Internacionale

- 2535 Reunião em Luxemburgo discute emprego na Europa. Reportagem apresenta dados sobre o emprego na França, onde 15% ganham menos que o mínimo necessário. Emprego não garante o bem-estar nem evita a pobreza. Precariedade salarial atinge mais as mulheres: 78,8% dos que têm baixos salários são mulheres. A situação se agrava e o desemprego é cada vez mais freqüente.
- 2600 Empresa de trens de Paris aumenta a tarifa.

Corpo de dirigente do Partido Comunista francês é enterrado.
- 2620 Acidente entre TGV e caminhão na França.
- 2650 Jean Marie Le Pen, candidato da Frente Nacional, partido de extrema direita na França, será julgado. Le Pen é acusado de violência pública durante a campanha eleitoral.
- 2660 Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) realiza conferência sobre trabalho e direito infantil. Reportagem usa imagens clichés cedidas pela própria Unicef que mostram crianças trabalhando em países da África. Pesquisas fornecem número sobre mortalidade infantil, perigo de contaminação pela AIDS, educação e expectativa de vida de crianças no mundo.
- 2695 Corpos de turistas mortos no atentado em Luxor, no Egito são repatriados. Uma bomba atingiu um ônibus com turistas no início da semana. A maioria era suíça.
- 2705 Reunião do Conselho de Segurança da ONU em Genebra, na Suíça. Iraque volta atrás e deve aceitar nas próximas horas a entrada de inspetores norte-americanos na delegação da ONU.
- 2760 Estudante israelense é morto em atentado em Jerusalém.
- 2767 Americana dá à luz sete bebês.

2771

O Beaujolais Nouveau chegou! Degustadores e turistas provam o vinho que é uma tradição na terceira quinta-feira de novembro na França.

Fita 1 Journal - Deutsche Welle tv

- 3307 Iraque volta atrás e diz que vai permitir a entrada de inspetores de armas no país, inclusive os norte-americanos. Acordo é atribuído às negociações promovidas por diplomatas russos e foi fechado em Genebra. Iraquianos nas ruas protestam contra os EUA.
- 3366 Ministro das Finanças da Rússia é exonerado do cargo.
- 3430 Estudante israelense é morto em atentado e autoridades consideram um ato terrorista. Estudante morte era ultraortodoxo e estudava para ser rabino.
- 3455 ETA, organização separatista basca, anuncia suspensão de ataques terroristas.
- 3468 Militantes do grupo que assumiu atentado contra turistas em Luxor, no Egito, impõem condições para suspender ataques.
- 3480 Chegam a Zurique corpos dos turistas mortos em Luxor.
- 3495 Crise política abala a Índia.
- 3505 Acidente com um trem assusta moradores de Elsterwerda, na Alemanha.
- 3518 Reunião de Cúpula em Luxemburgo discute o emprego na Europa.
- 3535 Exemplo ilustra cobertura sobre emprego na Europa. Os jovens têm dificuldades de encontrar estágios. Uma estudante chegou a mandar mais de 100 currículos até conseguir um estágio. Há poucas oportunidades para muitos trabalhadores. Um centro em Dresden dá treinamento para jovens que não conseguem colocação e é subsidiado pelo Estado.
- 3590 Previsão do tempo.
- 3644 Espiões são presos na Coreia do Sul.
- 3660 Economia

Coréia diz não precisar da ajuda do Fundo Monetário Internacional para superar crise das bolsas.

- 3673 Cotações do mercado financeiro.
- 3693 Ricos se utilizam de incentivos fiscais e deixam de pagar impostos. Numa das cidades com maior renda per capita na Alemanha, Bad Homburg, a receita não recebeu um centavo dos moradores este ano e lá só moram ricos. Eles aproveitam os incentivos fiscais, como, por exemplo, a recuperação de prédios na antiga Alemanha Oriental. A isenção e o abatimento vale a pena a longo prazo, mesmo que o investimento não seja bom.
- 3750 Ônibus espacial Columbia decola de Cabo Canaveral, nos EUA. Um japonês participa da missão espacial.
- 3766 Séptuplos nascem em Des Moines, nos EUA. É o único caso registrado até hoje em que os bebês permanecem com vida após o parto.
- 3786 Rainha Elisabeth e Príncipe Philip comemoram bodas de ouro em Londres. Cerimônia repete o casamento há 50 anos na Abadia de Westminster. Reis e rainhas da Europa participam da homenagem.

Fita 1 - Primera Edición - CNN en Español

- 4509 Iraque aceita inspetores de armas de volta, inclusive norte-americanos.
- 4678 Estudante israelense é morto em bairro muçulmano em Jerusalém.
- 4708 ETA, organização separatista basca, suspende ataques.
- 4763 Agentes mexicanos fazem manifestação contra a prisão de "zorros", policiais acusados de tortura.
- 4780 Raul Salinas de Gortari é condenado pela Justiça mexicana.
- 4788 Funcionários públicos protestam na Venezuela por melhores salários. Estudantes se unem a eles e pedem mais verbas para a educação de nível superior.
- 4802 Ministro das Finanças da Rússia volta ao cargo.
- 4813 Economia
- 4865 Esportes
- 4947 Rainha Elisabeth e Príncipe Philip comemoram bodas de ouro em Londres. Cerimônia repete o casamento há 50 anos na Abadia de Westminster. Reis e rainhas da Europa participam da homenagem.
- 4964 Séptuplos devem sobreviver. Os avós estão orgulhosos.
- 5063 Fechado acordo com Iraque para a volta de inspetores da ONU.

Fita 1 - Em Cima da Hora - Globo News

- 5548 Indicadores econômicos.
- 5589 Previsão do tempo nas capitais.
- 5600 Nota de abertura ainda fala na votação da reforma administrativa na noite anterior. "Primeira batalha está ganha: Câmara aprovou reforma administrativa."
- 5610 Câmara vota hoje quebra de estabilidade. Cobertura ao vivo da Câmara.
- 5637 Governo anunciou queda nos juros depois da aprovação da reforma administrativa. "Em dia de vitória no Congresso, até o consumidor saiu ganhando: o Banco Central divulgou taxas de juros mais baixas."
- 5661 Dinheiro das privatizações terá que ser usado para abater dívida dos Estados. Governadores pretendiam usar o dinheiro para atrair investimentos e realizar obras.
- 5669 Bradesco compra a Companhia União de Seguros Gerais com ágio de 41%. Venda de estatal gaúcha foi esta manhã em Porto Alegre.
- 5694 Associação Brasileira de Comércio Exterior faz seminário no Rio.
- 5712 Exportação de carros para os países do Mercosul aumenta.
- 5735 Governo consegue aprovação da prorrogação do FEF, o Fundo de Estabilização Fiscal.
- 5739 Aposentados vão receber 13º salário no dia 1º de dezembro.
- 5752 Vaticano divulga agenda do papa em Cuba.
- 5765 Governo de Tony Blair presta homenagem por ocasião das bodas de ouro da rainha Elisabeth.

- 5791 Crise econômica da Coreia do Sul pode obrigar país a recorrer ao Fundo Monetário Internacional.
- 5802 Iraque anuncia que inspetores da ONU pode voltar ao país. População iraquiana comemora nas ruas o que considera uma vitória de Saddam.
- 5832 Grupo islâmico que assumiu atentado a turistas em Luxor, no Egito, pede trégua ao governo egípcio.
- 5840 Assassinato de repórter é investigado no Chile.
- 5863 Estádio é inaugurado na França
- 5882 Esporte
- 5893 Cruzeiro vai para Tóquio. Reportagem mostra que jogadores vão fazer compras no "paraíso da tecnologia".
- 5918 Rally Paris-Dakar. Brasileiros se preparam.

Fita 2 - Edição da Tarde - Rede Manchete

- 0081 Vai ser enterrado à tarde o jornalista Zózimo.
- 0110 Votação em segundo turno da reforma administrativa. Taxas de juros caem. Anúncio é "bom para o consumidor".
- 0166 Surpresa: prefeitos e governadores terão que pagar dívidas com os recursos das privatizações. Eles esperavam usar os recursos para investimentos e obras, mas medida do governo os obriga a saldar dívidas.
- 0357 Comissões do Congresso que analisam pacote fazem contas.
- 0421 O ministro da Fazenda, Pedro Malan, fala na abertura do Congresso sobre Comércio Exterior no Rio. Diz que as distorções fiscais devem ser atacadas.
- 0490 Governo reduz as taxas de juros.
- 0530 No dia da consciência negra, mulheres não têm o que comemorar. Uma pesquisa revela que as negras são discriminadas. O salário das negras é menor. Reportagem mostra exemplo de mulher negra instruída que diz não ter conseguido emprego em empresa multinacional por causa da cor da pele.
- 0611 Campanha pelo desarmamento dos estudantes de São Paulo chega ao fim. Entrevista com o representante da OAB: em quatro meses conseguiram recolher mil armas.
- 0806 Iraque recua a aceitar inspetores da ONU.
- 0820 Estudante israelense é morto em atentado em Jerusalém.
- 0827 Séptuplos nascem nos EUA.
- 0837 Bodas de Ouro da Rainha da Inglaterra são comemoradas na Abadia de Westminster, em Londres.
- 0850 Ministro da Rússia vem ao Brasil

0876

Garota pobre tem futuro promissor no esporte. Já conseguiu o terceiro lugar no campeonato de judô. Tem bolsa de estudos, mas enfrenta rotina pesada e faz planos.

Fita 2 - Jornal Hoje - Rede Globo

- 1223 Brasileiros começam a receber o 13º salário. A maioria não vai fazer compras de fim de ano. Publicitário não vai usar o 13º para as férias, vai pagar dívidas. Casal vai pagar as chaves de apartamento. Previsão de especialistas diz que salário não vai para novas compras, mas para quitar dívidas.
- 1264 Jovens encontram saída na empresa júnior para entrar no mercado de trabalho.
- 1312 Tentativa de assalto termina em tiroteio num dos bairros mais movimentados de São Paulo. Filho de Abílio Diniz foi atacado na saída de um banco. João Diniz fugiu em alta velocidade.
- 1325 Cupons de lojas viram mania no Recife. O consumidor ganha cupons para concorrer a prêmios.
- 1364 Consciência negra. Reportagem mostra os negros na Bahia, onde vivem 27% dos negros brasileiros, apresenta os negros como raça que "confia na própria cor". Segundo a reportagem, existe uma "diversidade em impulso" e "a discriminação deu lugar à dança, aos sons e à arte". A reportagem apresenta uma visão positiva, orgulhosa da negritude, valorizando os traços culturais especialmente na música, na dança e no teatro, coincidentemente, bens culturais de grande consumo.
- 1467 Projeto tenta evitar fraude de empresas que não recolhem o FGTS, o fundo de garantia por tempo de serviço. Pelo projeto, o trabalhador sai da empresa com um cheque no valor do FGTS na, o que "dá mais segurança para o trabalhador".
- 1491 Votação de destaques da reforma administrativa.
- 1518 Mudanças na TR.
- 1539 Bradesco comprou Companhia União de Seguros Gerais por 50 milhões de reais.
- 1546 Cotações do mercado financeiro.

- 1554 Mutuários têm a opção de mudar o vencimento da casa própria.
- 1562 Reportagens mostra consumidores que adoram comprar importados supérfluos, entre eles gente famosa como Míriam Rios.
- 1664 Bodas de Ouro da Rainha Elisabeth em Londres. Homenagem do governo de Tony Blair e cerimônia na Abadia de Westminster com a presença de reis e rainhas europeus.
- 1699 Iraque aceita inspetores de volta ao país.
- 1712 Previsão do tempo.
- 1723 Brasileira faz sucesso em Nova York: Jussara Lee. "Ela é estilista e mistura culturas de berço."

Fita 2 - World News - CNN

- 1830 Iraque aceita receber inspetores de volta. Declarações do presidente Bill Clinton dão conta que só acredita vendo delegação da ONU trabalhando no Iraque. Nas ruas, iraquianos expressam anti-americanismo.
- 2057 Reportagem mostra órfãos da epidemia da AIDS no mundo. O problema é mais grave em 23 países. A previsão indica que em 2010 serão 42 milhões de órfãos da doença no mundo.
- 2148 Cobertura ao vivo da entrevista coletiva do Conselheiro Nacional de Segurança dos EUA, Sandy Berger. Assunto: crise com o Iraque.
- 3050 Osni Mubarak - Egito
- 3165 Norte-americana dá a luz séptuplos. Internet já tem página para pais de bebês múltiplos.
- 3221 Força adicionais para o golfo são anunciadas no Pentágono.
- 3256 Economia

Fita 3 - World News - BBC World

- 0030 Iraque concorda em receber inspetores da ONU novamente. Iraquianos consideram negociações uma vitória.
- 0182 Ministro das Finanças da Rússia é exonerado.
- 0240 Luxemburgo: líderes europeus se reúnem para debater desemprego. Pequena revolução nos negócios na Itália em função da crise nos empregos.
- 0349 Índia
- 0367 Discussões sobre impeachment do presidente do Paquistão.
- 0380 Estudante judeu é morto e outro ferido em emboscada em Jerusalém.
- 0422 Soldados são retirados da Irlanda do Norte.
- 0462 Rainha comemora bodas de ouro.
- 0480 Séptuplos nascem nos EUA. Comunidade se mobiliza para ajudar: angariam dinheiro, roupas e até sangue.
- 0540 Cotações dos mercados.
- 0590 Esportes
- 0656 Calor muda gestação de ouriços. Os que nascem no final do verão estão ameaçados pelo rigor do inverno e têm menos chances de sobreviver.
- 0716 Cobertura ao vivo da Abadia de Westminster, onde é celebrada a cerimônia em comemoração às bodas de ouro da rainha.
- 0747 Previsão do tempo.

Fita 3 - Dia a Dia - Band

- 0832 Lançamento de livro: A Invasão da Intimidade.
- 0850 Presos da Casa de Detenção vão produzir fantasias para escola de samba. 20 presos terão recompensa em dinheiro e redução da pena.
- 0877 Esporte
Gaviões da Fiel tem atividades suspensas como torcida de futebol.
- 1018 No dia nacional da consciência negra, reportagem apresenta negros como consumidores. Os produtos específicos e a moda para a raça negra.
- 1237 Ministério público de São Paulo cria grupo para atender a terceira idade. Grupo vai receber denúncias. Presidente do Conselho do Idoso fala sobre a importância do tema. Reportagem dá endereço e telefone para denúncias.
- 1403 Infecção hospitalar mata bebês em São Paulo. Mãe chora por que perdeu o filho. Sindicato dos servidores denuncia sujeira e falta de equipamento e põe culpa a prefeitura. Sindicato médico quer investigação.
- 1670 Vestibular para escolas de segundo grau. Comentarista reclama que escolas selecionam alunos pela situação sócio-cultural.
- 1745 Denúncia de exploração de mão-de-obra infantil em Sergipe. 50 mil colhem laranjas no interior do Estado das 7h às 17h. Pais levam os filhos para trabalhar e tiram-nos da escola. Pessoas dormem no chão e dividem espaço com agrotóxicos. Secretária de finanças de um município é dona das terras onde as pessoas são exploradas. Um movimento popular tenta acabar com o trabalho infantil. Líder, que é do sindicato dos trabalhadores, já sofreu atentados e está jurado de morte.
- 1780 Projeto tenta evitar fraude no FGTS.
- 1789 Reforma administrativa.

Fita 3 - Aqui Agora - SBT

- 2832 Ex-secretário de Segurança de São Paulo é assaltado e mantido como refém. Mulher conta como foi a ação dos assaltantes. Mulher chora ao lembrar que eles ameaçaram estuprar a filha dela. Os quartos aparecem revirados. Assaltantes trancaram os moradores num quarto. Ex-secretário diz "bandido bom é bandido morto. E bem morto."
- 2919 Garotos são levados à delegacia para tentar identificar segurança da USP, Universidade de São Paulo, acusado de matar um menino, encontrado morto na raia de canoagem da universidade.
- 3058 Tentativa de assalto provoca consusão na zona sul de São Paulo. Filho de Abílio Diniz seria sequestrado, mas seguranças impedem. Houve troca de tiros. Assaltante foi morto com 15 tiros. Polícia acredita que foi um alto a banco e presença do filho de Abílio Diniz teria sido coincidência.
- 3120 Pedalando contra as drogas. Macalé, ciclista que dá palestras, percorre o país de bicicleta. Só que agora ele está sem bicicleta. Dá mensagem para crianças num ginásio e depois ganha uma bicicleta nova de alunos e professores.
- 3184 Assassinos confessam a morte de professora em Osasco. População diz que ela era boa.
- 3285 Contrabando de fósseis no Ceará. A polícia descobriu um depósito clandestino.
- 3349 Carros são discotecas ambulantes. Concurso vai premiar som automotivo. Aficionados são considerados "malucos" pela reportagem.

Fita 3 - TJ Brasil - SBT

- 3425 Violência bate à porta de quem foi morar fora de São Paulo. Assaltantes estão procurando condomínios fechados.
- O número de assaltos cresce. O deputado Erasmo Dias (ex-secretário de Segurança de São Paulo) é assaltado em casa de amiga. A arma dele foi levada por assaltantes.
- 3472 Cobertura ao vivo direto da OAB de São Paulo sobre campanha de desarmamento que mobiliza a cidade. População é convocada a entregar qualquer tipo de arma, sem punição ou sanção.
- 3486 Filho de Abílio Diniz envolvido em tentativa de seqüestro ou assalto. Policial militar conta como foi.
- 3512 Tensão e pânico em Vitória no Espírito Santo. Quatro assaltantes fazem 30 reféns durante assalto a banco.
- 3524 Crise entra Iraque e EUA é resolvida. Inspetores da ONU poderão voltar ao país.
- 3530 Esporte
- 3583 Juros caem pouco. Sindicato varejista reclama das taxas.
- 3603 Intoxicação em massa em Frei Miguelinho por causa de um pastel de queijo estragado.
- 3622 Beaujolais nouveau chegou! Reportagem mostra degustadores em São Paulo.

Fita 4 - Jornal Nacional - Rede Globo

- 0518 Empresas antecipam o 13º salário. Reportagem tenta mostrar o que fazer: gastar, poupar, saldar dívidas. Pessoas falam o que vão fazer. Especialista dá a dica.
- 0571 Juros em baixa. Lei da oferta e da procura regula o mercado. Lojista agüentaram firma apostando que o governo baixaria os juros.
- 0664 Assalto provoca tumulto em São Paulo. Filho de Abílio Diniz é assaltado. Assaltante é atingido por segurança e revida, mas acaba morto com 11 tiros. Desde o sequestro em 1989, a família de Abílio Diniz só sai de casa em carros blindados protegidos por seguranças.
- 0695 Procuradoria da República e Ministério Público do Trabalho vão investigar o drama dos lavradores contaminados por agrotóxicos. A série de reportagens apresentadas no JN alertou para os perigos do campo.
- 0705 Veneno na mesa do consumidor. Quanto chega à mesa do consumidor? 8 a 10 amostras de frutas e legumes são analisadas e apresentam agrotóxicos. Consumidor passa mal, mas não morre.
- 0810 Aposentados correm o risco de ficar sem pagamento. Já estão no terceiro recadastramento devido a um problema burocrático. Aposentados gritam, esperneiam, reclamam, dizem que é um desrespeito. Jogo de empurra entre órgãos oficiais.
- 0871 Previsão do tempo.
- 0880 Dia da Consciência Negra. Escola no Rio dá aula sobre os heróis negros. Jovens negros dizem que não conheciam outros heróis a não ser os tradicionais.
- 0989 Justiça de São Paulo determina investigação na Febem. JN mostrou jovens que cometeram delitos leves junto de quem já matou. 8% dos internos já mataram alguém. 60% têm entre 17 e 20 anos. Nível sócio-econômico dos jovens não é tão ruim, segundo reportagem, as drogas são o problema.

- 1038 Quatro homens assaltam banco em Vitória e mantêm funcionários e clientes como reféns.
- 1055 Um país na torcida. Norte-americanos acompanham nascimento dos séptuplos, que foi considerado um milagre. A população está juntando dinheiro. Fabricante de fraldas deu suprimento para a vida toda dos bebês. Conta do hospital pode chegar a um milhão de dólares. Médicos aconselharam aborto, mas família não quis por motivos religiosos.
- 1150 Prefeito cancela decreto que proibia a venda de camisinhas na cidade de Bocaiúva do Sul. O decreto revoltou a população e foi motivo de chacota.
- 1172 Saddam aceita volta de inspetores da ONU. Em Bagdá, iraquianos comemoram nas ruas.
- 1183 Meio século de um casamento discreto num reino cheio de escândalos. Bodas de ouro da rainha Elisabeth.

Fita 5 - Cidade Alerta - Rede Record

- 0522 Menor infrator atira contra a polícia dentro de juizado no Rio.
- 0599 Empresário seqüestra primo do governador Dante de Oliveira.
- 0651 Crime se organiza cada vez mais. Quadrilha que tinha policiais militares "roda" no interior da Bahia. Apreensão de armas e valorização do trabalho da polícia.
- 0761 Chamada de Sorteio.
- 0872 Acidente: reportagem acompanha bombeiros.
- 0980 Campanha da OAB e estudantes de São Paulo: "Eu sou da paz". Pessoas entregam armas. Depoimentos que quem está entregando as armas.
- 1137 Sorteio.
- 1158 Presa em Belo Horizonte quadrilha que assaltava postos de gasolina. PM prendeu os quatro bandidos. Tinha cobertura de soldado da PM. Entrevista presos, vítima e delegado.
- 1273 Associação Beneficente Cristã, associação não-governamental, ajuda idoso que pode perder a perna. Levam da vila ao hospital na ambulância. Reportagem pergunta ao médico o que pode ser feito. Cenas são nojentas.
- 1277 Consumidor reclama pagamento do seguro-fiança. Repórter chama polícia em defesa do consumidor e encaminha tudo. Vão até a delegacia de economia popular. Interessado praticamente não fala, fica tudo por conta da reportagem. Mais casos semelhantes são registrados.
- 1506 Sorteio.
- 1530 Bloquio da "Garra" pega procurado da Justiça.

- 1660 Policiais da Rota prendem 2 dos 7 que tentaram assaltar um banco. Com eles, armas e drogas. Mulher é assaltada.
- 1803 Sorteio.
- 1855 Varredura encontra armas e crack no Carandiru.
- 1977 Sorteio.
- 1990 Treinamento de policiais na mata no Rio. Última noite do treinamento. Soldado diz que vale a pena passar fome no curso de sobrevivência.
- 2126 Quadrilha especializada em cargas é presa. Entrevista do delegado. Foram encontrados equipamentos eletrônicos, carburadores e medicamentos em cinco caminhões. Pobre, malvestido é o ladrão.
- 2214 Cobertura ao vivo. Gaviões da Fiel fazem protesto no centro de São Paulo contra a proibição da torcida pela Justiça. Se dizem pacíficos, segundo a reportagem, e querem samba, nada de violência.
- 2269 Sorteio.
- 2284 Ladrões queriam roubar carro de policial militar fardado e entraram na maior fria.
- 2376 Dois homens são assassinados em São Paulo. Crime está ligado às drogas.
- 2424 Sorteio.
- 2428 Policiais vasculham morro para achar cativo de seqüestrado. Menores são detidos. Seqüestrado seria filho de empresário.
- 2496 Sorteio.
- 2501 Mãe pede que devolvam bebê a ela em Goiás. Investigação ouviu testemunhas.
- 2542 Sorteio.

- 2548 Maus tratos contra menino. Menino é queimado para aprender a não mexer nas panelas. Mulher é acusada de ter matado dois.
- 2600 Idosos aceitam desafio de viveram juntos em asilo. "Provam que nunca é tarde para ser feliz".
- 2668 Sorteio final.

Fita 5 - Jornal da Record - Rede Record

- 2712 FHC fala a empresários no Rio de Janeiro.
- 2732 Pesquisa nos EUA diz que manteiga é mais saudável que margarina. Consumidores falam a sua experiência pessoal. Especialista aconselha.
- 2764 Aids avança no Brasil e as mulheres são as maiores vítimas. Heterossexuais são os que têm o índice de contaminação maior. Uso da camisinha por casais ainda é tabu.
- 2799 Gêmeos séptuplos surpreendem e têm chances de sobreviver. Alta está prevista para janeiro de 1998.
- 2816 Representante de Organização Não-Governamental pede segurança no bairro dos Jardins, em São Paulo. Reivindicação é entregue às autoridades. Cidadãos reclamam da falta de segurança. Reportagem mostra grades, alarmes, seguranças e empresas de vigilância.
- 2916 Professor que é acusado de colocar bomba no vôo da TAM começa a recuperar consciência, depois de atropelamento em São Paulo.
- 2928 Gaviões da Fiel protestam contra extinção da torcida do Corinthians em manifestação no centro de São Paulo.
- 2959 Crianças são exploradas na colheita da laranja. Mão-de-obra barata de crianças de apenas cinco anos. Dos 110 mil, 12 mil são crianças. Pessoas dizem que tem que se submeter para ganhar dinheiro para sobreviver.
- 3052 Crise na Ásia: caem as ações na Coréia do Sul.
- 3066 Mercados mundiais fecham em alta.
- 3078 Comentário econômico.
- 3095 O presidente Fernando Henrique Cardoso participa de congresso no Rio. Funcionários da Fundação Nacional de Saúde protestaram. Exportadores discutem medidas e FHC entrega prêmios.

- 3135 Previsão do tempo.
- 3200 Vendedores de carro usados apostam no 13º salário para recuperar vendas, que estão em queda. Bancos financiam os carros, que segundo a reportagem, são vendidos com prejuízos. Está bom para o consumidor.
- 3231 Governo reduz IPI dos carros. Medida faz parte de ajuste fiscal.
- 3277 Cúpula Européia sobre Desemprego chega ao final com modesto pacote.
- 3290 PT e PDT aprofundaram namoro em Florianópolis. Brizola aceita candidatura à vice-presidência. Lula espera fechar acordo.
- 3370 Inspetores da ONU retornam ao Iraque.
- 3384 Navalha na carne estréia no Rio. Vera Fischer assiste à pré-estréia acompanhada de prostitutas. Vera diz que elas merecem a homenagem.

Fita 5 - Jornal da Band - Rede Bandeirantes

Jornal é especial. Foi apresentado diretamente de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, lugar considerado a "Califórnia brasileira".

- 3433 Corte de funcionários anunciado pelo governo federal no pacote será menor. Antes haverá recadastramento.
- 3461 De cada 10 brasileiros 8 vivem em cidades. E estes não têm idéia do que se passa no interior do país. Produtividade brasileira boa e não é mania de grandeza.
- 3489 Usina será capaz de produzir energia elétrica. Reportagem mostra alta tecnologia no campo, fusão de usinas gera maior produtor de álcool e açúcar do país.
- 3532 Nordestinos migram para a "Califórnia brasileira" e não encontram emprego.
- 3591 Protesto de funcionários públicos no Rio contra Fernando Henrique Cardoso. Presidente se mantém otimista.
- 3603 Colheita da cana continua em Ribeirão Preto, mesmo à noite. Empresas funcionam 24 horas por dia.
- 3612 Reportagem mostra produção de grãos no país. Produtividade está aumentando em cooperativa no Paraná. "Hoje, agricultura é ciência e agricultor é empresário".
- 3698 Justiça penhora estádio no Paraná. A dívida é de 4,5 milhões de reais.
- 3704 Estudante mobiliza colegas para angariar alimentos para pessoas pobres.
- 3713 Inspetores da ONU voltam ao Iraque.
- 3722 Anistia Internacional revela fotos de violência no Timor Leste.

- 3728 Coréia do Sul pede ajuda ao FMI.
- 3731 Política comum contra o desemprego é proposta na Europa no final da reunião de cúpula em Luxemburgo.
- 3735 Aquarela do Brasil é a música mais importante do século no país. Escolha foi feita pela Academia Brasileira de Letras. A Aquarela foi composta em 1939 por Ari Barroso.
- 3764 Ribeirão Preto tem problemas de cidade grande. Jovens rebeldes.
- 3791 Entrevista com presidente da Usina de cana Santa Elisa, local de onde foi apresentado o telejornal.
- 3823 O que tem de melhor na região de Ribeirão Preto. Festa do peão de boiadeiro, calçados para exportação, time de basquete, universidade.
- 3852 Com todo o calor que faz na região, chopperia faz sucesso na cidade.

Fita 5 - Jornal da Manchete - Rede Manchete

- 3884 Reportagem apresenta a recuperação de um jovem viciado em drogas.
- 3915 Telejornal convida telespectador a denunciar crimes contra as crianças.
- 3919 Séptuplos que nasceram nos EUA passam bem e vencem luta pela vida.
- 3993 Reportagem levanta discussão entre formação superior e formação técnica. Um trabalhador diz que formação técnica é suficiente. Reitor diz que universidades devem se aproximar do mercado. Diretor de escola diz que curso técnico dá boa formação. Reportagem mostra como o ensino se adapta ao mercado e dá exemplos.
- 4028 Projeto contra nepotismo é aprovado em São Paulo. Em Guarulhos, prefeito emprega 10 parentes e não comenta o assunto. Procuradoria investiga enriquecimento ilícito e população condena atitude do prefeito.
- 4137 Protesto de funcionários da Fundação Nacional de Saúde no Rio. FHC discursa na Firjan.
- 4169 Governo adia demissão de 33 mil servidores não-estáveis. Vai fazer recadastramento antes.
- 4192 Senado adia votação sobre plano de saúde. Reportagem mostra exemplo de mãe que perdeu o filho durante negociação com o plano de saúde. Bebê acabou nascendo prematura e morto. Plano havia prometido assistência e não deu. Projeto está há 4 anos no Congresso. 25% dos registros de reclamação no Procon são contra os planos.
- 4281 Quadrilha confunde a polícia e assalta 2 agências quase ao mesmo tempo.
- 4298 Quanto custa a segurança da população? Reportagem apresenta número de policiais, furtos e roubos. Mostra como a população está se protegendo e quanto custa a segurança. Assaltos

acontecem no farol, no caixa-eletrônico.
Investimento do governo em segurança é pequeno,
12% da arrecadação. A segurança está à venda em
feira em São Paulo. Cidadãos investem pesado para
garantir tranquilidade.

- 4363 Reportagem mostra policial militar que faz mímica à beira da estrada. Motoristas entrevistados aprovam.
- 4451 Esporte
- 4500 Gaviões da Fiel fazem festa para protestar contra proibição da Justiça. Multidão de torcedores participa. Diretoria de associação não teme multa.
- 4579 Água que abastece Brasília pode estar contaminada. Veneno vai parar na mesa dos brasileiros. Nem consumidores mais atentos escapam. Embrapa fez pesquisa no Distrito Federal que comprova problemas.
- 4604 Inspetores estão de volta ao Iraque. Bill Clinton diz que vai manter a pressão.
- 4614 Carro com micromotor é apresentado numa feira australiana.
- 4620 Lagosta branca vale 33 mil dólares. Pescadores ingleses não sabiam e entregaram o animal por valor inferior. Depois, pediram de volta.
- 4630 Pessoas se preparam para o Natal. Exposição no Rio mostra tradição de países diferentes.